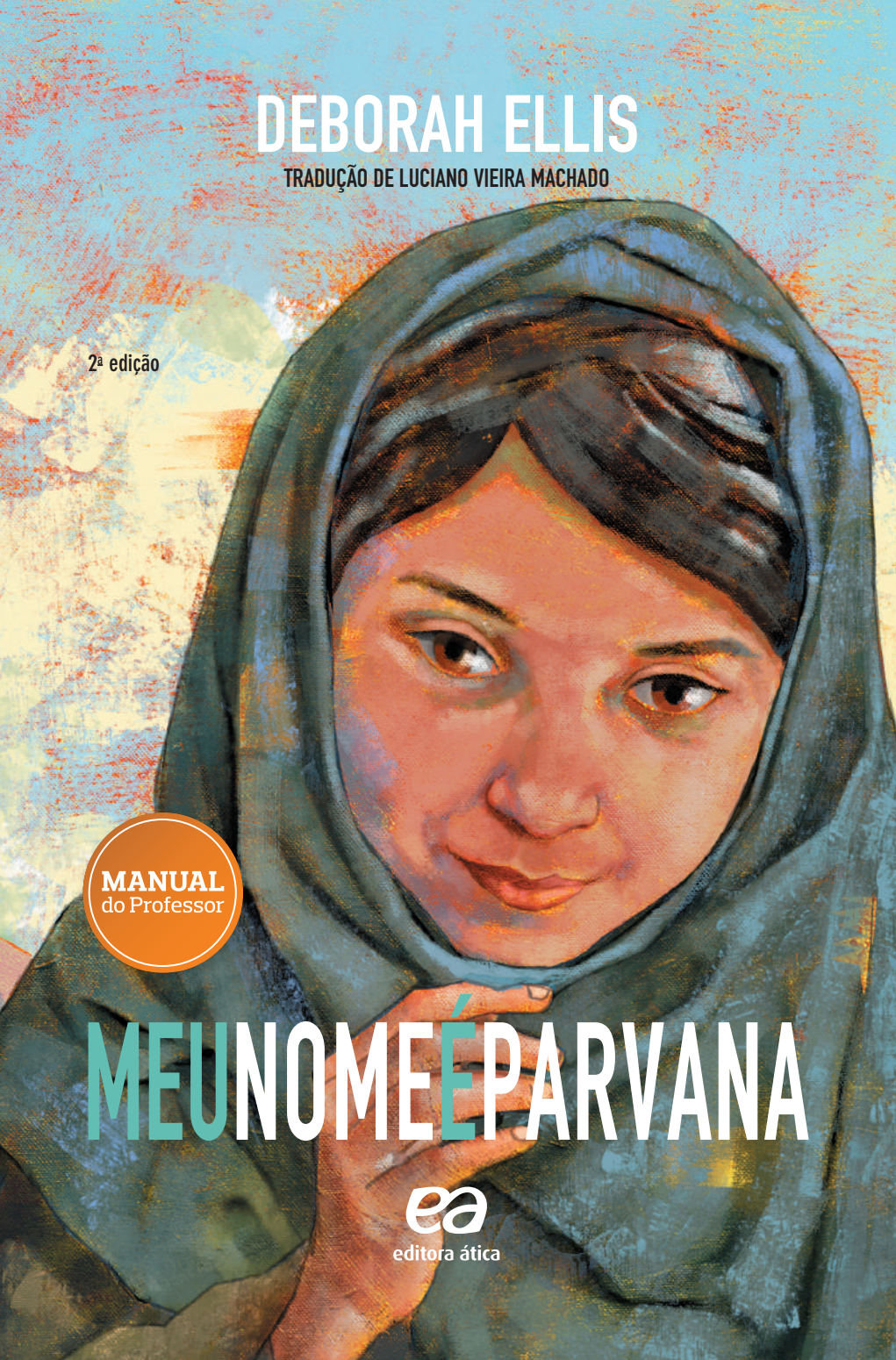




DEBORAH ELLIS

TRADUÇÃO DE LUCIANO VIEIRA MACHADO

2ª edição

MANUAL
do Professor

MEU NOME É PARVANA

ea

editora ática

Deborah Ellis

MEU NOME É PARVANA

Tradução

Luciano Vieira Machado

2ª edição

2018

ea
editora ática

Título original: *My name is Parvana*
Título da edição brasileira: *Meu nome é Parvana*
© 2012 by Deborah Ellis
Published in English in Canada and the USA by Groundwood Books Limited
www.groundwoodbooks.com

Diretoria editorial Lidiane Vivaldini Olo
Edição Camila Saraiva
Tradução Luciano Vieira Machado
Preparação Sílvia Massimini Felix

Gerência de produção editorial Ricardo de Gan Braga

Arte

Soraia Pauli Scarpa (coord.)

Ilustração de capa Rogério Soud

Revisão

Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.),

Rosângela Muricy (coord.), Célia Carvalho, Gabriela M. Andrade e Hires Heglan

Iconografia

Sílvio Klugin (superv.), Cesar Wolf e Fernanda Crevin (tratamento de imagem)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ellis, Deborah

Meu nome é Parvana / Deborah Ellis ; tradução

Luciano Vieira Machado. — 2. ed. — São Paulo :

Ática, 2018.

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

18-17090

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5

2. Literatura infantojuvenil 028.5

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

ISBN 978-85-08-19041-6 (aluno)

ISBN 978-85-08-19088-1 (professor)

2ª edição, 2018



editora ática

Todos os direitos à Editora Ática S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7221
3ª andar – Setor A – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP

Venha conhecer uma menina inesquecível. O nome dela é Parvana, e ela vive no Afeganistão. Em tempos muito duros. Nem vou contar nada da vida dela para não estragar a surpresa da leitura. Mas posso garantir que ela é uma danadinha de valente. E você não vai resistir: vai se sentir amigo dela pra valer, admirando sua firmeza, preocupado com os perigos pelos quais ela passa.

Diferentemente de muitos de nós, ela foi nascer no lugar errado, na hora errada. Podia acontecer com qualquer um. Aconteceu com ela. E se viu vivendo num país e numa época em que menina não podia ir à escola, mulher não podia sair à rua desacompanhada nem entrar em loja — e, mesmo assim, tinha que estar inteiramente coberta dos pés à cabeça por uma roupa chamada burca, uma espécie de tenda com uns buraquinhos para olhar o mundo sem ser vista.

Como se não bastasse, o país estava em guerra, tudo sendo destruído, minas terrestres por toda parte. E, como se isso ainda fosse pouco horror, o governo era uma ditadura: soldados podiam prender qualquer um, sem direito de defesa.

A autora esteve por muito tempo em vários acampamentos de refugiados afegãos, entrevistando pessoas diferentes e registrando suas histórias.

E soube transportar essas experiências com grande intensidade para o livro, de uma forma simples e direta, mas muito emocionante.

Esta é uma história para conhecer melhor os outros e o mundo onde vivemos. Para não deixar nunca esse tipo de governo totalitário se aproximar de nós. Para reforçar a ideia de que a liberdade, o respeito aos direitos, a valorização da educação e a igualdade de oportunidades para as mulheres são essenciais em qualquer sociedade.

Ana Maria Machado

Para aqueles que acordam toda manhã
e enfrentam a luta do dia.

Afeganistão é onde se passa a maior parte
desta história. Você sabe onde fica?





— Seu nome é Parvana?

A menina de xador¹ azul empoeirado não respondeu. Ela estava imóvel, sentada numa dura cadeira de metal, olhos fitos no chão. O tecido do xador lhe cobria a metade inferior do rosto.

Se seus lábios se crispavam pelo fato de ela entender as palavras em inglês, o homem e a mulher uniformizados que a observavam não saberiam dizer.

— Seu nome é Parvana?

A mulher repetiu a pergunta do homem, traduzindo-a para *dari*², em seguida para *pashtun*³. Então, depois de uma pausa, para *uzbek*⁴.

A menina continuou calada.

— Ela não responde, senhor.

— Estou vendo, cabo. Pergunte novamente.

A mulher temperou a garganta e repetiu a pergunta nas três línguas.

— Seu nome é Parvana?

Dessa vez as palavras foram pronunciadas mais alto, como se a menina não respondesse pelo fato de a intérprete estar falando muito baixo.

¹ xador – peça de vestuário usada por meninas e mulheres para cobrir os cabelos e os ombros. As meninas a usam fora de casa.

² *dari* – língua de origem persa usada na maior parte do Afeganistão, incluindo a capital, Cabul.

³ *pashtun* – língua falada no sul e leste do Afeganistão, em partes do Paquistão e em pequenas comunidades na Índia.

⁴ *uzbek* – língua oficial do Usbequistão.

A menina permaneceu imóvel e não respondeu. Ela estava de olhos fitos numa pegada de chinelo no chão e não levantou a vista.

Ouviam-se sons no pequeno escritório — sons abafados por paredes e pela distância. Um motor de caminhão. Botas pisando areia. Um jato voando lá em cima. O voar de uma hélice de helicóptero.

A menina sabia que havia outras pessoas por ali. Ela as vira quando eles a tiraram do caminhão e a puseram sentada na cadeira dura daquela salinha. Ela não olhara em volta, mantendo os olhos na areia e nas pedras do pátio, depois nas escadas de blocos de cimento e por fim no duro piso cinzento do comprido corredor.

— Talvez ela seja surda, senhor.

— Ela não é surda — respondeu o homem. — Olhe para ela. Ela parece ser surda?

— Não sei bem ao certo...

— Se ela fosse surda, estaria olhando em volta, tentando entender o que está acontecendo. Ela está olhando em volta? Ela levantou a cabeça? Não. Ela ficou de olhos baixos desde que foi trazida para cá, e eu não a vi levantar a cabeça nem uma vez. Pode acreditar, ela não é surda.

— Mas ela não falou, major. Nem uma palavra.

— Com certeza ela disse alguma coisa quando eles a pegaram e a puseram no caminhão. Ela guinchou ou gritou alguma coisa?

— Não, senhor.

— O que é que ela fez?

A menina de xador azul ouviu um ruído de papéis se agitando levemente enquanto a mulher de uniforme verde do exército lia um relatório.

— Senhor, aqui diz que ela se manteve em silêncio, esperando.

— Em silêncio, esperando. — O homem disse essas palavras devagar, como se as estivesse mascando e fazendo-as girar dentro da boca. — Cabo, o que é que sua intuição lhe diz sobre a garota?

Houve uma pausa. A menina de xador azul imaginou que a mulher estava tentando adivinhar que tipo de resposta pudesse agradar ao major.

— Senhor, não tenho informação suficiente para formar uma opinião.

— Cabo, por que você se alistou?

— Minha professora de espanhol me deu essa sugestão. Ela disse que eu tinha bom ouvido para línguas e que poderia ser útil ao exército.

— Você frequentou o *Defense Language Institute* de Monterrey?

— Sim, senhor...

— Você é muito jovem. Já teve outro emprego?

— Trabalhei na padaria dos meus pais.

— Pão?

— Um pouco de pão. Biscoitos, barrinhas de noz-pecã, tortas, bolos. Coisas assim.

— Torta folhada de maçã?

— Claro, senhor.

— Minha preferida.

— Se o senhor quiser, posso pedir aos meus pais que lhe mandem algumas.

— Obrigado, cabo. Elas estarão um pouco passadas quando chegarem aqui, mas ainda muito boas, aposto. Quer dizer então que era uma padaria de cidadezinha com um pouco de tudo. E quando trabalhava lá você fazia um pouco de tudo — usava o forno, tratava com fornecedores, atendia os clientes?

— Sim, senhor.

— Já lhe aconteceu sentir que alguém foi lá sem boas intenções?

— Como?

— Alguém entra na loja de vocês, não faz nada errado, não diz nada errado, mas ainda assim você pensa: “Há algo de errado nesse cliente”. Então você se põe a observá-lo com atenção e fica contente quando ele vai embora.

— Acho que sim, senhor. A cidade é pequena, mas coisas ruins acontecem em toda parte.

O homem ficou batendo a caneta na escrivaninha por algum tempo. A menina de xador azul percebeu que teria de se esforçar muito para evitar que aquilo a aborrecesse.

— Olhe para ela — disse o homem.

Ouviu-se o som de corpos se mexendo em cadeiras.

— Ela não falou uma palavra, manteve-se quieta e esperou ser detida — disse ele. — O que me diz disso?

— Não sei, senhor. Talvez ela esteja com medo.

— Ela parece estar com medo?

Houve mais uma pausa.

— Não, senhor. Não parece. Talvez, pode ser que... talvez haja alguma coisa errada com ela. Talvez ela não seja inteligente o bastante para ter medo.

— Você era padeira, cabo. Eu trabalhei na área de Segurança. Aprendi a farejar encrencas. E essa menina é uma encrenca. O que sabemos sobre ela?

— Muito pouco, senhor. Ela foi pega numa ruína abandonada que antes fora uma escola. Desconfiamos que aquilo ali está sendo usado como base de onde os talibãs desfecham ataques contra nós, e as informações que colhemos entre os aldeões parecem confirmar isso, embora ninguém se disponha a falar abertamente. A menina era a única que estava lá. E trazia uma mochila esfarrapada no ombro. Na

mochila havia alguns papéis onde se lia o nome Parvana. É por isso que achamos que é o nome dela.

— Deixe-me ver a mochila.

— Senhor, acho que ela foi mandada para análise.

— Vá buscá-la. Não posso esperar que eles a vasculhem inteira, procurando evidências minuciosamente em todos os cantos. Eles vão demorar o tempo que quiserem. Pegue-a agora mesmo. Traga-a aqui. Se eles chiarem, diga que se trata de uma ordem.

— Sim, senhor.

De sua cadeira, a menina viu as botas militares da mulher cruzarem a sala e saírem do escritório. Quando a porta se abriu, mais ruídos entraram de fora — campainhas de telefone, pessoas falando, arquivos se abrindo e fechando.

A menina manteve os olhos abertos e fitos no chão. Ela sabia que o homem da escrivania estava de olho nela. Ela fazia o que podia para ignorá-lo. Era difícil. Ela pensou no velho truque que usava para seguir em frente quando estava assustada no deserto.

Ela recitou tabuadas de multiplicação para si mesma.

Dezenove vezes sete é igual a cento e trinta e três. Dezenove vezes oito é igual a cento e cinquenta e dois. Dezenove vezes nove é igual a cento e setenta e um.

Ela chegou até a tabuada dos vinte e oito antes que as botas da mulher entrassem novamente no escritório. Ela ouviu o som de alguém colocando sobre a escrivania a mochila que seu pai usava a tiracolo.

— Isto parece já ter conhecido dias melhores — disse o homem. — Vamos ver o que temos aqui.

Ele foi nomeando cada coisa que tirava da mochila.

— Um caderno. O que está escrito aí?

— Senhor, está escrito: “Propriedade de Parvana. Que ninguém ponha a mão”.

— É exatamente o que minha filha adolescente escreveria. Que língua é essa?

— *Dari*. Mas não sabemos se o caderno é dela. Ela pode ter fuçado nas ruínas ou...

— Canetas — disse o homem. — E um exemplar de *O sol é para todos*, em inglês. O que será que uma menina como essa está fazendo com um clássico americano? Mas olhe. Algumas páginas foram tiradas... e até parece que alguém arrancou pedaços a dentadas! Por que estamos tentando civilizar essa gente? — Ele jogou o caderno na escrivaninha.

A menina de xador azul teve de fazer um grande esforço para não pular da cadeira, agarrar o livro e golpear a cabeça do homem com ele.

Ela ouviu alguém folhear o caderno.

— Quem é essa menina? O que ela quer? — perguntou o homem. — Talvez ela estivesse, como você diz, mexendo no lixo. Faz sentido. Suas roupas estão cobertas de poeira. Os pés dela estão imundos. Ela parece ter dormido ao ar livre, no chão. Havia alguma outra coisa de valor naquele edifício?

— Para essa gente, tudo tem valor, senhor — disse a mulher. — Mas sim, havia outras coisas que ela podia ter levado. Um rádio. Alguns utensílios de cozinha.

— Em outras palavras, coisas que ela podia usar. Ou vender. Portanto, se ela fosse apenas uma catadora de lixo, ela as teria levado. Em vez disso, ela pega essa mochila velha esfarrapada, cheia de pedaços de papel inúteis, e um livro meio comido.

Não. Meus instintos não falham. Ela estava aprontando alguma coisa. E nós vamos investigar isso a fundo. Prenda-a.

A essas palavras, um tremor tomou conta do corpo da menina.

— Há um problema, senhor — disse a mulher.
— As celas estão cheias de homens.

— Não existem celas femininas?

— Ainda não houve necessidade delas.

— Bem, agora há. Essa menina não vai para lugar nenhum.

Mais uma pausa. A caneta voltou a tamborilar na escrivaninha.

— Que tal a prisão do navio de guerra? — perguntou o homem um pouco depois.

— A prisão do navio? É para soldados.

— Ela tem celas, não tem? Elas são seguras?

— Sim, mas...

— Mas o quê? — perguntou o homem.

— As celas do navio são um pouco melhores que as que usamos para prisioneiros afegãos.

O homem riu.

— Não se pode dizer que este seja um dia de sorte para essa menina, cabo. Por melhor que a cela seja, de todo modo é uma prisão. Onde ela ficará por muito tempo — acrescentou ele, pegando o telefone e se pondo a discar.

Na cadeira, a menina tentou voltar às suas tabuadas de multiplicação. Ela precisava se manter calma. Precisava evitar que notassem como estava assustada.

O homem desligou o telefone.

— Pronto. Trate de prepará-la. Não poderemos tirar nada dela se ela não quiser falar. Faça com que ela fale conosco. Continue perguntando-lhe o no-

me. Pergunte sem parar, até ela lhe dizer, só para se livrar das perguntas. É tudo.

A mulher se levantou.

— Sim, senhor!

Ela tomou o braço da menina, tirou-a do escritório e conduziu-a pelo corredor. Mais uma vez elas estavam à luz do sol. A menina foi conduzida por um pátio, passou por uma fileira de tanques e carros blindados, por um grupo de soldados fazendo exercícios físicos, por vários grandes edifícios de metal cinza. Elas subiram alguns degraus, entraram em outro edifício, avançaram por um longo corredor e pararam diante de uma série de portas cinzentas.

A menina ouviu a chave girar na fechadura. A porta se abriu. Ela levou uma ligeira cotovelada e entrou na cela. A porta se fechou atrás dela.

Ela tinha certeza de que a mulher a observava pela janelinha que havia na porta. A menina ficou encostada à porta e não se mexeu.

— Nós podemos mantê-la presa aí por muito tempo — disse por fim a mulher, em tom suave. — Diga para mim. Seu nome é Parvana?

A menina continuou encostada à porta. Em silêncio.

Ela ouviu as botas da mulher avançarem pelo corredor. Manteve-se em pé e esperou, escutando com atenção para ver se as botas iriam voltar.

Quando teve certeza de que estava sozinha, a menina de xador azul empoeirado falou por fim:

— Sim — disse ela num sussurro. — Meu nome é Parvana.

DOIS



Parvana olhou em volta da salinha onde fora encarcerada.

Não era ruim. Era limpa. Nela havia uma estreita cama de metal com um colchão fino. Num dos extremos da cama, havia um cobertor cinza dobrado. Perto da cama, via-se uma mesa de metal presa à parede. Sob a mesa, havia um banco dobrável.

As paredes, de metal, eram de um cinza liso. Os olhos de Parvana deslizaram por elas e se detiveram numa pequena etiqueta perto do chão, junto da cama.

Prisão desmontável, ela leu. Especialistas em Detenção Criativa, para todas as suas necessidades de detenção.

O texto estava escrito em inglês, que ela sabia ler. Ela continuou lendo e viu que aquela prisão tinha sido fabricada na América do Norte, num lugar chamado Fort Wayne, no estado de Indiana. Com certeza eles a dobraram como se dobra uma caixa de papelão e a puseram num grande avião com destino ao Afeganistão; eles a desdobraram aqui, nesse pedaço de terra de seu país.

Parvana olhou para os parafusos e linguetas que mantinham as peças unidas. Na etiqueta tam-

bém se lia que a cela fora inspecionada pelo Inspetor 247.

O Inspetor 247 deve ter achado tudo em ordem, porque lá estava a cela.

Parvana começou a imaginar como seria o Inspetor 247. Seria homem ou mulher? Será que eles se perguntavam sobre quem iria ficar preso entre as paredes cinzentas que eles inspecionaram? Será que tinham família para a qual voltar à noite? Uma família completa, porque ninguém fora morto a tiros nem pisara numa mina terrestre ou apenas se cansou de continuar vivendo? Quando eles eram mais jovens, será que sonharam em ser um inspetor de prisões desmontáveis?

Deve ser um bom emprego, com certo prestígio. Eles devem dizer: “Essa cela está boa, podem despachar”, ou “Essa está com defeito, mandem de volta à fábrica”.

Do outro lado da cela havia um vaso sanitário e uma pia. Parvana tocou de leve na torneira. Saiu água! Ela tinha água encanada! Parvana deixou-a escorrer pelas pontas dos dedos.

Num pedaço de papel acima da pia, ela leu que desperdiçar água acarretaria mais punições. Mais que depressa ela fechou a torneira e esperou ouvir botas no corredor. Não ouviu nada.

— O que mais eles podem fazer comigo? — sussurrou ela.

Ela tornou a abrir a torneira e molhou o rosto. Quando terminou, fechou a torneira. Não porque temesse ser punida, mas porque aquela parte do país era seca, e nunca se devia desperdiçar água. E, embora a prisão tivesse vindo da América, a água era do Afeganistão. Ela lhe pertencia.

A cama parecia convidativa. Oh, estender-se numa cama só dela, num quarto fechado com porta e água encanada! Mas Parvana ainda não podia se permitir dormir, não ainda. Não enquanto não descobrisse o que estava acontecendo.

Ela ficou por algum tempo junto à porta, procurando alguma abertura que lhe permitisse espreitar o corredor. Não havia nenhuma. Havia uma tela de metal, mas a placa que a cobria ficava do outro lado da porta. Seus carcereiros poderiam fazer a placa deslizar e olhar para ela sempre que quisessem, mas ela não podia olhar para eles.

Quando finalmente se permitiu sentar-se na cama, ela se apoiou na borda, meio sentada e meio pronta para saltar dali se a situação assim exigisse. A cama tinha uma saliência de metal para manter o colchão no lugar.

Parvana estava cansada e assustada, mas era a primeira vez em sua vida que dispunha de um quarto só para ela, então queria aproveitar o máximo possível.

Se a tivessem consultado sobre como projetar aquela cela — se o Inspetor 247 tivesse pedido sua opinião —, Parvana teria algo a dizer sobre a cor. Azul, ela pensou. Um azul brilhante, a cor do céu numa brilhante manhã de inverno, antes que as nuvens viessem das montanhas. Ela ainda poria alguns toques de vermelho aqui e ali. Um vermelho alegre como o vermelho do belo *shalwar kameez*⁵ do qual ela teve de abrir mão quando criança, porque sua família precisava do dinheiro.

⁵ *shalwar kameez* – conjunto de calça e camisa compridas, usado tanto por homens como por mulheres. O modelo masculino é liso, com bolsos laterais e no peito. O feminino tem cores e padrões diferentes, muitas vezes com elaborados bordados de miçangas.

Tinha sido anos atrás, mas ela ainda conseguia vê-lo tremulando no mercado — uma mancha colorida brilhante num lugar triste. Seu último resquício de infância, vendido a um desconhecido.

Ela teria projetado a cama de modo que pudesse ser dobrada contra a parede, deixando-lhe espaço para dançar ou fazer exercícios. Ela fazia vigorosos exercícios físicos na escola e, se pudesse, gostaria de continuar fazendo.

E, naturalmente, a janela seria maior. Daria para um pomar e para um rio. Além disso, haveria uma porta que ela poderia abrir e passar por ela quando quisesse.

Mas então não seria uma cela de prisão.

A cama se revelou confortável até demais, e seu queixo começou a cair em direção ao peito. Ela o ergueu com um gesto brusco, levantou-se e bateu os pés no chão para acordar.

Ela precisava ficar acordada. Ela precisava se manter alerta para o que quer que fosse acontecer.

Todos tinham ouvido histórias muito duras. Todo mundo conhecia alguém que sabia de alguém que tinha desaparecido atrás das paredes de lugares como aquele. Às vezes as pessoas voltavam, iradas e jurando vingança. Às vezes, voltavam trêmulas e corriam a se enfiar pelos cantos para resmungar sozinhas. Todo mundo conhecia alguém que conhecia alguém. Era um segredo que todos sabiam.

O que acontecia por trás das paredes da prisão era ruim. Parvana tinha visto as cicatrizes, as marcas de tortura. O vendedor ambulante que todos os dias empurrava sua carroça no campo de refugiados mostrava suas cicatrizes para qualquer um que fosse lhe comprar uma panela ou uma escova.

“Isso não foi obra do Talibã⁶”, dizia ele. “Foi obra dos que nos salvaram do Talibã. Quem nos salvará de nossos salvadores?”

Parvana já ouvira a história dele três vezes, pois muitas vezes ela fazia as compras para sua família. E lá ia ele mostrando e tornando a mostrar os pulsos e os tornozelos seriamente machucados.

“Sou só um mascate”, dizia ele. “Apenas empurro uma carroça. Não sei o que há no coração da pessoa a quem eu vendi um cadarço de sapato. Quando um homem compra uma barra de sabão, não lhe pergunto se ele é o demônio. Por que eles me prenderam? Por que eles me machucaram?”

Quando ouviu a história pela primeira vez, Parvana sentiu-se fascinada, chocada e solidária. Ela queria fazer alguma coisa pelo velho. A única coisa que lhe ocorreu fazer foi lhe deixar o troco da compra que fizera, mas não podia fazer isso porque sua família tinha pouco dinheiro. Então ela ouviu a história do vendedor até que ele se cansou de contá-la, pegou a carroça e foi embora.

Ao ouvir a história pela segunda vez, ela também se sentiu triste e solidária, mas se lembrou da bronca que sua mãe lhe dera da última vez por ficar zanzando por ali em vez de trabalhar. Por isso, ficou procurando uma brecha na história do homem para poder se afastar educadamente. Não houve nenhuma brecha. Ele não parava de falar, mostrando as cicatrizes, descrevendo sua dor e querendo respostas. “Por que fizeram isso comigo? Eu sou um João-ninguém. Por que eles haveriam de fazer isso a um João-ninguém?”, insistia. Parvana sentia-se

⁶ Talibã – exército afegão que tomou o controle da capital, Cabul, em setembro de 1996 e foi expulso do poder em 2001.

frustrada por não ter respostas e não poder ajudá-lo. Por fim, decidiu se afastar e o deixou gritando para o céu.

Na terceira vez, ela fingiu não conhecer o homem. Pegou o chá e a linha de que precisava, olhou para o chão e pagou sem falar nada. Ela sentia a solidão que vinha dele em ondas, e se fechou para se proteger dela.

Ela não queria acabar como o mascate. Não queria acabar cheia de fúria e gritando por vingança. De qualquer forma, de quem ela iria se vingar? Quanto teria de remontar no tempo até se sentir satisfeita? Será que uma palavra como vingança tinha algum sentido num país como o Afeganistão?

Parvana tinha dúvidas quanto a isso.

Gritar por vingança seria perda de tempo. E muito do seu tempo já tinha sido perdido.

Ela não queria perder o juízo atrás daquelas paredes. O Afeganistão já tinha muitas mentes perdidas, flutuando como balões invisíveis no ar acima da terra, deixando para trás pessoas de mente vazia gemendo, solitárias, na lama.

— Como vou sair dessa? — ela se perguntou num sussurro.

Ela tinha de acreditar que um dia haveriam de soltá-la.

Ela não podia admitir que não o fizessem.

Depois de tudo por que passara, ela só tinha certeza de uma coisa.

Ela sabia que não podia confiar neles.

Só podia confiar em si mesma.

TRÊS



Eles vieram à noite.

Parvana estava preparada para recebê-los.

A barra de metal do estrado da cama penetrou na parte de trás de suas coxas quando ela se sentou à beira da cama. A dor ajudou-a a se manter acordada.

Mas o metal pressionou-lhe os nervos das pernas, fazendo seus pés ficarem adormecidos. Quando as duas mulheres uniformizadas, ladeadas por homens com armas em riste, irromperam em sua cela, e cada uma agarrou-lhe um braço para tirá-la dali, suas pernas se dobraram sob ela, obrigando as mulheres a arrastá-la pelo corredor.

— Levante-se! — ordenou uma das mulheres.

Parvana não deu sinal de ter entendido o inglês delas. E não iria adiantar nada. Seus pés estavam completamente adormecidos.

— Isso é ridículo — disse a outra guarda. — Eu não suei no treinamento básico para lidar com adolescentes rebeldes.

Elas devem ter trocado um sinal silencioso, porque ambas a soltaram ao mesmo tempo. Parvana caiu no chão como um saco de arroz.

— De pé!

Parvana permaneceu onde estava.

“Não vou ajudar vocês”, pensou ela. Parvana estava muito bem no chão. Já tivera boas noites de sono em superfícies mais ásperas que aquela.

Agarraram-na de novo e continuaram a arrastá-la.

O xador de Parvana saiu. Agora ela não tinha como esconder o rosto. Ela não gostou do fato de poder ser vista.

Ela foi arrastada de volta ao pequeno escritório e largada na mesma cadeira dura. E se viu rodeada de botas, pernas e troncos.

Dezenove vezes sete são...

Ela estava nervosa demais para fazer aquelas contas, então procurou algo mais fácil. Duas vezes dois são quatro. Duas vezes três são seis. Duas vezes quatro são oito.

Ela multiplicava, ofegava, e terminou por se controlar.

— Tem um montão de gente aqui só para uma menina.

Parvana ouviu a voz do homem que a interrogara antes.

— Senhor, ela nos causou alguns problemas — disse uma das mulheres.

— Alguma coisa de que você não possa dar conta, soldado?

— Não, senhor. Sem problema, senhor.

— Ótimo. Retomem suas tarefas.

— Sim, senhor.

Parvana ficou observando os pares de botas marchando para fora da sala.

De repente, lembrou-se de uma canção para ensinar contas que ela usara para instruir os mais novos. Era uma boa canção, porque os pequenos aprendiam a contar e aprendiam inglês ao mesmo tempo.

*As formigas vêm andando duas a duas,
Hurra, hurra.*

Parvana teve de fazer um grande esforço para não sorrir. Ela estava sem a proteção do xador.

— Quer dizer então que você resolveu nos deixar ver seu rosto, não é? — disse o homem em inglês, sem a intérprete na sala, como se estivesse falando mais para si mesmo do que para Parvana. — Nós queremos mostrar respeito por sua cultura enquanto estamos em seu país, mas acho difícilimo falar com alguém sem ver seu rosto.

Parvana estava voltando a sentir os pés e as pernas. Era uma mistura de formigamento e de dor. Não era nada agradável, mas Parvana gostou de sentir aquilo. Era algo em que ela podia se concentrar.

A intérprete entrou na salinha.

— Achei isso no corredor. — Parvana viu uma ponta de seu xador arrastando no chão. — Quer que eu o dê a ela?

— Você quer o manto para cobrir sua cabeça? — perguntou o homem.

A intérprete repetiu as palavras em *dari*, *pash-tun* e *uzbek*. Parvana se concentrou na dor que sentia nas pernas.

— Ela fica muito bem sem ele — afirmou o homem. — Se ela o quiser, vai pedir. Em troca, talvez nos diga seu nome.

A mulher traduziu o que ele disse.

— Sabe de uma coisa? — disse o homem. — Acho que você fala *dari*. Essa é a língua que está nos cadernos que achamos, por isso é a língua que vamos usar. Cabo, repita isso pela última vez nas três línguas. Diga a ela que é sua última chance. Se ela não fala *dari*, tem de nos dizer. Nós lhe demos um

bom período de descanso. Agora ela tem de nos dar algo em troca. Estou farto dessa enrolação.

A intérprete se atrapalhou na tradução de “enrolação” e acabou falando “preparação de um rolo”. Parvana fitou as botas militares e se esforçou para não rir.

Ela se concentrou em suas tabuadas de multiplicação.

Todos ficaram em silêncio por um bom tempo.

De repente, houve um grande barulho. Ela saltou na cadeira.

— Quer dizer então que você ouve.

O homem pegou o livro grosso e jogou-o no chão.

— Você não é surda. Está se recusando a falar conosco.

A mulher ia traduzindo enquanto ele falava. Parvana tratou de ignorar a voz da mulher, procurando se concentrar na do homem. Seu inglês não era tão bom quanto ela desejaria. Ela tinha de prestar atenção para entendê-lo. O esforço mental a mantinha calma.

— Por que você se recusa a falar? É a primeira pergunta que temos de responder. Você está se recusando a falar porque é uma camponesa ignorante, ignorante demais até para protestar por ter sido encarcerada? Ou você é uma pessoa que inspira preocupação? Seu nome é Parvana?

Lá vinha de novo a pergunta sobre seu nome. Ela não estava preparada e por pouco não respondeu. Mas conseguiu segurar a língua.

— Você está desperdiçando meu tempo, garotinha, e precisa começar a falar. Apesar de que você não é bem uma garotinha. Que idade você acha que ela tem, cabo? Quinze?

— Não mais que isso, senhor.

— Ela vai envelhecer depressa neste país. Vi mulheres de vinte anos parecendo ter quarenta, e mulheres de quarenta aparentando ter setenta. A média de vida das mulheres daqui é de apenas quarenta e seis anos. Você sabia disso, cabo? Quarenta e seis.

Não sabendo ao certo o que devia ser traduzido e o que era apenas conversa do major, a pobre mulher traduzia tudo. As palavras saíam de sua boca em *dari* pouco depois de o homem tê-las dito em inglês. Parvana tinha a impressão de estar ouvindo duas gravações similares, mas diferentes, uma só um pouquinho antes da outra. Quando ela vinha em pequenos segmentos, tudo bem. Quando se prolongava, Parvana ficava meio tonta.

— Quais são os outros nomes que temos nessas páginas? — perguntou o homem.

— Senhor, eu fiz uma lista.

— Deixe-me ver.

Ouviu-se o som de deslizar de papel.

— Seu nome é Shauzia?

Parvana manteve os olhos fitos no chão. Ela pensava em sua amiga de pés rápidos e determinada, cabelos cortados rente ao couro cabeludo, correndo pelo mercado com uma bandeja de xícaras de café. Ela evocou o rosto da amiga, rindo, chorando e enfurecida, concentrada e crispada quando contava seu dinheiro, calma e sonhadora quando planejava sua viagem para a França.

Mas respirava leve e regularmente, sem nada revelar.

— Seu nome é Nooria?

A irmã mais velha, Nooria, mandona, com belos cabelos compridos. “Fora daqui”, Parvana pensou, “Nooria seria capaz de pôr vocês dois pra correr”.

— Seu nome é Maryam?

A irmãzinha Maryam, cheia de energia, inteligente, exasperante.

— Seu nome é Leila?

Parvana estava contente por não lhe terem sobrado lágrimas. O que significava que ela podia ouvir, sem a menor reação, o nome da menininha que tinha morrido num campo minado.

Eu estou virando uma pedra, pensou ela. Estou sentada aqui me transformando numa pedra.

— Seu nome é Asif?

— Senhor, Asif é nome de menino.

— Tem certeza? Tudo bem. Seu nome é Hassan?

— Também é nome de menino.

— E este aqui? Ali?

— Também é nome de menino.

— E também de menina — disse o homem.

— Você nunca ouviu falar de Ali McGraw? De *Love Story*? A namorada de Steve McQueen? Você nunca assiste a filmes antigos?

— Senhor, no Afeganistão, Ali é só nome de menino.

— Bem, de todo modo pergunte a ela. Talvez ela use como apelido.

— Seu nome é Ali?

Parvana queria que eles calassem a boca. Será que eles não iam aceitar seu silêncio e deixá-la ir embora? Depois que lhe devolvessem a mochila, claro.

— Sobrou algum nome?

— Só um. Mas acho que não seria o dela.

— De todo modo, pergunte. Temos de conseguir alguma forma de reação da parte dela.

— Seu nome é senhora Weera?

Parvana quase riu alto ao ouvir aquele nome.

“Eu não sou a sra. Weera”, ela pensou. “E vocês têm muita sorte que eu não seja”.

Mais uma vez houve um longo silêncio.

Então o homem disse:

— Leve embora a cadeira dela.

Fizeram Parvana manter-se de pé.

E continuar de pé.

E continuar de pé.

QUATRO



Parvana ficou no sol quente com as outras alunas, ouvindo o homem do governo, que falava sem parar em tom monocórdio.

— O dia da inauguração de uma nova escola é um grande recomeço para todos nós — dizia ele. — O trabalho duro que fizemos resultou nessa esplêndida realização.

“O trabalho duro que fizemos?” Parvana nunca vira aquele homem em sua vida, e lá estava ele assumindo o crédito por um trabalho que não fizera.

A família dela tinha feito o trabalho. Todos os seus membros malucos — os que tinham nascido nela e os que nela se engajaram.

Fora ela que achara o edifício. Ela o encontrou quando estava dando uma caminhada para escapar por um breve instante do campo de refugiados em que fora parar. Foi sua mãe quem decidiu que deviam ocupá-lo, e armou tal confusão com os funcionários do governo e com o exército, que eles lhe deram o velho edifício para fazê-la calar a boca. Nooria entrou em contato com organizações que podiam dar verbas para transformar aquela ruína numa escola. Asif consertou a velha bomba d’água e um gerador quebrado que ele tinha achado. Até Maryam se empenhou na faxina, e Hassan ajudou a pôr coisas nas prateleiras.

Eles construíram aquele espaço, com a ajuda de muitas outras mãos.

O homem do governo não tinha levantado um dedo.

“Mãe deve estar furiosa”, pensou Parvana, e olhou para a mulher alta, de costas eretas e cabeça erguida. Ela estava sentada na plataforma com os convidados do exército e das organizações estrangeiras que tinham financiado o projeto.

Se sua mãe estava sentindo alguma raiva do governo, não dava nenhuma demonstração disso. Ela parecia contente e talvez só um pouco receosa de que as alunas não se comportassem bem.

Com certeza Nooria estava chateada. A irmã mais velha de Parvana sempre estava irritada com alguma coisa.

Sua irmã estava ao lado das outras professoras, todas usando o xador azul-escuro que indicava serem elas do corpo docente. Eram todas mulheres jovens que tinham feito um curso a toque de caixa para se tornarem professoras. Nooria também parecia estar contente e sem raiva.

“Claro que ela está feliz”, pensou Parvana. Ela tem uma turma inteira de crianças em quem poderia mandar, e não apenas Maryam e eu.

Maryam era a irmã mais nova de Parvana. Ela estava na primeira fileira de alunas, bem na frente de Parvana, usando o xador branco das alunas.

Maryam era agitadaíssima. Ela não conseguia ficar quieta por mais de dois minutos, sempre se sacudindo ao som de uma música *pop* em sua cabeça. A mãe dizia que ela era voluntariosa, da mesma forma que Parvana. Parvana achava que o mais provável é que Maryam ainda tivesse dentro de si muito da energia que não pudera liberar quando estivera

confinada em seu pequeno apartamento na época em que o Talibã estava no poder.

Parvana tinha de ficar de olho nela, mas praticamente desistira. Maryam iria tomar jeito quando estivesse pronta, e não antes.

Parvana ficou movendo os olhos até que eles se detiveram em Asif, que estava com outros docentes da escola, como se estivesse escutando o discurso tolo do homem do governo. Ele já não parecia o menino raivoso que Parvana encontrara numa caverna pouco mais de quatro anos antes. Os dois tinham vagado pelo Afeganistão juntos, imundos e famintos.

Naquele dia ele estava com seu bom *shalwar kameez* branco como a neve. Seus cabelos negros brilhavam, anelando-se em volta das orelhas. Seu rosto ganhou volume, e ele já não tinha olhos encovados por causa da fome.

Era muito mais divertido discutir com ele do que com qualquer outra pessoa que Parvana conheceu em toda a sua vida.

Hassan, o menininho que Parvana encontrara numa aldeia bombardeada, estava sentado no colo de Asif. Naquela época, Hassan era ainda bebê. Agora ele estava pronto para o jardim de infância. Ele estava sentado em silêncio, com o tronco ereto. Só Asif conseguia fazê-lo se comportar tão bem.

Havia duas outras pessoas que trabalhavam na escola: o sr. Fahir, o guarda que ficava no portão, e a sra. Zaher, a cozinheira.

Parvana achou que todas aquelas pessoas tinham se esquecido de ficar com raiva.

Ela ficou chocada ao ouvir os ruidosos aplausos. O homem do governo por fim encerrara seu discurso. A mãe, em sua qualidade de diretora da

nova escola, deu alguns passos à frente. Juntos, eles descerraram a placa com o nome da escola.

ACADEMIA DA ESPERANÇA – LEILA

Parvana piscou para tentar conter as lágrimas que sentiu nos olhos. Foi ideia dela dar à escola o nome da menininha cheia de imaginação. Além disso, Parvana e Asif iam plantar um jardim em sua memória.

Maryam deu dois passos à frente do grupo e cantou, de forma clara e correta, o hino nacional do Afeganistão. Ela cantava o tempo todo acompanhando o rádio e, quando o rádio não estava ligado, ela cantava de memória músicas *pop* do Afeganistão e dos Estados Unidos. Ela cantou o hino nacional como se estivesse mais orgulhosa de seu talento para cantar que de seu país — mas e daí? Sua irmãzinha podia confiar na voz. O Afeganistão ainda tinha muito que mostrar para ser confiável.

Maryam encerrou com voz forte, todos aplaudiram, e fotógrafos tiraram fotos dela. A parte formal da cerimônia se encerrara.

Enquanto preparavam o chá, Parvana levou um grupo de pais para conhecer a escola.

— Aqui é a sala do jardim de infância — disse ela, abrindo a porta de uma sala pequena, clara e colorida, com esteiras no chão e alguns brinquedos enfileirados. — Crianças com idade até seis anos ficam nessa sala. Elas vão aprender a cantar canções, escovar os dentes, lavar as mãos, fazer contas simples, escrever os próprios nomes, coisas assim.

— Elas vão aprender a rezar? — perguntou um homem que estava na retaguarda do grupo.

— Ah, sim, vão sim — Parvana ficou surpresa com a pergunta e não tinha uma resposta pronta

para dar. — Além disso, elas vão ter três refeições por dia, preparadas na cozinha da escola...

— E quem vai lhes ensinar a rezar? — gritou-lhe o mesmo homem de antes.

— Temos excelentes professoras em nossa equipe.

— Mulheres! Mulheres vão lhes ensinar a rezar?

— Bem, vamos convidar o imã para lhes ensinar — respondeu Parvana, mas ela não achou a resposta muito boa. Parecia que ela estava concordando com o homem que as mulheres não eram boas o bastante.

— Vamos ensinar também primeiros socorros e noções básicas de enfermagem — disse Parvana. E acrescentou: — Profissionais da área médica vão nos ensinar. A ideia é que toda menina deverá ter um bom conhecimento de cuidados básicos de saúde quando se formar. Com isso será mais fácil arranjar emprego, o que será bom para sua família e para a comunidade.

Eles passaram para outra sala de aula.

— Nesta sala teremos alunas do primeiro ao terceiro ano — disse ela.

Aquela era a sala em que sua irmã Nooria iria lecionar. Nela havia três mesas grandes em volta das quais as alunas sentariam para fazer suas lições. As mesas podiam ser deslocadas para um lado para que se pudesse jogar, fazer exercícios e contar histórias.

— Elas vão aprender a ler, a escrever e fazer contas simples. Elas aprenderão sobre os animais e as plantas do Afeganistão, os nomes das províncias. Aprenderão também sobre outros países e como ser um bom cidadão.

Parvana sabia tudo isso porque Nooria praticamente não falara de outra coisa durante meses, examinando cada livro didático que encontrava e tendo longas discussões com sua mãe.

— Nós vamos começar da estaca zero — dizia Nooria. — Tudo o que havia aqui antes agora não serve de nada. Foi isso que levou à guerra e àqueles anos terríveis. Temos a oportunidade de criar um sistema que dará origem a um novo tipo de criança afegã, uma criança com grandes possibilidades de realização e com segurança para reconstruir o país.

Ela continuava discorrendo sobre isso, como se estivesse fazendo um discurso — sobretudo quando havia pratos para lavar e água para se buscar. Mas Nooria era assim. Anos de guerra não tinham feito com que ela se mostrasse menos mandona nem se sentisse menos superior.

Parvana se aborrecia com aquilo, mas ao mesmo tempo se sentia um pouco aliviada. Num mundo onde tudo poderia ruir muito rápido, o fato de Nooria ser mandona era quase confortador.

— Mais adiante, no corredor, fica a classe de nível intermediário — disse Parvana, e eles olharam para dentro da sala destinada ao quarto, quinto e sexto anos. — Estamos chamando as turmas por anos, mas na verdade trata-se de turmas reunidas por faixa etária. Considera-se que todos vão começar do mesmo nível, uma vez que todas as escolas ficaram fechadas por muito tempo.

Depois disso, Parvana conduziu o grupo para o refeitório, que também comportava as poucas prateleiras de livros que compunham a biblioteca da escola. Naquela sala, Parvana e umas poucas meninas de sua idade iriam estudar. Elas tinham níveis de educação diferentes. Algumas tinham completado apenas o segundo ano, mas elas se sentiriam melhor se estudassem com meninas de sua idade e não com as crianças menores.

— Que livros são esses?

O mesmo homem tornava a reclamar. Ele segurou um exemplar em mau estado do *ABC dos animais*, um livro ilustrado com as letras do alfabeto inglês representadas por animais.

— Ainda não temos muitos livros — disse Parvana. — Temos alguns que nos foram doados. A maioria deles é em línguas estrangeiras.

Ela se lembrou da excitação que todos sentiram quando as caixas de livros, doados por algumas pessoas do Canadá, chegaram num caminhão do exército.

Seu favorito, até o momento, era uma coletânea de poesia americana. A linguagem era simples, por isso ela entendia as palavras, ainda que não conseguisse entender o poema. E os poemas eram curtos. Normalmente Parvana conseguia ler um poema inteiro antes que sua mãe gritasse para ela parar de ler e voltar ao trabalho. Parvana ajudara a montar sua pequena biblioteca, e dispôs cada livro na prateleira como se fosse feito da mais fina porcelana.

— Esperamos conseguir em breve livros em nossa própria língua.

— Olhem essas ilustrações! Uma vergonha!

Ele estava segurando um livro aberto numa das ilustrações preferidas de Parvana, dentre todas as que havia no livro: M de mandril. Era o desenho de um macaco atendendo ao telefone.

— Temos sorte de ter pelo menos alguns livros — disse um dos outros pais, tomando o livro do homem. — Eu nunca fui à escola, e minha filha vai frequentar esse lugar tão bom. E vou tratar de dizer a ela que olhe esse livro. Ele a fará rir, e eu quero que ela ria.

Com todo cuidado, ele repôs o livro na prateleira.

A visita de apresentação da escola continuou. Parvana lhes mostrou a cozinha e explicou que to-

das as alunas se revezariam no preparo das refeições e na limpeza da escola.

— E aqui é a Parede das Realizações.

Fora ideia de Parvana transformar a grande parede branca do refeitório num lugar onde as meninas poderiam pôr imagens e histórias de mulheres afegãs que fizeram coisas importantes. Parvana assumiu essa tarefa integralmente: ela examinava o jornal todos os dias e recortava histórias de garotas que venciam competições na área de ciências ou de mulheres que se integraram à força policial. Ela copiava, em letras grandes, frases da nova constituição que protegia os direitos das mulheres.

No meio do quadro havia uma foto e um artigo sobre a sra. Weera, sua velha amiga de Cabul, recém-eleita para o novo Parlamento afegão.

— Quando as aulas começarem, as meninas poderão afixar amostras de sua caligrafia, um mapa que elas tiverem desenhado muito bem ou ainda um excelente exame escrito de aritmética. Qualquer coisa em que elas trabalharem com afinco e conseguirem um bom resultado — disse Parvana ao grupo.

— Será que isso não vai estimular seu orgulho? — perguntou o homem reclamão.

— Sim — disse Parvana.

A parada seguinte era no *playground*.

— Todas farão pelo menos uma hora de exercício por dia — disse ela. — Além de recreio e jogos. Temos basquete, vôlei e futebol, embora o pátio seja muito pequeno para verdadeiros jogos de futebol. As alunas menores terão muitos jogos que envolvem corridas.

— As meninas não deviam fazer isso — disse o homem. — É impudico. É proibido.

Parvana segurou a língua e conduziu o grupo pelo pátio em direção à oficina que ficava ao fundo.

Ali era o território de Asif.

Ele estava sentado à sua bancada de trabalho, afiando algumas ferramentas velhas doadas à escola. Asif tirara seu bom *shalwar kameez* e pusera o avental de trabalho sobre suas roupas comuns. Ele pegou a muleta e se levantou respeitosamente quando o grupo entrou.

Parvana o apresentou.

— Este é Asif. Ele ensina carpintaria, trabalhos de oficina mecânica, conserto de carros... tudo da área mecânica.

O reclamo desandou a falar que aquele tipo de coisa não era apropriado para meninas aprenderem. Mas foi interrompido por Asif, que disse educadamente:

— Talvez o senhor prefira mandar sua filha para outra escola.

— Minha filha nunca vai frequentar escola nenhuma! — exclamou o homem. — O lugar dela é em casa.

— Este dia é dedicado a pais de alunos — disse Asif. — O senhor não gostaria que eu lhe mostrasse a saída?

O homem fitou Asif com um olhar duro por um bom tempo. Então, bufando de raiva, foi embora da oficina.

Asif continuou como se nada tivesse acontecido.

— A certa altura vamos fazer alguns consertos para as pessoas da comunidade — disse ele. — Queremos oferecer às alunas experiência de trabalho e também agradecer à aldeia por nos permitir ter uma escola aqui.

E então encerrou sua fala. Parvana mostrou aos pais a horta na qual ela já passara horas trabalhando com a enxada e plantando. Mostrou também as latrinas, que eram caiadas e impecavelmente limpas. Ela também passara horas cavando-as naquelas dependências externas, fazendo-as muito profundas, para evitar as moscas e o mau cheiro.

Ela conduziu o grupo de volta à festa a tempo de ajudar a servir pedaços de bolo.

Um representante de uma instituição de caridade francesa estava entre os convidados estrangeiros. Parvana abriu caminho até ele com sua bandeja de guloseimas. Ela esperou pacientemente que ele terminasse de conversar com o homem do governo. A espera foi longa.

Por fim, o homem do governo foi conduzido à presença de outro convidado estrangeiro. Parvana se aproximou dele.

O francês pegou um pedaço de bolo e lançou um olhar surpreso a Parvana, vendo que ela não ia embora.

— Existem mesmo campos de lavanda na França? — perguntou ela.

— Campos de lavanda? Sim, claro. São os lugares mais belos. Todos de cor violácea. E que perfume! Tão doce!

— O senhor já os viu?

— Sim, claro.

Parvana se sentiu meio tola ao fazer a pergunta seguinte, mas não conseguiu se conter.

— Algum dia o senhor viu uma menininha num desses campos? Bem, agora ela já não será uma menininha. Ela terá minha idade. Sei que provavelmente o senhor não viu. Mas não teria visto?

Ele não tinha.

Ainda que sua amiga Shauzia tivesse saído do Afeganistão, havia poucas chances de ter chegado à França. E, mesmo que tivesse chegado àquele país e achado um campo de lavanda para contemplar, é provável que não estivesse mais lá, depois de tantos anos.

Mas Parvana conseguia imaginar Shauzia, da mesma forma que a vira pela última vez, quando se despediram em Cabul. Ela estaria acomodada entre as flores azul arroxeadas, ao sol brilhante, num ambiente de absoluta paz.

Parvana só conseguiu reter aquela imagem em sua mente por um breve instante antes que desaparecesse, e ela se perguntou, talvez pela milionésima vez, o que tinha acontecido com sua amiga.

Quando a recepção chegou ao fim e as cadeiras estavam de volta aos seus lugares, e os convidados e alunas já tinham ido embora, Parvana sentou-se a uma das mesas do refeitório com sua família — sua mãe, suas irmãs e seus dois irmãos adotivos.

Todos estavam ocupados com alguma pequena atividade. A mãe estava trabalhando na parte de finanças. Nooria elaborava seus planos de aula. Maryam estava desenhando vestidos que ela gostaria de usar quando se tornasse uma cantora famosa. Asif tentava ensinar Hassan a escrever o próprio nome.

Tudo estava na santa paz. Todos estavam se sentindo muito bem.

“Talvez Shauzia *esteja* num campo de lavanda na França”, pensou Parvana, mas isso não poderia ser melhor que estar aqui e agora.

— Não quero estar em nenhum outro lugar — disse ela em voz alta.

— Sobre o que você está tagarelando? — perguntou Asif.

Parvana quase o abraçou.

CINCO



Eles a obrigaram a ficar de pé por muito tempo. Suas costas estavam a cinco centímetros de distância da parede, e toda vez que Parvana parecia estar se encostando nela eles gritavam para que mantivesse o corpo ereto. Ela teve de continuar fingindo que não estava entendendo. Quando se cansavam de gritar, eles mesmos tratavam de afastá-la da parede.

O homem e a mulher uniformizados ficavam de olho nela, vendo-a manter-se de pé. De vez em quando perguntavam: “Como é seu nome?” e “O que você estava fazendo naquela escola?”.

Ela não respondia, e os períodos de silêncio iam ficando cada vez mais longos.

Para passar o tempo, o homem se pôs a limpar sua arma. Parvana viu-o desmontando a arma, polindo-a e depois tornando a montá-la.

“Asif é capaz de fazer isso melhor que você”, ela pensou, embora ele não fosse perder tempo com armas. O negócio dele eram máquinas. Asif começara a aprender sobre máquinas no campo de refugiados onde ele e Parvana foram parar. Ele ficava rondando a oficina mecânica e ajudando a cuidar do caminhão. Ele perguntava para todo desconhecido que encontrava a respeito do carro dele, pedia para

olhar sob a capota do motor e perguntava se precisavam de alguém para cuidar da limpeza do carro. Ele chegou a ganhar um dinheirinho com isso.

E aprendeu a ler.

Parvana lembrou-se da conversa que eles tiveram sobre esse assunto.

Eles estavam sentados numa pequena colina em frente ao campo.

— Sua mãe diz que, se eu for fazer parte de sua família, tenho de aprender a ler.

— Esse me parece o tipo de coisa que minha mãe teria dito — respondeu Parvana.

— Vocês provavelmente acham que são muito especiais, com todas essas leituras e essas escritas.

— Você tem de tentar — disse Parvana.

— Você diz isso porque acha que não serei capaz, não é? Você gostaria muito que eu tentasse e fracassasse. Provavelmente você odiaria se eu fosse capaz de ler e escrever tão bem quanto você.

Parvana esperou. Ela sabia o que estava por vir.

— Eu vou aprender — disse Asif. — Só para chatear você.

Ele se levantou e voltou para o campo para encontrar a mãe de Parvana e ter sua primeira aula.

Um soldado trouxe comida para a pequena sala e deu-a ao major e à intérprete. Parvana sentiu o cheiro de carne grelhada que vinha dos hambúrgueres que eles estavam comendo. Eles não lhe ofereceram nem um pouco.

— Fale — disse o homem. — Fale e então poderá comer.

Parvana continuou calada. Ela já sentira fome antes.

As perguntas começaram depois que eles acabaram de comer.

— Como é seu nome? Quem são seus amigos? O que você estava fazendo naquela escola? Por que você se recusa a falar conosco? O que você está escondendo?

Parvana fechou os ouvidos. Ela tentou deslocar sua mente para algum outro lugar. Procurou pensar em como era emocionante acordar cedo e procurar um lugar tranquilo para ler antes que sua mãe se levantasse e o trabalho começasse. Ela tentou pensar sobre quanto gostava de ver as alunas chegarem à escola a cada manhã. Muitas vezes ela ficava no portão com o sr. Fahir, o porteiro, e as cumprimentava quando elas chegavam, todas limpas e bem penteadas, os xadores brancos lavados na noite anterior e postos sob os colchões para não ficarem amarrotados.

Às vezes as meninas vinham em grupo, desacompanhadas de adultos, andando juntas para se protegerem de olhares e de insultos. Em geral elas vinham com um adulto — a mãe, o pai, uma tia ou um tio — quem quer que estivesse cuidando delas. O pai olhava-as passar pelo portão e continuava olhando por muito tempo depois que elas entravam.

Parvana sabia, sem ter perguntado — ela simplesmente sabia —, que os pais também gostariam de poder ir à escola. E por que não gostariam? Dentro dos portões da escola tudo era limpo. As alunas faziam a limpeza todos os dias, lavavam a poeira do peitoril das janelas e as pegadas do chão. Sentia-se sempre o cheiro de comida sendo preparada e de *nan*⁷ posto para assar. O lugar era bem iluminado, pintado com as cores mais vivas que a mãe conseguira encontrar. Nisso as alunas também ajudaram,

⁷ *nan* – pão achatado, comprido ou redondo, comum na Ásia Central e no sul asiático.

porque saber pintar era uma habilidade que algum dia poderia lhes render dinheiro.

Ninguém gritava dentro da escola, a não ser para encorajar alguém nos jogos. Sempre se ouvia o som de canções, e as paredes rapidamente se cobriam com os trabalhos de arte das alunas.

Parvana ao mesmo tempo queria e não queria que os pais viessem participar das atividades da escola. Ela queria que eles tivessem essa oportunidade. Entre a ocupação soviética, a guerra civil e o Talibã, é provável que nenhum deles tenha ido à escola.

Mas os adultos eram imprevisíveis. Eles gostavam de criar problemas, e Parvana passara a vida inteira suportando isso.

— Eu sei que você está começando a sentir um pouco de dor — disse o major. — É duro ficar de pé num lugar por muito tempo. Suas costas estão doendo. Suas pernas estão ficando doloridas, e com certeza estão começando a inchar. Com certeza você também está precisando ir ao banheiro. E eu também quero que você vá. Quero que você tenha uma boa refeição, um bom descanso e que não se aflija mais. A única coisa que você tem de fazer é falar comigo.

Ele se aproximou mais dela, de forma que seu rosto ficou a apenas cinco centímetros do de Parvana. Ela manteve os olhos baixos, mas sentia o hálito dele, que era azedo. Ela sentia o cheiro das cebolas do hambúrguer que ele comera.

Ele baixou a voz, falando num sussurro. A intérprete aproximou-se mais e sussurrou a tradução.

— Diga-nos que cometemos um erro — disse ele. — Diga-nos que você não sabe nada. Fale uma palavra. Só uma! Qualquer palavra que você quiser,

e aí você poderá descansar e comer. E, se você não puder falar, bata os nós dos dedos na parede.

Ele bateu na parede perto da cabeça de Parvana.

— Eu sei que você está me ouvindo — sussurrou ele. — Tenho certeza de que você me entende. Agora preciso que você fale comigo. Uma palavra. Diga “pare”, “flor”, “cãozinho” ou “granada”. Diga apenas uma palavra. Fale comigo, e eu deixo você descansar.

Parvana continuou calada. Ela procurou respirar leve para evitar o cheiro azedo de cebola.

E então ele gritou bem na sua cara.

— Fale comigo!

Foi um grito alto, um grito de praça de armas, um grito para assustar o inimigo.

Parvana se assustou. Seu corpo se sacudiu.

E então ela não aguentou mais.

Ela fechou os olhos, encostou-se na parede e desmaiou.

SEIS



— Você só fez isso?

A mãe estava de pé ao lado da cadeira de Parvana, olhando para o caderno de exercícios da filha. Ele devia estar cheio de frações. Em vez disso, havia uma equação não terminada no alto da página. No resto dela se via um mapa da cidade que Parvana iria construir se algum dia tivesse essa chance, cheia de riachos, de pontes e de parques escondidos onde uma menina poderia passear sozinha sem ser incomodada por ninguém. Ela se esquecera de que devia estar fazendo exercícios de aritmética.

— Hanifa fez três séries de exercícios. Sharifa fez quatro. E elas nunca frequentaram uma escola antes.

A voz da mãe retomara seu vigor depois de ter sido silenciada pelo Talibã.

— Você já frequentou a escola, e seu pai era professor. E ainda assim não se pode confiar que faça uma simples sequência de frações? Se você se concentrar na tarefa, poderá fazer os exercícios antes de o sino tocar.

Hanifa e Sharifa sorriram com presunção e saíram do refeitório com a mãe de Parvana. Elas eram duas entre outras adolescentes da escola, cuja única ocupação o dia inteiro — além de fazer suas tarefas — era olhar para Parvana e dar sorrisos debochados.

Parvana ficou sozinha no refeitório. O som de crianças brincando lhe vinha pelas janelas. Ela se afundou na cadeira e bateu a caneta contra a mesa, depois a atirou longe. A mãe não tinha o direito de falar com ela daquela maneira, sobretudo na frente de outras alunas! Ela trabalhara muito duro ajudando a construir a escola. Como ela haveria de saber que na verdade frequentar a escola era tão difícil?

Algumas coisas da escola eram fáceis. Ler livros das estantes da biblioteca? Fácil. O inglês dela já melhorara só de ler os livros em inglês doados à escola. Ela gostava das lições de primeiros socorros, porque conseguia ver utilidade para tudo que lhe ensinavam. Gostava de saber onde estava tudo na escola e como fazer as coisas. Gostava quando as alunas vinham lhe fazer perguntas que ela sabia responder.

Mas ela odiava ser uma aluna como outra qualquer.

Ela odiava ficar sentada em silêncio.

Como se podia esperar que ela ficasse sentada numa mesa durante horas, olhando para um monte de números? Parvana estava acostumada a *fazer* coisas. Ela estava acostumada a trabalhar e a pedinchar, a esquivar-se e sobreviver.

Não a ficar sentada, com o olhar fixo.

Parvana abaixou os olhos para sua tarefa de matemática toda bagunçada. Multiplicação de frações. Por que alguém faria esse tipo de coisa? Ela não conseguia entender aquilo e estava cansada de tentar. A mãe explicara. Nooria explicara. Mesmo as outras professoras explicaram. Ainda assim, Parvana não conseguia entender como multiplicar um terço por um quinto nem por que alguém desejaria fazer isso.

Ela não podia mais continuar naquela sala. Não conseguia suportar a ideia de passar mais duas horas com as Garotas Debochadas. Tudo se fechava em volta dela.

Ela tinha de sair.

Então, ela saiu.

Ela saiu do refeitório, passou pela foto de Weera na Parede das Realizações, saiu da escola, passou pelo portão e não parou quando o sr. Fahir chamou por ela.

Parvana andava vigorosamente, estava precisando mexer os músculos e sentir o coração bater. Ela andava sem olhar em volta, resmungando baixinho sobre a inutilidade das frações e sobre a injustiça cometida por sua mãe.

Ela avançava por uma estrada de cascalhos ladeada por campos. Alguns dos campos tinham plantações de papoulas, o que tingia o vale de verde e rosa quando as flores desabrochavam. Colinas rochosas rodeavam a área como os lados de uma tigela.

Parvana seguiu pela estrada pisando duro, rumo à aldeia. Quando ela chegou às primeiras lojas e casas, sua raiva já tinha se dissipado.

As pessoas acamparam nos limites da aldeia. Algumas tinham tendas. A maioria dispunha apenas de lonas estendidas sobre papelões ou sacos cheios de palha ou de areia. Umas poucas cabras fuçavam o lixo. Crianças com roupas sujas estavam sentadas no chão ou chutavam uma velha caneca de lata.

Era uma versão um pouco menor do campo de refugiados internos onde Parvana por fim encontrou sua família. O que sobrara daquele campo não ficava muito longe dali, mas Parvana não desejava voltar lá. Fora muito duro viver naquelas condições.

Depois das tendas, vinham as casas de barro — construções baixas e quadradas, feitas de tijolos de barro. Bolos de esterco tinham sido colados nas paredes para secarem ao sol. Eles seriam usados como combustível para cozer alimentos e para aquecer as casas. Alguns dos barracos tinham pequenas lojas que expunham seus produtos na janela — recipientes de vidro com goma de mascar, doces, biscoitos e sabão.

Parvana passou por uma padaria e sentiu o cheiro de *nan* recém-saído do forno. Passou por um açougue, onde viu a carcaça de um bode esfolado pendendo de um gancho e uma fileira de cabeças de bode numa bandeja na frente. Em seguida se viam os vendedores de frutas e legumes, com laranjas, cebolas e tomates empilhados em pirâmides. Vendiam-se tigelas de condimentos e pilhas de nozes nas barracas vizinhas às dos comerciantes de frutas e legumes, ao lado de lojas de ferragens e utilidades domésticas.

Parvana crescera em Cabul e passou muito tempo trabalhando no mercado da cidade. Aquela aldeia tinha um mercado menor e mais tranquilo.

Quem sabe eu possa arranjar emprego aqui, ela pensou. Sei o bastante de aritmética para contar o dinheiro que ganho e para calcular o preço das coisas. Não preciso de frações idiotas para isso.

Seria bom ter dinheiro no bolso outra vez. Desde que se iniciara o projeto da escola, a mãe dispunha de todo o dinheiro da família, que não era muito.

Certa vez, Parvana pediu um pouco de dinheiro. Ela estava com vontade de andar pela cidade para comprar uns damascos secos ou alguma coisa gostosa.

— Você não precisa de dinheiro — disse a mãe.
— Você recebe tudo de que precisa. Além disso, você não vai ao mercado. Já andou muito por aí nos últimos anos. Vai ser bom para você começar a sossegar um pouco.

“Era isso o que eu queria”, pensou Parvana enquanto andava junto a um mascate com uma carrocinha cheia de sandálias de plástico. E tudo o que ela desejara durante todos aqueles anos fora uma vida normal. Ela queria ficar numa sala de aula, vestida com roupas limpas, e viver com sua família.

E, agora que ela tinha tudo isso, a única coisa que fazia era reclamar.

— O que há de errado comigo? — perguntou ela em voz alta.

Parvana atravessou a cidade e saiu do outro lado. Mais uma vez ela se encontrava diante de colinas áridas, vegetação rasteira e um céu muito amplo. Ela sabia como era fácil se perder na zona rural do Afeganistão, sabia que as colinas logo podiam começar a se parecer todas iguais.

Ela subiu na colina mais próxima e parou no cume. Depois de verificar se não havia escorpiões ou aranhas-camelo, Parvana se sentou e recostou-se numa pedra grande. Dali ela via toda a aldeia e, para além desta, sua nova escola.

Suas pernas doíam, apesar de estarem em forma. Elas faziam exercícios todos os dias na escola, mas todos aqueles exercícios de salto e de flexões não satisfaziam sua necessidade de perambular, de se deslocar pelo mundo e vê-lo seguindo seu curso.

— O que há de errado comigo? — ela tornou a se perguntar.

Aviões de guerra partiram zumbindo de um vale atrás dela e cruzaram o céu com grande barulho.

Parvana nem piscou. Eles eram tão comuns quanto corvos. Igualmente comum era a visão da fumaça de uma explosão se elevando a distância.

Alguém estava comendo terra, sentindo seus tímpanos explodirem e vendo seu mundo se despedaçar.

— Mas não eu — disse ela em voz alta. — Hoje não. Já tive minha cota. Agora é a vez de outra pessoa.

O chão em que ela estava era duro, mas confortável. Parvana sabia dormir ao ar livre. Na escola, ela tinha partilhado um *toshak*⁸ com as irmãs à noite. Sempre ficava imprensada no meio — entre Nooria, que achava ter direito a um espaço maior, e Maryam, que não parava de se mexer nem mesmo quando estava dormindo. Muitas noites, Parvana simplesmente desistia e ia dormir no chão.

Elas não vão sentir falta de mim, ela pensava.

Construir a escola fora divertido. Ela tivera um projeto, um objetivo. Mas frequentar a escola? Não, ela não podia fazer isso. Ela não podia passar o resto da vida sentada diante daquelas garotas horríveis, olhando para a mesma página de frações.

— Vou arranjar um emprego de construtora de escolas — disse ela ao céu. — Vou sair andando pelo país. Toda vez que chegar a uma aldeia sem escola, vou procurar os mais velhos e me oferecer para projetar uma. Eles arranjarão uma velha viúva em cuja casa eu possa me alojar. Vou buscar água para ela e ajudá-la todas as manhãs e ler para ela à noite. Durante o dia, traçarei projetos para a escola e direi aos homens da aldeia o que fazer. “Disponham as

⁸ *toshak* – colchão fino, usado em muitas casas afegãs no lugar das camas.

janelas de forma que deem para o jardim!”, eu vou dizer. “Façam o *playground* maior. E façam mais estantes para a biblioteca.”

Ela conseguia ver tudo isso. A cobertura plana para que se pudesse brincar nela, com uma mureta alta o bastante para que as crianças não caíssem. Lá elas poderiam empinar pipas no festival de primavera e dormir sob as estrelas nas noites quentes. A enorme horta com galinheiros numa das extremidades e, na outra, uma árvore grande sob a qual se pudesse ler. Qualquer aluna que pedisse poderia ter um pedacinho de terra para cultivar flores.

— Elas poderiam vender as flores no mercado. E ganhar um pouco de dinheiro.

Parvana sempre se sentia um pouco mais poderosa com um dinheirinho no bolso.

Na cerimônia de abertura da escola, o homem do governo faria outro discurso demorado. Dessa vez, porém, o discurso seria todo sobre Parvana, sobre suas habilidades e talentos e sobre o quanto ela conseguia realizar mesmo sem saber multiplicar frações.

Todos iriam aplaudir e procurar Parvana para lhe dar uma condecoração, mas ela não estaria lá. Ela já teria saído de fininho, e estaria andando sozinha pela estrada rumo à próxima aldeia, para construir mais uma escola.

— Ou quem sabe eu simplesmente vou cortar meu cabelo de novo — disse ela. — Asif tem um *shalwar kameez* a mais que pode me servir. Vou pegar no quarto dele quando ele estiver ceando. Mãe tem tesouras na escrivaninha. Vou me transformar de novo num menino, depois sair pelo mundo e conseguir o emprego que puder. Vou economizar dinheiro e...

Aquele pensamento não a levava a nada. Quando ela se vestia como menino, quando era mais nova, havia um sentido em ganhar dinheiro. Ela tinha uma família para manter e um pai para tirar da prisão.

Agora, para que ela haveria de economizar? Ela sentia que, desta vez, simplesmente sobreviver não seria suficiente. Ela precisava de um sonho maior.

O que ela queria mesmo era construir coisas — coisas em que as pessoas pudessem morar, que as fizessem se sentir seguras, felizes e...

Parte de sua mente estava prestes a reconhecer que, para fazer isso, ela com certeza precisaria saber multiplicar frações. E mais um monte de coisas.

Ela abandonou esse pensamento.

— Vou fazer o que Shauzia fez — resolveu ela. — Vou ganhar dinheiro disfarçada de menino e depois vou para a França. Vou começar a construir coisas aqui, e quando nos encontrarmos no alto da Torre Eiffel dentro de... — ela parou para fazer as contas — dezesseis anos serei uma arquiteta de sucesso.

Esse sonho bastou para que ela se levantasse, sacudisse a poeira das roupas e comesse a descer a colina. Ela trazia essa imagem na mente enquanto fazia o caminho de volta pelo mercado.

Ela só precisava dar um pulinho na escola para pegar a mochila de seu pai. A mochila era a única coisa que lhe restara dele, e nela estavam todas as cartas que Parvana escrevera para Shauzia — um registro de toda a sua vida nos últimos anos. Ela não queria de jeito nenhum deixá-la para trás para Nooria pôr as mãos na mochila e rir das cartas.

Ela desceu da colina e voltou para a aldeia. Estava mergulhada num devaneio em que apontava

as falhas de projeto na Torre Eiffel quando um homem se pôs à sua frente e começou a gritar.

— Cubra sua cabeça!

Parvana parou.

— O quê?

Ela tirou a cabeça de Paris e a trouxe de volta para o Afeganistão.

— Cubra sua cabeça!

Parvana tinha deixado seu xador cair como um xale por sobre os ombros. Ela gostava de sentir o ar em volta da cabeça e das orelhas.

— A lei diz que não sou obrigada a fazer isso — disse ela.

— Os estrangeiros dizem que você não é obrigada. Nós dizemos que é sim. — Os gritos dele chamaram a atenção de outros homens.

— Ela é daquela escola — disse outro homem. — Todas aquelas mulheres juntas... dali não pode sair boa coisa.

— Você não pode sair andando por nossa aldeia assim — gritou um terceiro homem. — Cubra-se e vá embora.

Num piscar de olhos, Parvana estava rodeada de homens. Gritando, xingando, cheios de fúria.

— Ela está vindo de um encontro com o namorado — disse um deles. — Ela traz sua desonra para nossa aldeia.

Parvana tentou passar por eles. Eles cerraram fileiras. O círculo de homens era formado de três anéis, e logo de quatro. Tudo o que ela via ao olhar para baixo eram sandálias enfiadas em pés grandes e empoeirados. Tudo o que ela via ao levantar a vista eram bocas e olhos com expressão raivosa.

Alguém bateu em suas costas. Bateram também em seus ombros e braços.

Eles ainda não estavam batendo para valer, mas com certeza estavam se preparando para isso.

Ela começou a perceber que devia sentir medo.

Mas, antes de sentir medo, ela resolveu sentir raiva.

Ela respirou o mais fundo que pôde e gritou:

— Saiam do meu caminho!

No momento de choque que se seguiu, Parvana viu uma brecha na multidão e passou por ela. Então, pôs-se a correr.

Eles correram atrás dela.

Talvez, se ela tivesse saído andando, eles sentissem vergonha e a deixassem em paz. Mas havia adrenalina demais em suas veias para ela conseguir sair andando com dignidade. E a adrenalina a impulsionou para fora da aldeia. Ela corria como as gazelas que disparavam pelas planícies do Afeganistão.

Ela atravessou o mercado correndo, passou pelas cabeças de bode, pelas tendas do campo de refugiados, e correu pela estrada de terra em direção à escola.

Os homens corriam atrás dela.

Mas Parvana ganhou distância deles. Eles estavam com raiva, mas ela também estava, e era jovem e acostumada a se deslocar com rapidez.

Os homens lhe atiraram pedras. Algumas atingiram suas costas, ricochetearam e caíram no chão. Parvana limitou-se a rir. Ela se voltou para mostrar que estava rindo deles.

— Todos vocês estão vivendo no passado! — gritou ela, quase na escola, sacudindo o xador na mão e sentindo os cabelos se emaranhando e se sacudindo ao vento. — Eu sou o futuro! Vou deixar vocês bem para trás!

Parvana tornou a rir ao ver que as pedras dos homens já não a atingiam. Então, correu o resto do caminho para casa. Ela se chocou contra sua mãe, que estava assistindo ao espetáculo do lado de fora do portão.

— Entre.

Parvana esperou até se encontrar protegida pelo muro da escola, para então dizer a sua mãe:

— Eu não sou criança.

— É exatamente isso que você é — disse a mãe.

— Você acabou de demonstrar isso.

A mãe afastou-se dela e entrou no refeitório.

A alegria e a energia de Parvana escaparam dela como o ar de um pneu furado. Ela então seguiu a mãe sem contestar.

Todas as alunas estavam às mesas, revisando as lições do dia. Elas não tinham lugar para estudar em casa, por isso faziam seus deveres de casa na escola. Antes de irem para casa, elas receberiam chá, pão, frutas e nozes.

— Prestem atenção, por favor.

Sua mãe estava falando.

As meninas largaram suas canetas e levantaram os olhos do trabalho. Parvana estava encostada na parede do refeitório, com receio do que estava para acontecer.

— Daqui para a frente, ninguém sairá da escola sem permissão — disse a mãe. — Ninguém vai sair ou entrar sem primeiro falar comigo ou com o senhor Fahir. Está claro?

— Sim, diretora — disseram todas as garotas.

— Não, diretora — sussurrou Parvana.

— Vocês todas podem fazer o favor de se voltar e olhar para a garota que está encostada na parede?

Todas as cabeças se voltaram, e os olhos se detiveram em Parvana.

— Essa garota está proibida de usar a biblioteca por três semanas — disse a mãe. — Se alguém a vir com um livro da biblioteca, peço que me avise. Se alguém a vir e não a denunciar, haverá punição. Todo mundo entendeu?

— Sim, diretora.

Parvana não precisou olhar para Hanifa e Sharifa para saber que elas estavam se sacudindo de rir como se estivessem em um terremoto.

Ela ficou encostada na parede enquanto a ceia estava sendo trazida, depois foi para o fim da fila de alunas para receber *nans* e fatias de laranja.

Quando ela estendeu a mão para pegar um pedaço de pão, o que recebeu foi a folha de exercícios com frações.

— Sua mãe falou que você só pode comer depois de ter feito o dever de casa — disse a cozinheira. — Sinto muito.

Parvana não argumentou com a cozinheira.

— Eu comi na aldeia — disse ela em voz alta, para o caso de alguém estar ouvindo. — Vou passar um bom tempo sem ter fome.

Ela pôs a folha de aritmética em cima da travessa de *nan* e saiu do refeitório.

A folha de frações seguiu-a por toda parte.

Quando ela foi ao banheiro, a folha apareceu na pia. Ela a deixou lá.

Quando foi para o aposento onde dormia com sua família, a folha estava em cima dos cobertores guardados no armário. Ela a amassou, transformando-a numa bola, e jogou-a num canto do quarto.

A mãe a viu fazer aquilo, pegou a folha e a desamassou.

— Você tem de saber isso — disse a mãe, devolvendo-lhe a folha. — Gostando ou não, você precisa saber fazer isso. Seu futuro depende disso. Se desistir disso, vai desistir da primeira coisa difícil que encontrar pela frente, e você é muito inteligente e muito forte para começar a desistir. Então, você só vai comer e só vai dormir quando tiver feito a tarefa.

A mãe dobrou o papel num perfeito quadrado, meteu-o na mão de Parvana e dobrou os dedos da filha em volta dele.

— Vá — disse a mãe. — Arrume um lugar para trabalhar. Tenho de pôr os pequenos para dormir.

Ela praticamente empurrou Parvana para fora do quarto.

Com um ruído, a porta se fechou atrás dela.

O primeiro impulso de Parvana foi o de jogar fora o quadrado, talvez até por cima do muro da escola, onde ele desapareceria para sempre. Então, pensou em ir à cozinha, pegar um fósforo e tocar fogo nas frações.

Mas ela conhecia sua mãe. Com certeza ela tinha uma gaveta cheia de frações, e sentiria o maior prazer em atormentar a filha com elas até as duas se tornarem velhinhas encurvadas e desdentadas.

Eu simplesmente vou embora, resolveu Parvana. Estou cheia. Tentei me adaptar, mas agora estou cheia.

Asif tinha uma cama em sua oficina. Parvana foi para detrás do pátio, viu sua lâmpada de querosene ainda acesa e bateu na porta.

— Entre — disse ele.

Parvana abriu a porta. Asif estava em sua bancada de trabalho, rodeado de pecinhas de metal.

— Estou consertando o caminhão de brinquedo de Hassan — disse Asif. — Prometi a ele, para que não me aborreça.

Parvana foi direto ao ponto.

— Quero que você me dê seu *shalwar kameez*.

— Meu *shalwar* novo branco?

— Não, o outro.

— Por quê?

— Não é da sua conta.

Ele largou sua chave de boca e olhou para ela.

— Você é a pessoa mais imbecil que conheci em minha vida.

— Cale a boca.

— Você vai cortar o cabelo, vestir minhas roupas, e aí você acha que assim ficará livre para fazer o que quiser.

Parvana passou por ele e se aproximou do *shalwar kameez* que pendia de um prego na parede.

— Vou pegar isso — disse ela. — E fique de bico fechado. Afinal de contas, você deve favores a mim.

— Devo favores? Como assim?

— Salvei sua vida. Encontrei você naquela caverna e salvei sua vida.

Asif cruzou os braços sobre o peito e olhou para ela.

— Sim — disse ele. — Acho que você tem razão. Acho que você salvou minha vida. Tudo bem. Vou ficar calado. Faça uma boa viagem. Desejo a você todo sucesso. Boa sorte ao passar pelo portão sem acordar o senhor Fahir.

Parvana abriu a porta, parou um pouco e se voltou.

— Acho que isso é uma despedida — disse ela.
— Eu...

— Claro que você podia parar de ser boba e fazer as frações.

— Não comece...

— Na verdade, Parvana, você já sabe mexer com frações. Você sabe fazer contas de cabeça. Já vi você fazer isso muitas vezes.

— Mas isso é diferente!

— Não, não é. O que você está fazendo é dizer para si mesma a história estúpida de que não é capaz de trabalhar com frações. Da mesma forma que conta a si mesma a história estúpida de que pode se vestir como um menino e passar por um menino... na sua idade! Alguns religiosos fanáticos matarão você antes do fim da semana. Eles vão te apedrejar na rua. Você diz que salvou minha vida? Tudo bem. Deixe-me retribuir o favor. Deixe-me mostrar que você já sabe trabalhar com frações e por isso não precisa ir embora e acabar sendo morta.

Parvana ensaiou uma resposta e hesitou. Reconhecer que Asif tinha razão era quase tão horrível quanto reconhecer que Nooria tinha razão. Mas ela se lembrou dos homens furiosos do mercado. Sabia do que eles eram capazes.

Talvez ela pudesse voltar a ser o que era e ficar bem. Talvez.

Talvez na verdade ela não quisesse tentar.

Parvana sabia que tinha de fazer uma escolha séria. Se ela ficasse por aquela noite, estaria se dispondo — ponto final — a enfrentar multiplicação de frações e qualquer novo horror que viesse pela frente. E, se ela fosse embora, não iria voltar.

Ela estava em vias de escolher seu futuro.

— Você é o menino mais horrível do mundo — disse ela, jogando o *shalwar kameez* na cama.

— E você é a menina mais horrível.

Ele mexeu os dedos em direção à folha com as frações. Parvana passou para ele. Asif a desdobrou, alisou-a e deu um lápis a Parvana.

Parvana se aproximou da bancada de trabalho, olhou para as frações e se dispôs a deixar que lhe ensinassem a trabalhar com elas.

SETE



Parvana acordou em sua cama com o som de alguém deslocando uma placa de metal na parte inferior da porta e enfiando alguma coisa para dentro da cela.

Ela se deixou ficar quieta. Tinha certeza de que alguém ainda estava do outro lado da porta, observando-a.

Estava satisfeita por estar deitada. Sentia-se exausta a ponto de achar que nunca mais se levantaria da cama. A única coisa que queria era ficar olhando para o teto sem pensar em nada.

— Está tudo bem — cochichou a pessoa que a estava observando através da telinha. A voz sussurrada parecia ser feminina.

Parvana começou a se sentar na cama. A princípio seu cérebro estava confuso demais para lembrar que ela não devia dar mostras de que sabia inglês. Ela pensou nisso quando já estava quase sentada e tornou a deitar na cama.

Seu coração disparou a bater no peito.

Ela se traía! O barulho de seu coração enchia a cela, fazendo as paredes tremerem e soltando todos os parafusos tão bem verificados pelo Inspetor 247.

— A comida — dizia a voz sussurrante. — Está tudo bem. É uma comida pronta para o consumo, a

mesma comida que recebemos. Você vai ter de comer a sua fria porque tivemos de retirar o aparelho que a aquece. Mas está tudo certo. É só desembulhar.

— Você já entregou a comida, soldado? — Parvana ouviu alguém gritar.

— Já sim, senhor — respondeu a voz, que era sem dúvida de uma mulher jovem.

A soldado se afastou da cela de Parvana.

A garota se forçou a continuar na cama. Repassou todas as tabuadas de multiplicação de um até vinte e cinco. Então recitou para si mesma a primeira sura do Corão.

Por fim, Parvana não aguentou mais. O corredor estava em silêncio. Ninguém a observava. Ela se levantou, foi até a porta e pegou a bandeja. Depositou-a sobre a mesinha e a examinou.

Era uma sacola.

Eles já a tinham aberto para ela.

Parvana olhou o que tinha dentro.

Outras sacolas.

Ela tirou uma e leu a etiqueta. *Tortellini* de queijo ao molho de tomate.

Não sabia o que era *tortellini*, mas gostava de queijo e gostava de tomate.

Havia um monte de palavras na sacola, e Parvana leu todas elas. Ficou sabendo onde a comida tinha sido feita, que ingredientes foram usados e sua data de validade. Ficou sabendo como abri-la, que vitaminas a comida continha e que ela não tinha gorduras trans.

Era uma leitura aborrecida, mas qualquer leitura era melhor que nenhuma.

Eles deviam imprimir poemas naquelas embalagens. Os soldados no campo de batalha com certeza haveriam de gostar de ter alguma coisa para

ler. E um bom poema no momento certo poderia mudar a vida de uma pessoa.

Quem iria atirar em alguém depois de ter lido “Stopping by Woods on a Snowy Evening”⁹ ou “Casey at the Bat”¹⁰? Ela tinha lido esses dois poemas em seu livro de poesias americanas e gostou muito deles.

“Ei, você”, o soldado iria gritar para a pessoa que ele devia matar. “Acabei de ler um grande poema. Deixe que eu o leia para você. Você vai adorar!”

O exército poderia pôr piadas nas embalagens da comida, ela pensou, ou então contos. Ou capítulos de romances: os soldados poderiam trocá-los até terem lido o livro inteiro.

Ela os imaginava sentados no alto de seus tanques, fazendo uma pausa para a refeição.

Talvez muitos deles pegassem capítulos de *Little women*¹¹, e então iriam comer e chorar quando Beth morresse. Ou então iriam rir quando a pobre Anne de Green Gables pintasse os cabelos de verde.

Eu devia mandar uma carta ao exército, disse ela consigo mesma. É uma boa ideia. Talvez eles me contratassem para escolher os livros.

Ela então afastou esse pensamento, deixando para se divertir com ele depois, e olhou as embalagens restantes. Havia uma colher de plástico, pão, pêssegos da Georgia fatiados e um *brownie* de chocolate.

“É uma armadilha”, pensou ela. “Por que eles iriam me dar tanta comida? E uma comida tão fantástica!”

⁹ “Parado entre árvores no entardecer nevado”, poema de Robert Frost.

¹⁰ “Casey com o bastão”, poema de Ernest L. Thayer.

¹¹ *Mulherzinhas*, novela americana de Louisa May Alcott.

Talvez fosse melhor não comer.

A moça da janela disse que estava tudo certo. E ela sussurrara, o que significava que provavelmente ela não devia falar com prisioneiros.

“Se eu não comer, não vou ter forças para aguentar tudo isso”, disse Parvana para si mesma.

Esse pensamento liquidou a questão. Ela abriu a embalagem de *tortellini* e viu molho de tomate vermelho e bolinhas de massa. Mergulhou o dedo no molho e experimentou. O tomate e os condimentos em sua língua aumentaram ainda mais seu apetite, e ela não conseguia levar a comida à boca na velocidade desejada.

Quando a porção de *tortellini* acabou e ela já tinha raspado o molho com a colher o mais que pôde, levantou os cantos da embalagem e lambeu todo o resto.

Ela se reclinou e suspirou. Sentia a energia voltando ao seu corpo. Ela ficaria bem. Era capaz de fazer isso.

Parvana examinou mais atentamente a embalagem rasgada. Se tirasse o papel filme que a envolvia, teria uma folha de papel. Embora ela não tivesse caneta — e nem dava para imaginar como conseguir uma —, era bom saber que tinha papel.

Parvana arrumou o resto da comida na pequena prateleira acima da mesa de refeição para comer depois, e se pôs a trabalhar para destacar as partes da embalagem. Era um trabalho delicado. Ela não queria rasgar o papel. O trabalho a manteve calma e ocupada, e por um instante sentiu algo próximo da felicidade.

Eles não vieram falar com ela de novo. Deixaram-na em paz por algum tempo.

De vez em quando traziam-lhe refeições, e uma vez um soldado entrou em sua cela e levou embora os restos das refeições. Àquela altura, Parvana tinha quatro folhas de papel da embalagem, alisados e escondidos sob o colchão. Ela achava que eles iriam encontrar o papel e levá-lo embora, mas o trabalho que teve lhe deu alguma coisa com que se ocupar.

Parvana observava a passagem dos dias vendo a mudança da luz através da janelinha no alto da parede da cela.

A janela era mais larga que alta, embora não fosse nem muito larga nem muito alta. Quase toda ela era coberta com plaquinhas de metal inclinadas de modo que não se pudesse ver muito bem de fora para dentro nem de dentro para fora. Um pouco de ar fresco entrava, fazendo com que a cela ficasse fria durante a noite.

Parvana descobriu que, apoiando o pé direito na cama e o pé esquerdo na mesa, ela podia ver através da janela. Sua vista era dificultada pelas placas, mas ela conseguia ver o céu e as colinas rochosas ao longe. Em primeiro plano, via latas de lixo, barracas e fitas farpadas cercando tudo. Ela podia enfiar os dedos por entre as placas da persiana e agita-las à luz do sol. Ficou ali o máximo de tempo em que conseguiu manter o equilíbrio, contemplando o mundo.

No terceiro dia em que ficou sozinha, a cobertura da tela da porta se abriu.

— Venha até a porta.

Era a mesma jovem de antes, mas dessa vez ela falou alto.

— Prisioneira, venha até a porta.

Parvana estava sentada à beira da cama. Ela não respondeu.

A porta foi destrancada. A jovem tinha ao seu lado outra oficial. Cada uma segurou um braço de Parvana.

Elas tentaram fazer com que Parvana se pusesse de pé, mas ela se agarrou à borda da cama. Sentia-se segura na cela. Não queria que o homem gritasse com ela novamente.

— Arraste-a — disse uma das mulheres.

— Ela não passa de uma criança.

— Ela não é uma criança. É uma terrorista.

Uma delas se ajoelhou ao lado de Parvana.

— Estamos apenas levando você para tomar um banho de chuveiro — disse ela calmamente. — É só um banho. Vou ficar com você o tempo todo. Não se preocupe. Eu sou a mulher que lhe traz as refeições. Você sabe que pode confiar em mim.

— Ela não fala inglês. Você tem de falar com ela em árabe.

— Cale a boca. Se ela não entende a palavra, entende o tom de voz.

As duas oficiais continuaram discutindo enquanto tiravam Parvana da cela e a conduziam a um pequeno banheiro no fim da fileira de celas. Deram-lhe um sabonete, um pouco de xampu e disseram-lhe que fosse para trás da cortina e tomasse banho. Elas também lhe deram roupas limpas — calça verde do exército, camiseta verde e uma blusa verde de mangas compridas.

— Suas roupas serão lavadas e devolvidas a você — elas lhe disseram, mas Parvana não ligou para isso. Sua escola sumira do mapa. Ela não precisaria mais do uniforme escolar.

Parvana demorou no banho o quanto pôde. A água estava numa temperatura agradável, o sabo-

nete era cheiroso e ela sentia a maciez da espuma em seus cabelos.

Parvana enxaguou os cabelos e vestiu as roupas limpas. Então as mulheres a levaram de volta à cela.

Tinham limpado o cubículo. O piso ainda estava úmido do pano de chão, e o cheiro medicinal de desinfetante impregnava o ar. Havia lençóis e cobertores limpos dobrados no pé da cama.

Suas folhas de papel estavam em cima da cama.

Ela entendeu o recado.

Nada ficaria escondido.



Quando alguém se corta, é preciso fazer três coisas importantes. Pressione o ferimento para estancar o sangramento, limpe e cubra o ferimento. Isso é para evitar infecção e facilitar a cura. Para limpar o ferimento, ponha-o sob água limpa corrente...

Parvana parou de ler. Se aquela era a única maneira de higienizar um ferimento, todo o Afeganistão estava condenado a morrer de infecções horríveis.

Ela levantou os olhos da página de anotações e olhou para o rosto das trinta e seis garotas amontoadas na sala de aula de Nooria. A maioria ocupava as cadeiras em duplas. Parvana e as outras garotas mais velhas tinham começado a receber instruções sobre primeiros socorros e enfermagem básica de uma enfermeira canadense do exército. Disseram-lhes que partilhassem o que tinham aprendido com as alunas mais novas.

A turma de Nooria estava ouvindo educadamente, mas Parvana se aborrecia e tinha certeza de que estava aborrecendo as alunas também.

— Elas não vão se lembrar de grande coisa — disse a enfermeira. — Mas sairão daqui com a ideia de que há coisas que podem fazer para preservar a saúde. Já é um bom começo.

Ainda por cima, corriam histórias nos jornais sobre escolas sendo bombardeadas ou incendiadas pelo Talibã. Se isso acontecesse com a Academia da Esperança – Leila, Parvana desejava que todos ficassem bem. O que significava que todos deviam saber como cuidar de si mesmos e uns dos outros.

A escola estava funcionando havia poucos meses. A cada dia, mais famílias tentavam matricular suas filhas. Membros da comunidade iam à escola para ensinar a cozinhar, a bordar e a secar ervas para fazer chá e para serem usadas como condimento. Uma das professoras tinha um parente que sabia fazer perfume a partir de pétalas de rosa. Outro sabia criar abelhas para a produção de mel.

A mãe estava começando a pensar que um dia a escola poderia ganhar dinheiro para cobrir pelo menos alguns de seus custos. Por enquanto, bastava que as alunas viessem, aprendessem alguma coisa e voltassem para casa bem alimentadas.

Porém havia alguns problemas. Dispunha-se de um gerador, mas de muito pouco combustível. A força era rigorosamente racionada e remanejada quando a mãe precisava recarregar seu telefone celular, e não quando Parvana queria ler. Muitas alunas só comiam na escola. Suas famílias eram pobres, e na casa delas a comida era para as pessoas que não comiam na escola. Quando voltavam à escola depois do fim de semana, as crianças estavam sempre famintas.

A mãe estava tentando aumentar as verbas gastas com alimentação para que as meninas pudessem levar um pouco de comida para casa ao fim de cada semana.

A Parede das Realizações estava ficando coberta de trabalhos de aritmética perfeitos, amostras de

boa caligrafia e uma nova seção, Aluna da Semana, para a aluna que tivesse se empenhado muito ou feito uma boa ação. O nome da aluna ia para a parede, e a mãe de Parvana mandava uma carta entusiasmada para a família da menina.

Verduras e legumes vicejavam na horta, as galinhas estavam pondo ovos, e quando a bandeira afegã era hasteada a cada manhã as meninas cantavam a plenos pulmões o hino nacional com vozes claras e cheias de orgulho.

Quando observou a turma de Nooria, Parvana percebeu que apenas a leitura das lições não estava ensinando nada a ninguém. As meninas eram educadas, mas a didática usada pela irmã lhes dava sono. Até Nooria estava cochilando.

Parvana sacudiu a cabeça e riu alto. Ela pôs as anotações viradas para baixo na escrivaninha.

— Quem aqui já se cortou? — perguntou ela.

As alunas levantaram as mãos.

— E o que sai de seu corpo quando você se corta?

— Vermelho — disse uma aluna.

— Sangue — disse a garota ao seu lado.

— Sangue vermelho — disse Parvana, juntando as duas respostas. — Algumas pessoas entram em pânico quando veem sangue, mas nós não, não é mesmo? Porque nós sabemos o que se deve fazer. Quem aqui gostaria de saber o que fazer quando vir alguém com um corte na mão e o sangue saindo?

Todas as mãos se ergueram.

Foi quando Parvana resolveu se divertir.

— Vou pedir à professora de vocês que tenha paciência. — Ela pôs uma cadeira na frente da sala e fez um sinal para que Nooria se sentasse nela.

Nooria lhe lançou um olhar duro, mas não sabia como recusar.

Parvana levantou a mão da irmã e desenhou uma marca com um pincel atômico.

— A professora de vocês se cortou — disse Parvana. — Fiquem todas em volta dela, que eu vou mostrar o que fazer.

Ela estava com seu estojo de primeiros socorros, com gaze e ataduras feitas à mão. Mostrou às alunas como limpar o ferimento e envolvê-lo com um pano limpo.

Com a mão enfaixada, Nooria fez menção de levantar-se.

Parvana pôs a mão no ombro da irmã. Ela estava apenas começando.

— Ah, não! — disse ela. — A professora de vocês quebrou o braço.

As meninas olhavam fascinadas Parvana dobrar um grande quadrado de tecido dando-lhe a forma de um triângulo, e em seguida amarrá-lo, improvisando uma tipoia perfeita.

— Mas e se você não tiver um tecido em forma de quadrado grande? — Parvana lhes perguntou. — Talvez você tenha apenas um cachecol estreito. Vejam como se pode usar o cachecol para fazer o outro tipo de tipoia.

Parvana usou o cachecol que estava em volta de seu pescoço para amarrar o outro braço de Nooria.

— Ah, não! — exclamou Parvana. — Houve uma terrível tempestade de poeira, e a professora de vocês está com os olhos feridos.

— Por hoje, basta — disse Nooria, mas não resistiu ao entusiasmo de suas alunas.

— Vocês podem evitar que os ferimentos piores mantendo os olhos dela tapados até poderem levá-la a um médico — disse Parvana, tascando alegremente uma gaze em cada um dos olhos da irmã e envolvendo-lhe a cabeça com ataduras.

— Quanto mais ajustadas forem as ataduras, melhor — disse Parvana às alunas, entrecruzando a atadura de forma que Nooria não conseguia abrir a boca.

Pela primeira vez na vida, sua irmã não conseguia pronunciar uma palavra.

Foi um momento absolutamente sublime.

O sino tocou, anunciando o recreio da manhã.

— Olhe o sino — disse Parvana. — Quem quer suco?

As garotas correram para fora da sala. Parvana ainda ficou no vão da porta por um instante.

Ela sabia que mais tarde ia ter de pagar por aquilo. Quem sabe até iria se arrepender.

Por enquanto, porém, sentiu vontade de dançar.

E ela dançou.

Ela dançou enquanto saía da escola e entrava no pátio, e continuou dançando, na imaginação, enquanto ouvia o sermão da mãe, suportava a fúria de Nooria e o montão de tarefas que teve de fazer a título de punição — as horas de trabalho de jardinagem, limpeza das latrinas, faxina na cozinha e também no galinheiro, de onde ela tirava os detritos com uma pá.

Ela trabalhava, suave, esforçava-se, sentia dores e durante duas semanas inteiras não teve um momento para si mesma.

Mas ela não se arrependeu de nada.

NOVE



Parvana se esforçava para não perder a noção da passagem dos dias.

Era difícil. A brilhante luz do teto ficava acesa o tempo todo. As refeições eram trazidas em intervalos muito irregulares — às vezes, após um breve espaço de tempo; às vezes, depois de um longo período.

Ela era retirada da cela a qualquer hora do dia ou da noite. Um dia fizeram com que se sentasse na salinha sob o olhar vigilante do guarda pelo que lhe pareceu um longo período de tempo. Depois foi levada de volta a sua cela, e então... pam! Eles se precipitaram porta adentro, levaram-na para a mesma salinha, o mesmo guarda em silêncio, as mesmas horas que se arrastavam interminavelmente.

Parvana desconfiava de que fora levada de volta à cela para que o guarda pudesse comer alguma coisa e ir ao banheiro, mas é claro que ela não podia perguntar a ninguém sobre isso.

Então ela ficava sentada na cadeira dura por um longo tempo até começar a cochilar. Daí o guarda batia um taco de beisebol na parede, perto da sua cabeça. Ela acordava sobressaltada, abria os olhos, o coração batendo descompassado no peito.

Eles continuavam com isso até Parvana ficar tão cansada que sentia como se suas pernas esti-

vessem infestadas de vermes rastejantes. Eles a levavam de volta à cela. Ela se prostrava na cama. Deixavam-na sozinha apenas por tempo suficiente para conseguir evitar que seu corpo exausto se enrodilhasse e ela caísse no sono. Então a porta da cela se abria outra vez com um estrondo, e eles a levavam de volta para a cadeira dura.

Os guardas que a tiravam da cela eram mulheres. Nenhum dos guardas do sexo masculino tocava nela, e Parvana sentia-se grata por isso. Os homens eram fortes, em boa forma, e davam a impressão de que poderiam feri-la seriamente se quisessem.

As mulheres soldados também eram fortes. Andar ao lado delas quando agarravam seus braços era como andar ao lado de criaturas feitas de ferro e aço. Mas Parvana esperava que elas não se descontrolassem e a machucassem. Ela nunca fora golpeada por uma mulher, mas não podia dizer o mesmo dos homens. Apanhara muitas vezes de homens. Alguns deles pertenciam ao Talibã. Outros homens não pertenciam ao Talibã, mas achavam que, de todo modo, podiam surrá-la.

Mas Parvana não se descontraía na companhia das mulheres. Ela vira as fotos de Abu Ghraib em que mulheres soldados faziam coisas horríveis a prisioneiros iraquianos. As mulheres eram capazes de torturar tanto quanto os homens, se assim o desejassem.

Isso foi uma das coisas sobre as quais Parvana pensou sentada na cadeira. Ela se apegava a qualquer fio de pensamento que pudesse mantê-la calma e distraída. Do contrário, só podia se concentrar em dor, medo, solidão e exaustão.

Seus pensamentos sobre mulheres e tortura eram assim: as mulheres ocidentais podiam optar

por fazer o que quisessem. Então por que elas optaram por fazer aquilo?

E como uma mulher treinava para se tornar uma torturadora? Será que estudava anatomia humana, assim como Parvana estudava na aula de Ciências, para saber quais os terminais nervosos mais sensíveis e que músculos poderiam receber muitas pancadas? Será que elas treinavam em bonecas? Será que ficavam ouvindo durante horas e horas gravações de gritos para não se sentirem incomodadas quando ouvissem gritos de verdade?

Ela foi desfiando essa longa lista de pensamentos, examinando cada um de diferentes ângulos. Depois disso, começou a se perguntar se daria uma boa torturadora ou não. O que a levou a pensar em que tipo de informação ela desejaria com tanta intensidade a ponto de fazê-la ferir alguém de propósito.

Então ela descobriu.

— Onde está a chave da biblioteca?

Logo que pensou nisso, Parvana começou a rir e teve de tossir para disfarçar o riso.

Mas mesmo no caso da chave da biblioteca, ela achava que não iria ferir ninguém diretamente. Como poderia ela torturar uma pessoa sem chegar a feri-la de verdade? Refletir sobre essas ideias e rejeitá-las lhe tomou um bom tempo.

Então atinou com a tortura perfeita, pelo menos para ela. Observar sua irmã Nooria escovar os cabelos longos e volumosos. Aquilo sempre deixava Parvana maluca, e Nooria sabia disso, então parecia esperar que Parvana estivesse por perto para começar a escová-los. Mesmo quando Parvana deixava os cabelos crescerem, eles ficavam despontados e escorridos. Nooria tinha os cabelos mais bonitos que

Parvana já vira em toda a sua vida. Quando Nooria era mais nova, gostava de roçar os cabelos no rosto de Parvana para zombar da irmã.

Ela não mudara muito, pensou Parvana, no momento em que começava a fechar os olhos e tornava a cair no sono.

Quando seu queixo tocou no peito, o taco de beisebol bateu na parede de metal perto de sua cabeça. Ela acordou sobressaltada, querendo quebrar o taco em um milhão de pedaços.

Eles provavelmente tinham mais tacos, ela pensou. Com certeza eles tinham um galpão inteiro cheio de tacos de beisebol para manter as pessoas acordadas.

Para evitar cair no sono outra vez, Parvana resolveu pensar em Nooria e no dia em que as cartas chegaram.

DEZ



A primeira carta chegou de manhã.

A escola estava em plena operação de Limpar a Poeira. Tratava-se de tirar a poeira e a areia da escola. Uma tarefa interminável, pois a escola estava à beira de um deserto. Algumas garotas estavam varrendo salas de aula e corredores. Outras passavam panos de limpeza nos peitoris das janelas e nas mesas.

Parvana ficou com a tarefa que ela achava a melhor — bater os tapetes. Ela pendurava um tapete num varal e batia nele com uma vara. Nuvens de poeira e detritos se espalhavam no ar. Boa parte delas ia parar em Parvana. Ela espirrava, ria e sacudia a poeira dos cabelos.

Ela viu Maryam sozinha, ensaiando uns passos de dança, quando deveria estar ajudando na limpeza.

— O que estamos fazendo é Limpar a Poeira e não Dançar na Poeira — disse-lhe Parvana.

— Todos os panos de limpeza estão sendo usados — disse Maryam, fazendo pequenos trejeitos esquisitos com as mãos.

— Também existe uma coisa chamada vassoura.

— Todas as vassouras estão sendo usadas também.

— Todas elas? — Parvana agarrou a mão de sua irmã e conduziu-a para outra parte da escola. — Te-

nho certeza de que podemos encontrar pelo menos uma vassoura guardada no depósito.

O barracão ficava junto à parede traseira do pátio da escola. Lá se guardava todo tipo de coisa, desde uma caixa de sandálias doadas até ferramentas de jardinagem.

Parvana se dirigiu à porta do barracão. E então viu o cadeado.

— Desde quando esse barracão está trancado? — perguntou ela. — Quem pôs isso aqui?

— Foi o senhor Fahir — disse Maryam. — Eu disse a você que não havia mais vassouras.

— Vá pedir ao senhor Fahir que venha aqui e traga a chave — disse Parvana.

— Peça a ele você mesma — respondeu Maryam. E saiu dançando.

Parvana viu o sr. Fahir cruzando o pátio e correu em sua direção.

— Senhor Fahir, o senhor está com a chave do depósito? Minha irmã precisa de uma vassoura.

— Vassoura? — perguntou o sr. Fahir. — Acho que não há nenhuma vassoura no depósito.

— Bem, ela precisa de alguma coisa que a mantenha ocupada. E por que o depósito está trancado?

— O depósito precisa ser trancado — respondeu ele. — Crianças não devem entrar nele.

— As alunas não entram lá — disse Parvana. — O depósito ficou sempre aberto, e nunca houve problema...

— Chegou uma carta — disse ele, interrompendo-a. — Eu estava indo entregá-la.

Ele mostrou um grande envelope pardo.

O serviço de correios do Afeganistão voltara a funcionar depois de anos de guerra, mas não era muito comum as pessoas receberem cartas. Parva-

na com certeza nunca recebera uma. Ao longo dos anos, ela havia escrito muitas cartas para Shauzia, mas nunca as pusera no correio. Não tinha ideia de onde Shauzia estava, por isso as cartas ficavam na velha mochila de seu pai.

— É da América — disse o sr. Fahir.

— Para quem é? — perguntou ela. — É para mim?

Ela se permitiu um fugaz instante de fantasia, imaginando que a carta era de Shauzia, dizendo que ela deixara o campo de lavanda na França e agora estava numa plantação de milho na América.

O sr. Fahir lhe entregou o envelope.

Era para Nooria.

— Se você levar o envelope para dentro, vou encontrar alguma coisa para sua irmãzinha fazer — disse ele.

Parvana olhou para o envelope enquanto andava.

Por que Nooria haveria de receber uma carta da América? Parvana sentiu-se tentada a abrir o envelope. Precisou empregar o máximo de esforço para manter o envelope fechado por todo o caminho que levava à sala de aula de Nooria.

Lá, Nooria estava supervisionando o trabalho das alunas de limpeza do pó.

Parvana bateu de leve no braço dela.

— Chegou isso para você.

— Estou ocupada.

— Deixa pra lá, então — disse Parvana. — Vou jogar sua carta da América no fogo.

Nooria tirou o envelope dela e o examinou.

— Chegou — disse ela.

— O que é?

— Mamãe está no escritório dela?

— Como é que eu vou...

Mas Nooria não esperou a resposta. Ela saiu correndo, levando o envelope consigo. Parvana ficou presa supervisionando a turma de Nooria até que o sino tocou anunciando o recreio. Então ela correu e foi procurar a irmã.

Nooria estava no escritório da mãe delas. Elas conversavam de forma concentrada. O envelope estava aberto, o conteúdo espalhado na escrivaninha.

Elas nem ao menos levantaram os olhos quando Parvana entrou.

— O que é? — perguntou ela. — O que dizia a carta?

Nooria levantou a cabeça. Parvana percebeu uma alegria e excitação que nunca vira antes no rosto da irmã.

— É da Universidade de Nova York — disse ela, dando um salto e abraçando Parvana, uma coisa que não combinava nem um pouco com Nooria. — Fui aceita na escola deles! Eles vão pagar tudo. Eu vou para a América! — ela praticamente berrou.

América! Parvana não podia acreditar. Ela se afastou da irmã e agarrou a carta.

E lá estava, em caracteres bem legíveis. *Temos a satisfação de informar-lhe que você foi aceita para o Visiting Scholar Program da Universidade de Nova York, com bolsa de estudos integral.*

Nooria tomou a carta de volta antes que Parvana pudesse terminar de ler. A garota não se importou.

Elas iam para a América! E não só para a América — Nova York, Central Park, o edifício Empire State, a Estátua da Liberdade e coisas novinhas em folha para serem vistas em ruas por onde ela nunca passara.

— Quando é que nós vamos? — perguntou ela.
— Posso ficar pronta em uma hora. Meia hora. Posso me aprontar em dois minutos! — acrescentou. Com efeito, ela só precisava da mochila do pai. Parvana não possuía mais nada que ela tivesse apego. Numa cidade grande haveria trabalhos que ela poderia fazer para ganhar dinheiro e comprar as coisas de que precisasse.

— Nós vamos morar perto do metrô? — perguntou ela. — Que maravilha seria morar perto de um metrô...

Então Parvana notou que a mãe e Nooria estavam olhando para ela... Nooria com uma expressão zombeteira e divertida, a mãe com um misto de piedade e exasperação.

— Você não vai a lugar nenhum — disse Nooria, segurando a carta diante do rosto de Parvana. — É meu nome que está escrito aqui. Quem vai sou eu.

— Leve-me com você — disse Parvana, sem se incomodar de estar implorando. — Por que você vai, e eu tenho de ficar? E como eles ficaram sabendo de você? O que é que você fez de tão especial?

Parvana sabia que estava agindo como uma criança de quatro anos, mas não conseguia se conter. Ela afastou a carta com um tapa, desejando ter coragem de estapear o rosto zombeteiro de Nooria.

— Mamãe e eu fizemos a solicitação. Fui aceita porque sofri muito durante a guerra.

— Como você sofreu? A única coisa que fez foi lavar os cabelos o tempo todo. Eu sei porque quem ia buscar a água era eu!

— Meninas! Já chega! — disse a mãe, levantando-se da cadeira e fechando a porta do escritório.

Aquilo não ia adiantar nada, pensou Parvana. As paredes são finas.

Ela estava com tanta raiva que pouco ligava para quem ia ouvir.

— Nós enviamos o pedido meses atrás — disse a mãe. — Não imaginávamos que ela iria ser aceita, e, agora que foi, estamos muito contentes.

— Por que você não fez um pedido para mim também?

— Você é nova demais e não está adiantada na escola — disse a mãe com firmeza. — Agora, pare com essa bobagem e diga à sua irmã que está contente.

Parvana estava fazendo o maior esforço para encontrar um lugar em sua cabeça onde ela poderia se sentir feliz por sua irmã, quando Nooria interveio.

— Além do mais, você nem ao menos sabe multiplicar frações.

Aquilo fez Parvana explodir novamente.

— Eu sei, sim! — e sabia mesmo. Agora ela sabia multiplicar frações, dividi-las e transformá-las em decimais. E Nooria sabia disso.

— Quando Nooria voltar para o Afeganistão será uma mulher instruída — disse a mãe. — Um dia ela vai poder assumir a direção da escola.

— E aí você vai trabalhar para mim! — disse Nooria com o mais horrível sorriso forçado e asqueroso que Parvana tinha visto na vida. Ainda mais asqueroso que os de Hanifa e Sharifa juntos.

— Eu nunca vou trabalhar para você! Nunca! — exclamou Parvana. Seus punhos estavam tão fechados que ela sentia as unhas penetrando na pele das palmas das mãos.

— Acho que a coisa que pesou para que a universidade me desse a bolsa foi a parte em que eu lhes contei que me vesti de menino na época do

Talibã e saí às ruas para trabalhar e alimentar minha família — disse Nooria.

A mãe interceptou Parvana quando ela avançou sobre a irmã. E então Parvana se viu do outro lado da porta do escritório trancada à chave.

— Essa é *minha* vida! — exclamou Parvana, batendo e chutando na porta. — Você roubou *minha* vida!

Parvana correu para fora, passando por um mar de alunas que tinham se aglomerado para se divertir com a cena.

Ela voltou à tarefa de bater tapetes e atacou o tapete com fúria. A certa altura, Parvana manejou a vara com tanta força que ela voou por cima do muro da escola e caiu do outro lado.

Parvana torceu para que a vara tivesse caído na cabeça de alguém. Ela estava precisando muito ferir uma pessoa.

Aconteceu, porém, que ela ainda tinha tapetes para limpar. Teve de sair da área da escola, andar em volta do muro que a cercava e pegar a vara de volta. Quando terminou de fazer isso, a raiva tinha passado, e ela estava vazia demais para sentir alguma coisa.

A segunda carta chegou à noite.

Na ocasião, Parvana estava no pátio e assistiu à sua chegada também.

Ela não foi à aula, não foi cear, e com certeza não pretendia ir se deitar no *toshak* entre a horrenda Nooria e a não horrenda Maryam, que, de forma muito aborrecida, estava fazendo uma longa lista de presentes que desejava que a irmã comprasse para ela em Nova York.

A mãe não interferiu. Todos mantiveram distância do problema.

Todos, menos Asif. Ele levou para Parvana um prato de *nan*, grãos-de-bico, uma caneca de chá, e cobriu seus ombros com uma manta.

— Eu nunca gostei de Nooria — foi só o que ele disse. E bastou.

Parvana comeu e depois preparou uma caminhada para si mesma junto ao letreiro da Academia da Esperança – Leila.

Era bom tornar a dormir sob as estrelas. Ela sabia dormir no chão. Um colchão era legal, mas não era necessário. Desde que ela tivesse um cobertor.

Parvana tornou a pensar em simplesmente partir.

Ela poderia se tornar a Menina Selvagem do Afeganistão. As pessoas poderiam vê-la e então, num piscar de olhos, ela já teria ido embora. As lendas iriam pipocar.

— A Menina Selvagem esteve aqui na noite passada — diriam. — Uma das galinhas de Naseer desapareceu.

— A Menina Selvagem tirou água de nosso poço. Vamos ter muita sorte este ano!

Anos se passariam. Ela iria se tornar a Mulher Selvagem do Afeganistão, depois a Velha Selvagem do Afeganistão. Ela viveria até uma idade bem avançada porque desfrutaria de muito ar puro, se exercitaria muito e nunca iria se casar. Ela seria sua própria patroa durante toda a vida. E seria feliz.

Parvana mal começara a imaginar a própria morte no alto de uma colina sob uma lua cheia nascente, com a idade de cento e um anos, quando ouviu o barulho do motor de um carro.

Ele parou perto da escola. A porta do carro se abriu, então uma coisa passou voando por cima do muro da escola e foi cair junto aos pés de Parvana. A porta do carro se fechou e ele partiu em velocidade.

Toda a cena já tinha se passado antes que Parvana reagisse e fosse chamar o sr. Fahir, que estava dormindo em sua salinha junto ao portão.

Ela olhou para o objeto que tinha sido jogado. Era uma pedra do tamanho de um tijolo.

Amarrada a ela por um cordão, havia uma folha de papel.

Parvana pegou-a, tirou o cordão e desdobrou o papel. Ali estava muito escuro para ver, por isso ela entrou na cozinha. Pegou uma caixa de fósforos da gaveta, acendeu um e levantou-o, aproximando-o da folha de papel.

Fechem a escola de vocês — dizia a mensagem — senão vão pagar por isso. Fechem a escola de vocês, senão vamos matá-las.

Parvana ficou lendo e relendo as palavras até que a chama do fósforo alcançou-lhe as pontas dos dedos e ela o apagou.

De repente, e por fim, ela se sentiu feliz pelo fato de a irmã ir embora.

ONZE



*Cara Shauzia:
está ficando cada vez mais difícil me lembrar de
como você é...*

De pé, Parvana ouvia a intérprete ler as palavras que ela escrevera para sua amiga muito tempo atrás. Escrevera as cartas em *dari*. Elas pareciam estranhas vindas da boca da intérprete em inglês, para que o major pudesse entender.

... Minha vida é poeira e pedras, meninos grosseiros, bebês magros e longos dias procurando por minha mãe sem ter a menor ideia de onde ela possa estar.

— Quem escreveu isso parece muito triste — disse o major. — O que você acha, cabo? Você acha que Shauzia é uma pessoa que existe de fato?

— O caderno pode muito bem ser um diário, senhor — respondeu a mulher. — Muitas garotas dão nome aos seus diários. Anne Frank chamava o dela de Kitty.

— Eu li o diário de minha irmã mais velha quando éramos crianças — disse o major. — Uma leitura chata. Só falava o quanto odiava seus cabelos, odiava suas pernas, odiava seu nariz e tinha cer-

teza de que ninguém nunca iria gostar dela. Mas nunca zombei dela por causa disso. Eu não queria que soubesse que eu sabia o quanto ela se sentia tão mal consigo mesma. O que eu queria mesmo era informação sobre ela.

— Entendo, senhor.

— Continue a leitura, cabo.

A intérprete leu cada uma das cartas. Parvana estava saturada demais para se enfurecer com aquela invasão de sua privacidade.

Cara Shauzia:

Voltamos para a estrada. Quase parece que nunca saímos dela. Talvez o Vale Verde tenha sido apenas um sonho. Todos os meus sonhos viram lixo...

— Sonhos viram lixo — repetiu o major. — As pessoas ficam desiludidas e logo podem apelar para a violência. Já vimos isso antes, não é, cabo?

— Sim, senhor.

Ela virou a página e continuou lendo.

Cara Shauzia:

Alguém neste campo tem um rádio e eu ouvi que o Talibã se foi, e agora há um novo governo em Cabul. As notícias estão provocando um monte de discussões. Alguns dizem que as coisas vão melhorar. Outros dizem que vão piorar. Alguns dizem que os soldados estrangeiros vão matar todos os afegãos e mudar para suas casas. Quando um homem ouviu isso, agitou os braços na frente de sua tenda feita de sacos de lixo e disse: “Eles querem minha casa? Podem ficar com ela”. Os boatos se alastram mais rápido que disenteria. Ninguém sabe o que está acontecendo. Mas eu sei. Eu sei que seja lá o que aquelas pessoas importantes estão fazendo em Ca-

bul, elas não estão pensando em garotas como eu nem em nenhum de nós que está perdido e vivendo na lama.

A intérprete virou mais páginas.

Cara Shauzia:

Eu odeio o exército estrangeiro. O jornal de hoje traz a história de um míssil estrangeiro que atingiu uma aldeia e matou um monte de crianças. E ontem um soldado foi ao escritório de minha mãe. Claro que fiquei ouvindo na porta. Ele queria que minha mãe lhe desse informações sobre todo o pessoal que trabalha em nossa escola. Minha mãe disse a ele que o trabalho dela era dirigir uma escola, e não fazer espionagem para o exército. Ela disse que conhecia pessoalmente todo o pessoal da escola e que nada poderia deixar aquela gente mais insegura que o fato de seus vizinhos verem o exército entrando em suas casas. Ela disse que o exército devia empregar mais tempo procurando as pessoas que estão explodindo escolas e matando professores, e menos tempo incomodando gente inocente. Então ela o pôs para fora com tal rapidez que por pouco não fui golpeada pela porta do escritório. Minha mãe estava tão furiosa com ele que descarregou a raiva em mim: ela me deu uma longa lista de tarefas extras — mais uma razão para eu odiar os estrangeiros.

— Parece-me que há um bocado de raiva aí, cabo. Raiva bastante para fazer um terrorista? Acho que é isso que estamos tentando descobrir aqui.

Parvana tinha de ficar ali e ouvir sua vida sendo cuspidada de volta para ela, tendo de fingir que não entendia uma palavra.

DOZE



— Como posso saber se funciona?

Parvana estava ao lado da mãe e de Asif, na pequena alfaiataria. O alfaiate afastou a cadeira da mesa e, com um gesto, convidou a mãe para sentar-se e tentar usar a máquina de costura.

Parvana riu. Sua mãe fora jornalista profissional antes da chegada do Talibã, e agora era diretora de uma escola. Ela sabia fazer muitas coisas, mas não sabia usar uma máquina de costura.

A mãe franziu a testa e fez um aceno de cabeça para Asif. Ele também nunca usara uma máquina de costura, mas conseguiu entender como ela funcionava depois de ficar sentado por um minuto diante dela.

— Ela não precisa de eletricidade — disse o alfaiate. — Funciona com pedal. Basta movimentar o pé.

Asif se mexeu na cadeira para apoiar o pé no meio do pedal. Parvana o viu fazer uma costura. Ele olhou diretamente para ela.

— Há uma engrenagem aqui que parece estar travando — disse Asif.

— Uma gota de óleo, e ela vai funcionar como se fosse nova.

— Vamos ver — respondeu Asif. — Onde estão as outras?

O alfaiate levou Asif para os fundos para lhe mostrar as outras máquinas. A escola ia abrir um curso de costura.

— Ele vai ficar aqui por algum tempo — disse a mãe. — Vamos ver os tecidos.

Elas se dirigiram ao mercado. O corredor dos tecidos era enfeitado com as cores e texturas dos tecidos que pendiam como galhos. A mãe parou numa banca que exibia uma vasta gama de tecidos e entabulou uma longa discussão com o dono. De vez em quando, Parvana fazia uma sugestão ou apontava alguma coisa que lhe agradara, mas a mãe a ignorava. As ideias que a mãe tinha eram suficientes.

O primeiro ano da escola se passara, e o novo ano estava para começar. Nooria fora para Nova York, e se mostrara muito gentil com Parvana nas três últimas semanas que passou no Afeganistão.

Depois que ela partiu, a mãe chorou por três dias. Então ela se encheu de trabalho e insistia que todos os demais também fizessem o mesmo. Quando Parvana, Maryam e Asif não estavam fazendo faxina, pintando e preparando a escola para recomençar as atividades, se punham a trabalhar na horta. Além disso, eles estudavam todas as noites.

Agora que Parvana dominara a arte de multiplicar frações, as lições não a incomodavam. Trabalhando duro e regularmente, ela deu conta dos livros de exercícios do sétimo e do oitavo ano e começou a estudar o do nono.

— Se você continuar nesse ritmo, logo estará no curso secundário — disse-lhe a mãe. — Você está alcançando rapidamente o nível de sua idade.

Parvana tinha um plano novo e secreto, que era tentar conseguir uma bolsa para a Sorbonne, em

Paris. Ela encontraria Shauzia e se tornaria mais rica e mais bem-sucedida que Nooria.

Nooria iria convidar: “Você deve me visitar na cidade de Nova York. Da janela do meu apartamento eu vejo a Estátua da Liberdade”.

Ao que Parvana responderia: “A Estátua da Liberdade é muito bonita. Em Paris, temos a Torre Eiffel. E, por falar nisso, ela é minha! Eu a comprei! Isso mesmo. Eu projetei uma casa que se encaixa direitinho dentro da torre, e agora moro nela”.

Parvana achou essa ideia tão excitante que pôs a mão no bolso e tirou a caneta e o papel que agora levava sempre consigo. Ela tinha tantas ideias que não confiava em guardá-las na cabeça. Anotava-as imediatamente para que não escapassem.

Fez um esboço da Torre Eiffel e pôs uma casa bem no meio dela. Ela poderia ter vários pavimentos, pensou Parvana, como uma casa na árvore, e janelas grandes em todos os lados, para que ela pudesse ver o que estava acontecendo nas imediações. Ela iria pendurar grandes bandeiras em cada lado com os dizeres *Casa de Parvana* e *Seja bem-vinda, Shauzia*.

Ela estava acrescentando um balanço gigante quando a mãe lhe deu um encontrão, procurando uma peça de tecido de algodão verde.

Parvana deixou cair a caneta.

— Você podia procurar ser útil, em vez de ficar aí parada — disse-lhe a mãe. Era um comentário automático da mãe, que não significava nada. Sua mãe não queria que ela ajudasse na compra dos tecidos. Sua mãe só queria que ela carregasse os tecidos que tinha comprado.

Parvana tentou achar a caneta.

Ela a ouvira cair, mas não estava aos seus pés.

Olhou bem no chão e terminou por achá-la sob os pés do comerciante de tecidos.

Não posso pedir a ele, ela pensou. Ele já parece bastante exasperado.

A mãe de Parvana não era uma cliente fácil.

Ela esperou até a mãe pedir para ver alguma coisa na prateleira de cima. Ele moveu o pé, liberando a caneta, mas então a chutou sem querer quando esticou o corpo para pegar a escada. A caneta rolou pelo corredor.

Parvana foi atrás dela.

Logo que a caneta parou, foi chutada por um outro pé, e foi rolando pelo mercado.

Parvana tinha certeza de estar sendo ridícula — uma menina já crescida correndo atrás de uma caneta.

Por fim, a caneta parou na parede de uma loja de roupas de cama. Parvana se inclinou e a apanhou.

Quando ela se levantou, seu coração parou.

Havia um cartaz pregado na parede. As palavras eram grandes, claras e raivosas:

Aos pais que mandam suas filhas para a Escola Leila:

Essa escola é dirigida por gente má. Se vocês deixam suas filhas frequentá-la, vocês também são maus. O mal deve ser destruído. Vocês foram avisados.

Parvana olhava e tornava a olhar. Ela não conseguia sair do lugar.

— Aí está você!

A mãe se aproximou dela por trás, os braços cheios de pacotes.

— Me ajude com isso. Com certeza você causa mais problemas que Hassan e Maryam juntos. Se não posso confiar que você não vai sair vagando...

Então a mãe viu o cartaz e parou de falar.

Parvana enfiou a caneta no bolso e atacou o cartaz. Ele estava pregado na parede com cola e não poderia ser rasgado, por mais que ela o arranhasse com as unhas.

— Parvana, venha... — disse a mãe, tentando arrastá-la.

Parvana pegou a caneta e tentou destruí-lo com estocadas, e, como a coisa não funcionou, ela começou a rabiscá-lo.

— Venha, Parvana!

A mãe agarrou-lhe o braço com firmeza e puxou-o com força.

Só então Parvana notou que ela atraía uma multidão. Um semicírculo de homens rodeava Parvana e sua mãe.

Parvana aprendera a lição de seu último erro. Dessa vez ela não correu. Em vez disso, encarou cada um dos homens.

— O profeta Maomé, a paz esteja com ele, diz no Corão que todos são chamados para ser instruídos, tanto homens quanto mulheres. Se vocês se preocupam com o que acontece em nossa escola, venham ver por si mesmos. Vocês sabem onde nos encontrar. Batam no portão. Perguntem por mim. Meu nome é Parvana. Eu lhes mostrarei a escola.

Os dedos dela encontraram um canto solto no cartaz. Ela o agarrou e puxou. O cartaz se rasgou de um lado a outro. Agora ninguém podia ler a horrível mensagem.

— Dê aqui, mãe, deixe-me ajudá-la a carregar isso — disse Parvana, pegando alguns pacotes de tecido. Então ela deu o braço à mãe, e elas começaram a andar. Ela sentia que sua mãe estava trêmula

e se lembrou de que estava acostumada a ir ao mercado, mas sua mãe não.

Os homens deixaram-na passar.

Enquanto se afastava, Parvana sentia-se vitoriosa. Agora aqueles homens iam falar sobre ela. Eles iriam contar o que ela dissera e acrescentariam: “Essa menina corajosa tem razão! Educação é direito de todo mundo!”.

“Meu pai costumava me chamar de sua pequena Malali”, pensou Parvana.

Malali era uma garota da história afegã, famosa por liderar as tropas numa batalha contra os britânicos. E agora Parvana estava fazendo a mesma coisa, reunindo gente não para a guerra, mas para a educação.

Ela endireitou o corpo e levantou a cabeça.

Foi então que viu os outros cartazes.

Eles estavam por toda parte — nas paredes, colados em anúncios, pregados em postes. Para onde quer que Parvana olhasse, via os cartazes de advertência. Ela estava atravessando uma floresta de ódio.

Se eu quiser me livrar de todos eles, vou ter de queimar o mercado.

Sua confiança e sua comemoração murcharam. Asif estava pronto e esperando na alfaiataria com um táxi para levar para a escola a mãe, a filha e as máquinas de costura.

Ele lançou um olhar para o rosto dela e as levou dali depressa.

Uma vez na vida, Parvana se sentiu grata quando se viu rodeada pelas paredes da escola, que deixavam o resto do mundo do lado de fora.

TREZE



Parvana se viu novamente no pequeno escritório, de pé, sendo observada pelo mesmo guarda.

Ela estava tendo um dia muito difícil. Estava tão cansada! Tão cansada que não tinha forças nem para se concentrar em pensamentos que a distraíssem.

Eles ficavam mudando sua rotina. Ela nunca sabia o que estava acontecendo nem o que viria em seguida. Por isso, era impossível relaxar.

Eles ficavam inventando coisas novas para fazer com ela. Não a deixavam dormir.

A última coisa que usaram foi a música. Eles puseram música em sua cela. Música alta. A mesma música o tempo todo. Um jovem cantando sobre *puppy love*¹². Assim que terminava de cantar a música, tornava a cantá-la desde o começo.

Parvana não tinha sossego, não havia lugar em seu cérebro para organizar os pensamentos. Só *puppy love, puppy love, puppy love* horas a fio.

Acho que vou enlouquecer, pensou Parvana. Por mais que eu tente evitar isso. Eu gostaria de ser como a mulher que estava na colina, por quem passei há muitos anos. A única coisa que ela fazia era se deixar ficar ali e gemer, distante de todo mundo.

¹² *puppy love* [*puppy*, filhote de cachorro; *love*, amor] – expressão que significa amor de adolescentes, que os adultos consideram superficial e efêmero.

Parvana se perguntou se a mulher ainda estava lá. Talvez Parvana pudesse se acomodar na colina vizinha. Elas podiam fazer companhia uma à outra.

Então, o interrogador e a intérprete entraram no escritório.

— Pode ir embora — disse o homem ao soldado, que bateu continência e se foi.

Ambos traziam copinhos de café, e cada um estava com um livro. O homem trouxe também uma caixa de *donuts* aberta e a depositou em cima da escrivaninha. Eles pegaram as cadeiras, abriram os livros e se puseram a ler.

A visão daqueles livros causou tal alvoroço em Parvana que ela mal conseguia se conter. Tudo o que podia fazer era se esforçar para não atravessar o escritório, tomar-lhes os livros, jogar-se no chão e começar a ler.

Para se acalmar, ela se concentrou nos *donuts*.

Havia seis na caixa. Dois estavam cobertos com açúcar refinado. Dois eram de chocolate com glacê de chocolate. Dois tinham glacê cor-de-rosa, com granulado colorido.

Parvana tentou imaginar quem seria o primeiro a comer tal ou qual *donut* e ficou satisfeita ao ver que seu palpite estava certo. A mulher pegou um *donut* de chocolate, o homem, um com açúcar refinado. Caiu uma bolinha de geleia vermelha na bota dele. Ele não notou.

Ela fez alguns cálculos mentais — frações e porcentagens, a partir dos *donuts* que restaram na caixa — enquanto os dois tiravam a tampa dos copinhos de café, abriam os livros e se punham a ler.

Só então Parvana conseguiu ver o que eles estavam lendo.

O homem estava lendo *O jardineiro fiel*, de John le Carré.

Ela nunca ouvira falar naquele livro, mas gostou do título. Ela gostaria de ser uma jardineira fiel. Durante todo o dia, ela iria cavar, plantar, regar e colher.

Parecia estranho que aquele homem, que ficava interrogando uma adolescente aos berros, tivesse escolhido aquele livro.

Talvez ele pudesse ser jardineiro também.

Então ela olhou o que a mulher estava lendo. Era *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë.

Parvana também não tinha lido aquele livro, e o título não dava pistas para saber do que se tratava.

Os dois ficaram lendo, tomando café, ignorando Parvana.

Parvana não se importou. Ela se sentia grata pelo silêncio! Queria pôr todo aquele silêncio num grande saco e levá-lo consigo. E estava grata pela ideia de se tornar uma jardineira fiel. Ela se perdeu em seus pensamentos, perguntando-se que tipo de plantas haveria de cultivar se não tivesse de fazer mais nada. Planejar uma horta era como planejar uma aldeia. Tinha de ser útil, mas devia também parecer e ser agradável. A mente de Parvana se encheu de trilhas e de bancos, de tomateiros e de grandes cabeças de couve-flor.

Quando os copinhos de café se esvaziaram e restaram na caixa apenas migalhas e uns poucos granulados, o homem e a mulher depuseram seus livros e recomeçaram a interrogar Parvana.

— Você ainda não se cansou da minha cadeia? — perguntou o homem, enquanto a mulher traduzia. — Talvez isso aqui seja um paraíso para você. Você tem uma cama para dormir. E uma pri-

vada. Comida todo dia. É por isso que você não quer falar? Para que nós a mantenhamos em minha cadeia?

Ele fez uma pausa como se realmente esperasse que ela respondesse. Então continuou.

— Se é isso que você está pensando, você devia pensar melhor. Estamos em missão de paz, não em missão de dar belas acomodações para menininhas rebeldes demais para falar conosco. Não vamos continuar com isso por muito tempo. Por agora, você tem uma bela cela só para você. Recebe a mesma comida que recebemos e tem uma privada só sua! Eu não tenho uma privada só para mim. Tenho de partilhá-la com os outros oficiais, e alguns desses caras são porcalhões. Além disso, você está desfrutando, em sua cela, dos números musicais de Donny Osmond. Mas não pense que vai ficar desfrutando desses luxos para sempre. Quando nossa generosidade se esgotar, seu tempo aqui terá chegado ao fim. Existem lugares muito piores que este, e gente muito pior que nós. Não queremos entregá-la a eles, mas não temos muita escolha. Se não tivermos cem por cento de certeza de que você não constitui uma ameaça, vamos providenciar para que fique presa para sempre. Você vai ter de provar que podemos confiar em você. E você pode começar por falar. Ou gritar. Ou chorar. Dê algum sinal de que estamos nos fazendo entender.

O homem falava sem parar, enquanto a mulher traduzia. Para os ouvidos de Parvana, aquilo soava como uma versão diferente da canção do cachorro.

Sua cabeça doía.

— Vamos passar um pente-fino nas ruínas daquela escola. Estamos reunindo provas contra você,

acusações às quais você deve responder. Talvez você seja inocente. Talvez estivesse lá por mero acaso, no lugar errado na hora errada. Mas achamos que não. Afinal de contas, não temos o hábito de prender gente que não fez nada de errado. Mas talvez no seu caso tenhamos nos enganado. No momento, parece que você está envolvida em atividades muito nocivas, atividades que são prejudiciais a uma jovem. Não quero acreditar nisso! Sei que você pensa que sou mau e sem coração, mas na verdade desejo que você seja inocente. Mas preciso de provas. Não sou eu quem manda aqui. Respondo pelo que faço diante de outros. E essas pessoas têm me dito coisas, coisas que fariam com que me preocupasse se eu fosse você.

Ele parou de falar por um instante, como para deixar que as palavras calassem fundo na menina.

— Você precisa ter uma ideia da pressão que estou sofrendo. Isso não pode continuar para sempre. A coisa tem de terminar em breve, de um jeito ou de outro.

Ele fez mais uma pausa.

— Tenho dinheiro à minha disposição — disse ele inesperadamente. — Os contribuintes de meu país enviaram dinheiro para cá para duas coisas: punir os malfeitores e recompensar os que fazem o bem. Em qual dessas duas categorias você se enquadra? Diga-me. Uma palavra. Mostre-nos que você é daquelas que fazem o bem, e então vou libertar você com bastante dinheiro no bolso para ter uma vida muito boa. Mais dinheiro do que você viu na vida. Você poderia ir à escola, comprar belas roupas, abrir um negócio. Tudo o que quiser fazer. Sob as circunstâncias certas, posso ser muito generoso...

Uma explosão interrompeu seu discurso.

Em algum lugar da base, não longe do escritório, alguma coisa explodia.

A sala estremeceu e se encheu do barulho de dinamite explodindo o concreto. O major e a cabo foram derrubados de suas cadeiras, e Parvana caiu no chão. O barulho era ensurdecedor. Em seguida, ouviram-se as sirenes. O barulho de botas correndo encheu o corredor.

Parvana sentou-se no chão, envolveu os joelhos com os braços, mantendo a cabeça baixa, mas não tão baixa que não pudesse ver o que estava acontecendo.

O homem e a mulher tinham se levantado. Eles ficaram no vão da porta por um instante, olhando para fora. Ouviram-se gritos e guinchos, ordens dadas aos berros e palavrões.

Então aconteceu o milagre.

Deixaram Parvana sozinha.

“Talvez tenham se esquecido de mim”, pensou. Ela não esperou para lhes dar a chance de se lembrarem.

Num piscar de olhos, ela estava com os pés na porta do escritório. Olhou o corredor. Todos estavam correndo em todas as direções. Parvana sentiu cheiro de fumaça e de gasolina.

Alguém ou alguma coisa atacara a base. Não tinha nada a ver com Parvana. Ela pegou o livro que estava mais perto — *Jane Eyre* —, enfiou nas roupas e entrou no corredor. Se conseguisse chegar lá fora, talvez pudesse seguir em frente.

Bem perto da porta para o mundo exterior, do lado de dentro, havia uma mesinha onde normalmente se postava um guarda. Ele estava correndo para um lado e para outro, tentando resolver a situação de emergência. Mas ele não levava sua caneta.

Parvana pegou-a e fez com que desaparecesse no bolso da calça. Então saiu.

Ela mergulhou no caos.

O ataque fora grave. Parvana não sabia se fora um foguete, um homem-bomba ou até uma das bombas do próprio exército que, a certa altura, tomara a direção errada.

Pouco importava. Havia focos de incêndio. As pessoas gritavam. Soldados berravam ordens e corriam com macas para recolher os feridos.

Ninguém prestou atenção em Parvana.

A explosão abriu um buraco na cerca. Ela se aproximou mais. Via os campos lá adiante, abrindo-se para ela como braços acolhedores.

Ela sabia como viver em seu país. Se conseguisse passar além da cerca, poderia seguir em frente. Poderia subir nas colinas e desaparecer para sempre.

Parvana se pôs a correr. Mais uma pessoa correndo não chamaria a atenção. Ela estava vestida de verde-oliva. Ninguém lhe lançou um segundo olhar.

Ela corria o mais rápido que podia, deixando a exaustão para trás, em meio à poeira. Seus pés descalços se chocavam contra o cascalho e a areia. Ela poderia dormir nas colinas. Ela poderia deixar-se cair no chão rochoso, bom, do tipo nada-crescerá-aqui, e adormecer sob a lua e as estrelas afegãs.

Ela só precisava continuar correndo...

— Socorro!

A voz era fraca e marcada pela dor. Parvana a ouviu em meio ao barulho, embora dissesse a si mesma não ter ouvido.

Apesar de ter resolvido com convicção não procurar saber de onde vinha a voz, ela olhou.

Uma jovem com posto de soldado estava presa embaixo de blocos de concreto e de fitas farpadas.

O sangue lhe escorria de uma artéria do pescoço. Seus braços estavam presos sob blocos de concreto, e ela não podia fazer nada para se livrar.

Parvana olhou em volta.

Algum outro soldado iria ver aquela mulher e ajudá-la. Eles a socorreriam a tempo. Ela seria mandada a um hospital excelente, e em seguida para casa, depois de totalmente curada.

Com certeza outra pessoa iria socorrê-la antes que fosse tarde demais.

Parvana correu um pouco mais. O buraco na cerca já estava bem próximo. Com mais trinta segundos correndo à toda, ela poderia passar.

Trinta segundos. Um bocado de sangue poderia escorrer de um corpo humano em trinta segundos.

Parvana não tinha escolha.

Ela deu meia-volta, tirando a blusa de manga comprida enquanto corria. Ajoelhou-se ao lado da jovem assustada e pressionou a blusa enrolada contra seu pescoço.

— Preciso de ajuda! — gritou Parvana em inglês. Ela acenou com o braço livre. — Médico!

Pareceu-lhe uma eternidade o tempo que ela passou pressionando o ferimento, gritando e, ao mesmo tempo, dizendo à mulher que não se preocupasse, que tudo ficaria bem.

Quando o médico chegou, deu instruções a Parvana, que as seguiu uma a uma.

Parvana fora treinada para aquilo nas aulas de primeiros socorros. Ela sabia o que fazer.

Os homens das macas finalmente chegaram lá. Parvana recuou e recomeçou a correr. Ela passou pelo buraco correndo e pretendia continuar correndo pela planície e colinas acima.

— Mãos ao alto!

Um carro blindado parou bem na frente de Parvana, metralhadoras apontadas para ela.

— De joelhos, senão vamos metralhá-la!

Os soldados, com todos os equipamentos de guerra, capacetes em vez de rostos, impediam que Parvana visse as montanhas.

Por um bom tempo, ela pensou que devia simplesmente continuar a correr.

Afinal de contas, àquela altura ela não tinha mais nada a perder.

Mas ela não o fez. Levantou os braços, pôs-se de joelhos e esperou que pelo menos a deixassem ficar com a caneta.

CATORZE



Os cartazes de advertência funcionaram. Quando começou o novo ano escolar, o número de matriculadas despencou.

— Mas apesar de tudo esse é um grande dia — disse a mãe. — Ainda estamos aqui. É isso o que importa. É uma vitória.

Houve uma reunião de abertura do novo ano letivo. A mãe fez um discurso tremendo, recomendando a todos que trabalhassem duro e dessem o melhor de si pelo Afeganistão. Era uma reunião com pouca gente. A mãe achava que, pondo todo mundo para trabalhar, daria o tom já no primeiro dia.

Parvana sentiu-se surpreendentemente feliz quando se dirigiu ao refeitório com seus livros. Ela estudara bastante durante as férias. Exercitara o corpo para conseguir ficar sentada durante muito tempo e treinou a mente para se concentrar. A volta das alunas implicava mais trabalho, em muitos sentidos, mas também resultava em mais mãos para trabalhar.

— Parvana, venha aqui um instantinho.

A mãe chamou-a com um aceno depois da reunião.

— Quero que você pegue uma turma — disse ela. — A professora que contratei para substituir

Nooria não apareceu. Estou tentando localizá-la, mas quero que você tome conta das meninas nesse meio-tempo.

— O que é que eu faço?

— Ensine-lhes alguma coisa! — disse a mãe, afastando-se logo em seguida. Parvana se dirigiu à sala de aula que fora de Nooria. Vinte meninas esperavam por ela.

— Onde está nossa professora? — perguntou uma delas.

— A diretora está tentando descobrir. Eu vim aqui para cobrir sua falta.

Duas garotas se levantaram e se dirigiram para a porta.

— Quem são vocês e aonde estão indo? — Parvana lhes perguntou.

— Eu sou Farah, e esta é minha irmã. Devemos ir para casa se não houver uma professora de verdade.

— Por que alguém haveria de lhes dizer uma coisa dessas?

— Nossos pais nos disseram que as professoras foram advertidas a se afastarem da escola. Eles disseram que se não houvesse professoras na escola devíamos ir para casa, senão as pessoas iriam dizer que estamos aqui fazendo coisas ruins.

— Voltem para suas carteiras — ordenou Parvana.

— Mas...

— Eu disse para voltar para suas carteiras — disse Parvana, fazendo os ombros das meninas darem uma volta completa. — A professora de vocês está aqui.

Quando as irmãs estavam em suas cadeiras, Parvana disse severamente: — Turma, de pé.

Todas as garotas se puseram de pé, mas se levantaram sem jeito, devagar e timidamente. Parvana não ficou satisfeita.

— Tentem de novo — disse Parvana. — Agora todas vão ficar de pé do lado esquerdo da carteira.

Nem todas as garotas sabiam distinguir o lado esquerdo do lado direito, por isso foi preciso ensinar a elas essa noção.

Elas tentaram outra vez.

— Turma, de pé.

Parvana continuou com o treino por alguns minutos.

— Está melhor — disse ela. — Quero que vocês façam isso toda vez que eu ou outra professora entrar na sala. É um sinal de respeito.

Era também uma das coisas de que ela se lembrava de quando frequentava a escola havia muitos anos.

— Agora vamos ver quanto vocês sabem de aritmética.

Parvana trabalhou duro com elas. A sessão matinal passou bem depressa, numa cascata de exercícios, jogos e leitura em voz alta. À hora do almoço, ela estava exausta, mas animada.

— Esta manhã as coisas funcionaram muito bem — disse ela à mãe. — Elas ficaram respondendo perguntas. Estavam aprendendo! E acho que se divertiram.

— Você fez uma lista de frequência? — perguntou a mãe.

Parvana nem ao menos pensara nisso.

— Vou fazer depois do almoço.

— Nossos patrocinadores precisam saber quantas alunas temos a cada dia. Se nossos números caírem muito mais, não receberemos tanto dinheiro dos ór-

gãos que nos ajudam. Eles vão achar que não estamos fazendo nosso trabalho. Portanto, o registro de frequência é importante. Peça a uma das outras professoras que a ajude. Elas vão lhe mostrar como se faz.

— Quer dizer então que vou ficar com a turma?

— Até eu conseguir uma professora de verdade para substituir você. Eu mesma vou ensinar a suas alunas quando puder, mas não posso ficar na sala de aula todos os dias. Sei que isso lhe dará muito trabalho. Você vai ter de fazer suas próprias tarefas escolares à noite. Espero que isso não se estenda por muito tempo. Você fez muitos progressos.

— Uma de minhas alunas me disse que os aldeões andam comentando que as professoras foram ameaçadas — disse Parvana, que adorava dizer “minhas alunas”.

A mãe esfregou os olhos. Ela parecia muito cansada, e o dia mal chegara à metade.

— Vá almoçar, Parvana, depois volte para sua classe. Vou tentar passar algum tempo com você esta noite. Vamos preparar algumas aulas.

Parvana foi ao refeitório. Ela pegou a bandeja de comida e se dirigiu a uma mesa de alunas, depois mudou de ideia. Levou a bandeja para a mesa das professoras.

Antes de voltar para sua classe, ela entrou de mansinho no dormitório de sua família. Tirou o xador branco que todas as alunas usavam e vestiu um azul-escuro que Nooria deixara.

Parvana se olhou no espelho. Estava ótima.

Mesmo que a mãe contratasse outra professora, ela nunca voltaria a ser uma estudante comum.

“Eu nasci para assumir tarefas de responsabilidade”, refletiu ela.

Então se apressou em ir para a sala de aula.

Afinal de contas, o almoço terminara. Suas alunas estavam esperando.

QUINZE



Um dia, passados alguns meses, Parvana abriu o ferrolho do portão de metal da escola bem cedinho. Ela queria ver se o jornal tinha chegado. Gostava de começar o dia falando com suas alunas sobre o que estava acontecendo no mundo.

Em geral, Asif pegava o jornal primeiro, e então ficava insuportável. Quando Parvana chegava ao refeitório para o desjejum de *nan* e chá, ele já tinha lido todas as notícias.

E Asif gostava de lhe exhibir seus conhecimentos.

— O que você acha que vai acontecer hoje no pronunciamento do presidente? — perguntava-lhe ele, sabendo que ela não sabia sobre o que era o pronunciamento. Ou então: — Você acredita no que aconteceu na Itália?

Então Parvana tinha de perguntar:

— Que pronunciamento? — Ou: — O que aconteceu na Itália?

Mas naquele dia *ela* leria as notícias primeiro, e era ela quem iria anunciá-las no desjejum.

O jornal estava lá, jogado entre as ervas daninhas à beira da entrada para carros. Parvana o pegou e começou a desdobrá-lo.

Quando estava voltando para o pátio da escola, ela viu outra coisa no chão.

A princípio lhe pareceu ser um saco grande amarrado com uma corda.

Então Parvana viu os pezinhos apontando para fora da trouxa.

— Senhor Fahir! — gritou ela.

Ela jogou o jornal no chão, correu para a trouxa, começou a desamarrar a corda e a jogar fora os trapos que a cobriam.

A criança se mexeu. Ela estava viva.

Com toda delicadeza, Parvana afastou os cabelos do rosto da criança.

Uma menininha olhou para ela.

— *Salaam alaikum* — disse Parvana. — Quem é você?

A criança choramingou.

Os gritos de Parvana tinham acordado sua mãe.

— O que está acontecendo?

— Alguém abandonou a filha — disse o sr. Fahir. — Aconteceu durante a noite. Não vi nem ouvi nada.

— Eles a amarraram e a deixaram! — disse Parvana.

O sr. Fahir tomou a menina nos braços. Todos se dirigiram ao refeitório, onde o aquecedor a lenha acabara de ser aceso e fornecia um pouco de calor. Longe do ar frio da manhã, eles sentiram o quanto a menina estava malcheirosa.

— Ela não pesa nada — disse o sr. Fahir. Com cuidado, ele a pôs numa cadeira.

— Como é seu nome? — perguntou-lhe a mãe. — Quem deixou você aqui? De onde você é?

A menininha não respondeu.

— O nome dela é Ava — disse Parvana. — Olhem.

Havia um bilhetinho pregado nos trapos da criança. Estava escrito com letras muito toscas.

Nome Ava

Pai morto, mãe morta

É uma boa menina

— Ela é órfã — disse Parvana.

— Há algo de errado com ela — disse a mãe.

Havia uma coisa diferente em Ava. Seus olhos não focalizavam muito bem e sua boca não se fechava completamente.

— Qual é sua idade, Ava? — perguntou a mãe.

Ava não respondeu. Estava concentrada demais, olhando para Parvana.

— Você sabe qual é sua idade? — perguntou Parvana, sorrindo e se ajoelhando perto da menina.

Ava deu uns gritinhos e tocou o rosto de Parvana com os dedos.

— Vou ter de dar uns telefonemas — disse a mãe. — Isto é uma escola, não um hospital. Não estamos equipados para cuidar dela. Não preciso disso hoje — acrescentou ela, dirigindo-se ao seu escritório.

— Vou esquentar um pouco de água — disse o sr. Fahir. Ele pôs a mão na cabeça de Ava. — Com certeza um banho seria bom — acrescentou. Ele sorriu para Parvana e saiu.

Parvana trouxe um pouco de água e um pedacinho de pão. Ela não sabia há quanto tempo Ava estava sem comer, mas sabia que comer muito depois de ter ficado um longo tempo sem comer não fazia bem. Ava mascou o pão.

Quando a água esquentou, Parvana levou a chaleira e Ava para os aposentos da família para lhe dar banho.

— Leve-a para longe de mim — disse Maryam enquanto experimentava penteados na frente de um espelhinho. — Ela fede.

— Às vezes você também fede. Dê-me seu velho *shalwar kameez*.

— Não — respondeu Maryam. — Ele é meu. Não quero que essa menina feia o vista.

Parvana pegou Maryam pelos ombros.

— O nome dela é Ava, e trate de falar com ela direito. Por mais que sua vida tenha sido dura, a dela foi dez vezes pior. Dê-me o velho *shalwar kameez*, senão eu vou dar a Ava o seu novo.

— Odeio você! — exclamou Maryam, jogando o *shalwar kameez* para a irmã. — Eu queria que Nooria estivesse aqui, e você em Nova York — completou ela, e saiu da sala pisando duro.

— Ela é uma garota muito legal quando está dormindo — disse Parvana a Ava, com um sorriso. — Vamos deixar você limpinha.

Os trapos se desfizeram quando Parvana os removeu. Eles estavam podres, malcheirosos, e não se podia aproveitá-los.

Quando a sujeira saiu da pele da criança, Parvana fez uma terrível descoberta.

Havia cicatrizes no corpo da menininha — marcas redondas de queimaduras feitas com cigarros encostados à sua pele, cicatrizes com a forma de arame farpado em volta de seus punhos e tornozelos.

— Alguém feriu você — sussurrou Parvana.

As cicatrizes eram antigas, não recentes, mas Parvana teve o máximo de cuidado ao esfregar um pano ensaboado na pele de Ava.

Devagar, ela derramou água na cabeça da menina e fez espuma com o sabonete. Ava deu uns gritinhos, mas se deixou banhar.

Quando Ava ficou limpa, enxuta e vestida com roupas limpas, Parvana tentou pentear-lhe os cabelos. Eles estavam muito embaraçados.

— Vou ter de cortar seu cabelo — disse ela. — Mas você vai ficar bonita. Eu prometo.

Ela pegou uma tesoura e cortou os cabelos da menina com vagar e cuidadosamente. Conseguiu transformar o emaranhado num corte que rodeava naturalmente as orelhas e o pescoço de Ava.

— Iremos ao mercado comprar uma fita de cabelo para você — disse ela. Então levou a criança para dentro e foi procurar a mãe.

— Ela está limpinha — disse Parvana.

A mãe depôs o telefone celular.

— Ela parece outra menina. Agora podemos ver seu rosto bonito — disse ela a Ava.

— Eu disse a ela que vamos lhe dar uma fita de cabelo.

— Uma fita de cabelo é fácil. Um lar é mais difícil. Não achei ninguém que quisesse adotá-la.

— Acho que deveríamos ficar com ela.

— Ela não é um cãozinho perdido, Parvana. Ela é um ser humano, e não estamos em condições de cuidar dela.

Parvana rodeou a escrivaninha levando Ava e ficou na frente da mãe.

— Alguém a feriu — disse Parvana. — Olhe.

A mãe olhou, tocou as cicatrizes e passou o braço em volta dos ombros de Ava.

— Bem, não vamos jogá-la para fora do portão. Vamos mantê-la aqui, mas só enquanto não encontramos um lugar melhor.

— Não existe lugar melhor — disse Parvana.

Ela pegou na mão de Ava, e as duas voltaram para o refeitório para tomar um chá quente e um desjejum de verdade.

Asif estava lendo o jornal antes dela.

Parvana não se importou.

As notícias dela eram mais importantes que as dele.

DEZESSEIS



Com exceção de liberdade, Parvana tinha, no momento, tudo de que precisava.

Ela estava de volta à sua velha cela. Para se aquecer, ela tinha um cobertor. Ela o jogou sobre os ombros e a cabeça, de forma que lhe descesse até o colo. O cobertor lhe cobria o rosto e a camiseta manchada de sangue que Parvana ainda estava usando dois dias depois da explosão. Cobria também o exemplar de *Jane Eyre*, aberto sobre suas pernas cruzadas.

Nenhuma refeição viera desde o ataque, mas ela tivera o cuidado de guardar os restos da comida que entregaram antes. Na prateleirinha acima de sua cama ela tinha um pacote de nozes, sanduíche de geleia e creme de amendoim, queijo, biscoitos salgados e algo chamado SpaghettiOs — tudo embalado em papel-alumínio.

Guardadas sob o colchão havia várias folhas de papel, tiradas das embalagens das refeições, e uma caneta que funcionava muitíssimo bem. A única coisa que ela fizera fora testá-la para ver se ainda tinha tinta, mas bastou. Ela sabia que a caneta estava lá.

Ela estava metida na cama, um *brownie* de chocolate na mão e Charlotte Brontë no colo. Ela mordeu o *brownie*, perdida em Jane, no sr. Rochester e na louca do sótão de Thornfield Hall.

A princípio, Parvana pensou em ler apenas um capítulo para fazer o livro durar, mas resolveu não se preocupar em racionar a leitura. A qualquer minuto de qualquer dia, os soldados poderiam vir à sua cela e levar tudo embora. Eles poderiam transferi-la para outra cadeia. Poderiam levá-la para o deserto, matá-la a tiros e deixar seu corpo para as aves de rapina.

Ela resolveu devorar o livro. Quanto mais lesse, mais teria com que se distrair da próxima vez que eles a fizessem ficar de pé naquele horrível escritório pequeno.

A outra coisa maravilhosa que Parvana tinha agora era o silêncio — um abençoado e belo silêncio. Donny Osmond finalmente parara de cantar. Ele parecia ter sido ferido na explosão. De vez em quando, ela voltava a ouvir o chiado da música dele. A música ganhava e resfolegava por alguns compassos, depois emperrava e morria.

Ela então se esqueceu do sr. Osmond e voltou a *Jane Eyre*.

Jane acabara de fugir do ainda casado sr. Rochester e estava na estranha aldeia pedindo pão, quando Parvana ouviu um barulho estranho.

O som de alguém chorando entrou na sala silenciosa.

Os soluços eram abafados, como se quem estava chorando não quisesse que ninguém soubesse de seu choro.

O som parecia vir do outro lado da janela de Parvana.

Parvana depôs o livro, libertou-se do cobertor, equilibrou-se na cama e na mesa e apertou o rosto contra a persiana.

Um homem estava sentado sob a janela. Ele chorava.

“É um bom lugar para chorar”, pensou Parvana.

Era um lugar isolado e tranquilo, ou tão tranquilo quanto era possível achar. Ela achava que não seria bom para um soldado ser surpreendido aos soluços. Até as mulheres tinham de agir com firmeza.

Parvana ficou ouvindo o choro por algum tempo.

Será que estava com saudade de sua casa e de sua família? Teria perdido um amigo na explosão? Estava se sentindo sozinho?

Parvana pensou em falar com ele, mas não conseguia pensar em nada que pudesse lhe dizer.

Então se lembrou da comida que ainda tinha na prateleira. Talvez o soldado que estava chorando fosse gostar de um pacote de queijo e biscoitos salgados.

Mas os soldados podiam conseguir comida a qualquer hora que quisessem. Aquilo não seria bem um presente.

— Não posso fazer isso — Parvana ouviu o soldado dizer, por entre soluços. — Não posso fazer isso. Preferiria estar morto!

Então Parvana teve uma ideia do que fazer.

Ela desceu de onde estava empoleirada, tirou a caneta e uma folha de papel de sob o colchão.

Ela ia escrever um bilhete para o soldado em prantos. Talvez o bilhete o animasse. Ou pelo menos o fizesse se sentir menos só. Ela pôs a ponta da caneta no papel, mas não conseguia pensar no que dizer.

Ela começou a escrever *Pelo menos você não é Jane Eyre*. Mas e se o soldado não tivesse lido o livro?

Ela não podia escrever *As coisas vão melhorar*, porque com certeza não iriam. Ela não podia escrever *Não se preocupe*, porque havia muitos bons motivos para se preocupar com um monte de coisas.

Era difícil escrever uma mensagem esperançosa, porque Parvana já não tinha esperanças. Ter esperanças seria descortinar um futuro que podia ser mais auspicioso que o presente.

Por um bom tempo ela manteve a caneta pairando sobre o papel.

Então pensou numa coisa perfeita para escrever.

Era um poema que ela aprendera no livro de poesia americana. A autora era uma mulher chamada Dorothy Parker.

*Razors pain you;
Rivers are damp;
Acids stain you;
And drugs cause cramp.
Guns aren't lawful;
Nooses give;
Gas smells awful;
You might as well live.*¹³

Ela escreveu o poema, enfiou a caneta no esconderijo e dobrou o papel, formando um quadradinho. Ela tornou a subir na cama e na mesa e deixou cair o poema através de uma brecha entre as persianas.

Ela ouviu uma pequena expressão de surpresa quando o papel caiu sobre o soldado. O choro diminuiu enquanto ele desdobrava o papel, e quase sumiu enquanto lia as palavras.

Parvana continuou perto das venezianas e ouviu o soldado assoar o nariz, levantar-se e sacudir a poeira das roupas.

¹³ “Navalha dói; / Rios são úmidos; / Ácido mancha; / Drogas dão câibras. / Armas são ilegais; / Forças cedem; / O gás tem cheiro horrível; / Melhor ficar viva.” (tradução livre do poema *Resumé*, de Dorothy Parker).

— Obrigado a você, seja lá quem for — disse o soldado.

Por um segundo, as pontas dos dedos dele tocaram os dedos de Parvana. Então ele se foi.

Parvana desceu de seu posto de observação e ficou andando pela cela. Ela se sentia muitíssimo bem. Ela se comunicara com um desconhecido e o ajudara a se reanimar. Ela tomara conhecimento de um problema e, pelo menos por aquele instante, o resolvera.

Aquilo era uma das coisas de que ela mais gostava na escola. Ela sabia onde estava cada coisa. Quando as alunas tinham perguntas a fazer, ela tinha respostas. Podia ajudar uma aluna que se sentia estúpida a perceber que era inteligente, podia ajudar uma aluna assustada a se sentir segura.

Parvana se acomodou na cama e pôs outra vez o cobertor em volta dos ombros. Ela estava prestes a pegar *Jane Eyre*, mas se lembrou de uma coisa.

Anos atrás, ela trabalhara em Cabul, sentada num cobertor no mercado, lendo e escrevendo coisas para pessoas que não sabiam ler nem escrever. Ela se sentava sob uma janela. O marido da mulher que morava do outro lado da janela a mantinha trancada, mas ela jogava presentinhos no cobertor de Parvana, só para dizer olá. Antes de partir de Cabul, Parvana plantara flores sob a janela para dar à mulher um motivo de alegria.

“Agora eu sou a mulher da janela”, pensou Parvana.

Ela sorriu.

Então começou a tremer.

Ela sentia como se seu peito estivesse sendo apertado por uma larga faixa de couro. Parvana não conseguia respirar. Ela subiu à janela novamente,

apertou a boca contra as persianas e aspirou o máximo de ar fresco que conseguiu.

Um pensamento pairava em sua mente.

Quem irá plantar flores para mim?

Talvez a culpa fosse da srta. Brontë, ou talvez do chocolate do *brownie*. Talvez fosse o sangue da soldado ainda em sua camiseta ou então o ar doce e com cheiro de fumaça do Afeganistão. Alguma coisa rompeu a barreira com a qual Parvana protegera seu coração. Alguma coisa atingira aquilo que ela tanto se esforçara por esconder.

Parvana estava cansada demais para enfrentar aquilo.

Ela se deixou cair no chão e enconstou o rosto nos joelhos.

E chorou.

DEZESSETE



Um barulho estranho acordou Parvana.

A princípio ela pensou que algum tipo de animal tinha entrado no cômodo e estava gemendo porque não conseguia achar a saída.

Quando ela ficou mais desperta, pensou que podia ser Ava, assustada com algum pesadelo. Mas Ava e Maryam dormiam a sono solto ao lado dela, no *toshak*.

Então ela percebeu que o barulho vinha de sua mãe.

Com todo cuidado para não despertar as meninas mais novas, Parvana saiu de debaixo da coberta e foi se ajoelhar diante da mãe.

A mãe estava sentada a um canto olhando uma fotografia do pai de Parvana. A foto tinha sido rasgada pelo Talibã, e os pedaços espalhados no vento. Parvana encontrou a maior parte deles em suas andanças em Cabul. Faltavam alguns pedaços, mas sobrou uma quantidade boa para que se pudesse perceber que era o rosto de seu pai. Mesmo à fraca luz da vela, Parvana podia perceber a expressão de força e de bondade nos olhos do pai.

— Estou com medo, Nasrullah — sussurrava a mãe para a foto. — O que é que me deu? Estou com medo...

A mãe falando com fotografias não era bom sinal.

Aquilo costumava preocupar Parvana quando acontecia em Cabul.

Agora só a aborrecia.

Ela pegou a foto.

— Eu também sinto saudades dele, mamãe.

— Como ele morreu, Parvana? Você estava com ele. A última vez em que o vi, ele ainda estava vivo.

“A última vez em que você o viu, ele estava sendo preso”, Parvana teve vontade de dizer. “E você o deixou na prisão para que sua preciosa Nooria tivesse uma vida melhor.”

Mas ela não disse isso porque: 1. por muito tempo, Nooria não teve uma vida melhor e 2. porque ela queria ter mais algumas horas de sono. Ela sabia, por experiência, que discussões com sua mãe podiam durar muito tempo e não levavam a parte alguma.

Ela recolocou a foto na prateleira.

— Não está conseguindo dormir? — perguntou à mãe. — Quer que eu faça um pouco de chá de camomila?

Camomila era uma das ervas cultivadas na horta da escola. Ela dava um chá muito calmante.

— Não estou gostando do seu tom de voz — disse a mãe.

— Está tudo bem — disse Parvana. — O número de matrículas diminuiu, mas estamos mantendo a escola aberta. As alunas continuam aprendendo e se saindo muito bem.

— Eu errei ao permitir que você se tornasse professora. Agora você pensa que sabe tudo.

Parvana teve de pôr a língua entre os dentes e prendê-la com força. Do contrário, ela diria: “Você

não me permitiu ser professora, você precisava que eu fosse professora. Sou uma professora bem melhor do que Nooria sonhou em ser”.

Ela teve de morder com força até ter certeza de que as palavras não seriam pronunciadas.

Por um bom tempo, a mãe ficou calada. Parvana se cansou de ficar sentada em silêncio e fez menção de voltar para o calor da cama.

A mãe disse calmamente:

— Nossas alunas estão sendo assediadas em suas casas. Seus pais estão sendo intimidados por mandarem suas filhas à nossa escola. Estamos perdendo alunas. Se o número de alunas continuar a cair, as instituições que nos patrocinam vão parar de nos dar dinheiro. Teremos de fechar a escola e voltar a viver em algum campo imundo.

De repente, Parvana sentiu todo o seu corpo cansado, vergando sob o peso do desespero de sua mãe.

Então ela teve uma ideia.

— As pessoas que nos odeiam não podem ver através das paredes — disse ela.

A mãe suspirou.

— Volte para a cama.

— Elas não podem nos ver, por isso pensam que o que fazemos aqui é ruim — continuou Parvana, cada vez mais excitada. — Talvez a gente devesse fazer uma espécie de festival escolar. Convidar toda a aldeia. As alunas poderiam preparar a comida. Diversas turmas poderiam recitar poesia ou tabuadas de multiplicação. As alunas poderiam fazer palestras sobre história e geografia afegãs. Podia ser divertido!

— E eu podia cantar, mamãe! — disse alegremente Maryam do *toshak*.

A mãe suspirou novamente.

— Eu só queria que Nooria estivesse aqui — disse ela. — Ela haveria de saber o que fazer.

Parvana já ouvira mais que o bastante. Ela se levantou do chão e saiu da sala. Não se importava de ainda ser noite e ela poder pegar um resfriado. Sua raiva a manteria aquecida.

A mãe nunca ia considerá-la uma pessoa com coisas importantes a dizer. Por que ela ainda se importava?

Parvana andou pelo pátio pisando duro, esmurrando paredes e chutando pedras. Então dobrou uma esquina nos fundos da escola e parou de repente.

Parvana viu homens carregando caixas para dentro do depósito. Eles usavam roupas tradicionais, turbantes pretos do Talibã e rifles a tiracolo. O sr. Fahir estava com eles.

— Por favor, não façam isso — disse o sr. Fahir. — Isto aqui é uma escola!

Um dos homens com rifle tirou o sr. Fahir do caminho com um empurrão.

Parvana voltou para trás do edifício, o cérebro e o coração a mil.

Será que ela devia correr e ir contar à mãe? Devia procurar alguma arma? Parvana teve a ridícula ideia de pegar a volumosa coleção de poesia e golpear a cabeça dos homens com ela.

Pense, disse ela consigo mesma.

Ela espiou pelo ângulo da esquina novamente. Os homens já tinham saído do depósito.

A porta do barracão estava fechada.

Movendo-se o mais silenciosamente que podia, Parvana foi avançando devagar para o depósito. Ela tocou no cadeado que estava atrás da porta.

Ela ouviu o portão da frente se fechar e o motor do caminhão dando partida. Mantendo-se na sombra, chegou à sala do guarda a tempo de ouvir os homens berrarem, lá de fora, para o sr. Fahir:

— Se você disser uma palavra sobre isso a alguém, toda a sua família morrerá.

O caminhão partiu.

Parvana esperou um instante, depois levantou a mão para bater na porta do guarda.

Então ela ouviu um som e abaixou a mão. Parvana se aproximou para ter certeza.

O sr. Fahir estava chorando.

Ela recuou e voltou para a cama. Não sabia o que fazer.

Na manhã seguinte, a mãe anunciou na reunião com a equipe escolar que a escola iria promover um festival e convidar todos da aldeia. Parvana nem pensou em ficar chateada por não receber o crédito da ideia. Ela tinha coisas muito mais sérias em sua mente. Mergulhou nos preparativos e manteve distância do barracão.

Fosse lá o que estivesse ali dentro, ela não queria saber.

DEZOITO



Faltava só uma semana para o festival.

— Eu sei que não é muito tempo — disse a mãe ao anunciar os planos aos demais integrantes da escola na reunião matinal —, mas vocês todas já estão bem preparadas. Suas professoras me disseram que vocês estão trabalhando duro nos estudos, e isso lhes dará uma oportunidade para mostrar seus talentos e conhecimentos a toda a comunidade.

As garotas estavam entusiasmadas. Muitas tentavam explicar aos seus pais o que elas faziam o dia inteiro, mas, como os pais nunca tinham ido à escola, para eles era difícil entender.

Agora elas podiam lhes mostrar.

Primeiro, os aldeões iriam chegar e receber as boas-vindas da mãe de Parvana. Depois iriam visitar as salas de estudos e assistir a uma aula.

Parvana decidiu que sua turma iria fazer uma lição de aritmética. Ela estava ensinando sobre ganhar e gastar dinheiro.

Ela lhes deu problemas para resolver: se você tem doze afeganes, e cada laranja custa três afeganes, quantas laranjas você pode comprar? E se cada laranja tem doze gomos, e há quinze pessoas em sua casa, quantos gomos caberá a cada pessoa?

Ou: se são precisos doze carretéis de linha para bordar um xale, e cada carretel custa vinte afeganes, quanto você deve cobrar pelo xale pronto para garantir que está ganhando dinheiro?

Depois de ficar nas salas de aula por pouco tempo, os aldeões seriam convidados ao refeitório para tomar chá e comer doces feitos pelas alunas. Lá eles assistiriam às apresentações delas.

Todas as turmas começariam por recitar passagens do sagrado Corão. As menores iriam cantar uma canção sobre os animais do Afeganistão. A turma de Parvana falaria sobre a geografia afegã. As garotas mais velhas fariam palestras sobre a história antiga afegã. As jovens que gostavam de cantar iriam interpretar algumas canções populares afegãs.

Elas limpavam a escola de cima a baixo e a enfeitaram com desenhos de flores, com a bandeira afegã e motivos tradicionais islâmicos.

As alunas escreveram inscrições em cartazes e folhetos. Certo dia, Parvana, Asif e Maryam foram à aldeia distribuí-los. Sempre que podiam, eles colavam o anúncio do festival sobre os cartazes ameaçadores fixados às paredes.

— Venham ao nosso festival — diziam eles aos lojistas e às pessoas do mercado. — É de graça. Venham e partilhem a manhã conosco!

Asif se concentrou nos homens. Parvana o viu conversando com o açougueiro, de pé ao lado do bode sem cabeça pendurado de pernas para o ar. Ele apontou para o folheto, depois para a estrada que levava à escola. O açougueiro balançou a cabeça e tentou lhe dar as costas, mas Asif não queria deixá-lo ir embora. Ele continuou falando com o homem calmamente, e então Parvana viu o açougueiro le-

vantar a mão em sinal de capitulação e dizer, sim, eu estarei lá.

Parvana sorriu e retomou seu trabalho.

— Fique perto de mim — ordenou a Maryam. Sua irmãzinha raramente ia à aldeia, e por isso de vez em quando se afastava da irmã.

— Eu quero ver as coisas diferentes.

— Não estamos aqui para isso. Estamos aqui para trabalhar.

— Nunca que eu venho aqui — disse Maryam.

— Você é nova demais — disse Parvana. No mesmo instante, porém, em que dizia isso, lembrou-se de que Maryam tinha quase a mesma idade que ela tinha na época em que cortou o cabelo pela primeira vez e foi trabalhar no mercado de Cabul.

— Vou trazer você aqui depois do festival — prometeu ela.

— Mamãe não vai deixar. Ela vai estar com muito medo.

— Quando o festival acabar, ela não vai estar com medo — disse Parvana. — As pessoas estarão tão impressionadas que vão jogar flores nas ruas para andarmos sobre elas.

Eles colaram mais alguns cartazes.

Parvana viu uma menina um pouco mais nova que ela com um bebê nos braços.

— Você gostaria de ir ao nosso festival? — Parvana lhe perguntou, entregando-lhe o folheto. — Vai ser na escola fora da cidade. Você pode trazer o bebê. Vai ter comida e um montão de coisas para se ver.

Ela lhe apresentou o folheto, mas a jovem se limitou a olhar para ela, balançando a cabeça de leve, chegando a recuar um passo.

— Você será muitíssimo bem-vinda — disse Parvana, achando que a jovem devia sentir vergonha dos trajes sujos. — Venha do jeito que está agora. Garanto que você ficará em segurança e muito à vontade.

A jovem desviou o olhar e balançou a cabeça de novo.

Naquele instante, um homem que estava comprando frutas numa banca próxima voltou-se e se postou ao lado da jovem. Ele era muito alto, muito velho, e tinha um olhar raivoso.

Ele lançou um olhar duro a Parvana e berrou:

— Afaste-se dela.

Parvana se encolheu e recuou.

Ele se voltou e foi embora. A jovem com o bebê inclinou o corpo para a frente e se apressou em seguir o homem.

Parvana ficou olhando os dois se afastarem, desejando arrancar a garota do velho e metê-la numa sala de aula.

Maryam desaparecera outra vez. Parvana encontrou-a numa barraca de música olhando para uma jovem que cantava na telinha de um televisor.

— Maryam, vamos embora.

— É um concurso de música — disse Maryam. — Gente de todo o Afeganistão vai cantar na TV, e as pessoas votam em quem mais gostaram. Quem vencer ganha um grande prêmio. Oh, Parvana, será que eu poderia participar? Eu poderia ganhar todo o dinheiro de que precisamos!

— Mamãe não te deixa ir sozinha ao mercado. Você acha que ela vai te deixar ir à televisão?

Ela puxou a irmãzinha para longe da TV. Elas se reuniram a Asif e voltaram para a escola.

Chegou o dia do festival, um dia claro e luminoso. Parvana vibrou quando viu o grande número de pessoas que passou pela porta. As alunas levavam seus pais pela mão. Mulheres com burcas passavam pelo portão sozinhas e tiravam as burcas do rosto assim que se encontravam no pátio. Elas seguravam o folheto como se fosse um ingresso, para o caso de alguém lhes contestar o direito de estar ali. Até o açougueiro apareceu. Parvana viu Asif lhe dar as boas-vindas.

Ava, vestida com seu novo uniforme escolar, segurava as mãos de mulheres quando elas entravam pelo portão e as conduzia a uma cadeira.

Tudo se passou como fora planejado. As alunas fizeram o que deviam fazer nas salas de aula, os convidados saborearam o chá e os doces, e a apresentação das alunas teve início na hora marcada.

E então Maryam ganhou o palco.

Ela deveria cantar uma canção popular tradicional.

Ela estava com um vestido tribal. Seus cabelos estavam escovados e pareciam ainda mais compridos e volumosos que os de Nooria.

“Por que só eu tenho esses cabelos escorridos?”, pensou Parvana, olhando a irmã dirigir-se ao espaço aberto que estava servindo de palco.

Maryam tomou posição e começou a cantar.

Passou-se um bom tempo até Parvana acreditar no que estava ouvindo.

Maryam não estava cantando a canção popular.

Ela estava cantando uma canção *pop* que ouvira no rádio.

E em inglês.

Era uma canção de amor com uma batida agradável, e a certa altura ela se pôs a dançar.

A dança era simples. Ela praticamente se limitava a balançar os braços, sacudir a cabeça e bater os pés no ritmo da canção.

“Ela é muito boa”, pensou Parvana, ouvindo a voz clara e forte de sua irmã e vendo a expressão de alegria em seu rosto. Talvez fosse bom *deixá-la ir à televisão*.

Ela lançou um olhar ao público.

As outras alunas sorriam.

Ava, a pouca distância de Maryam, exibiu uma grande careta no rosto e imitava os movimentos de Maryam.

— Que vergonha! — gritou um homem que estava assistindo. — Que vergonha!

Os pais que estavam em volta dele tentaram fazê-lo se calar. Maryam ficou sobressaltada por um instante, mas continuou sua apresentação. Quanto mais o homem gritava, mais alto ela cantava.

Quando ela terminou, os aplausos de boa parte do auditório foram hesitantes.

“Eles não estão acostumados a se divertir”, pensou Parvana.

Maryam correu para fora do palco. Em seguida era a vez de a turma de Parvana se apresentar, e ela rapidamente conduziu as alunas ao seu lugar.

— O Afeganistão é um país que faz fronteira com o Paquistão a leste, e com o Irã a oeste. Ele se constitui de várias províncias — disse a primeira aluna em voz alta e clara. — Eis os nomes das províncias.

Àquela altura as outras alunas começaram a falar, cada uma dizendo o nome de uma província em voz alta e segura. Elas passaram rapidamente dos nomes das províncias para os nomes e a extensão dos rios, as montanhas mais altas e as culturas

agrícolas mais importantes. Tudo foi apresentado com rapidez e alegria, e o aplauso no final foi bom.

O medo de Parvana diminuiu, a apresentação se encerrou, e ela estava ocupada demais para pensar no que se passara.

O almoço foi servido. A mãe foi andando por entre a multidão, respondendo a perguntas e dizendo coisas agradáveis aos pais sobre suas filhas.

Por fim, os convidados começaram a sair, muitos levando pequenos pacotes com os doces que tinham sobrado. A mãe fechou o portão e encostou-se nele, soltando suspiros de alívio.

— Cinco pessoas me disseram que vão mandar suas filhas a esta escola na próxima semana — disse a mãe. — Acho que vamos ter muito mais alunas novas que isso.

— E a dança de Maryam?

— Vou conversar com ela. Maryam não devia ter feito isso, mas acho que sua geografia salvou a situação. Muito bem.

As breves palavras elogiosas da mãe eram uma coisa tão rara que Parvana ficou reduzida ao silêncio, e a mãe se apressou em começar a limpeza.

“Segura essa, Nooria”, disse ela em pensamento.

Ela se pôs a andar entre as fileiras de cadeiras, apanhando um guardanapo do chão, um folheto perdido. Estava tão absorta em seus pensamentos, imaginando maneiras de receber mais elogios de sua mãe, que quase se chocou contra uma menininha que estava sentada sozinha na terceira fileira.

Como estava sem uniforme, não era uma aluna. Suas roupas eram rotas mas limpas, e seus cabelos estavam compostos numa trança que lhe ia até o meio das costas. Seu xador cobria-lhe os ombros, como uma manta.

— Está esperando alguém? — perguntou-lhe Parvana.

— Sim.

Parvana olhou em volta. O pátio estava vazio.

— Por quem você está esperando? Acho que todo mundo já foi embora.

— A pessoa que estou esperando não foi.

A garota era pequenina, mas sua voz era forte como o canto de um pássaro convicto de ter o direito de cantar.

— Ah, bom, venha comigo e vamos procurar a pessoa que trouxe você. Ela deve estar andando pelas salas de aula. Você quer estudar nesta escola?

— Vou estudar nesta escola.

“Eu gostaria que ela estivesse na minha turma”, pensou Parvana.

— Então vamos.

Ela estendeu a mão.

A menina não a segurou.

Parvana notou que os olhos da menina não miravam nada e se perdiam na distância. Ela balançou um pouco a mão. Os olhos não reagiram.

— Por quem você está esperando? — perguntou-lhe Parvana. — Por seus pais?

— Não, eles já morreram.

— Quem trouxe você?

— Meu tio, mas ele foi embora.

— Ele deixou você?

— Estou esperando uma professora. Você pode trazer uma para mim? Diga a ela que Badria está aqui.

— Você é Badria?

— Sou sim.

Parvana resolveu arriscar um palpite.

— Badria, você consegue enxergar?

— Não consigo enxergar nada. Você é professora? — perguntou Badria.

— Sou.

— Então — disse Badria — não fique aí parada. Se você é professora, vamos trabalhar. Ensine-me a ler.

Parvana sentou-se na cadeira ao lado da de Badria.

Ela não tinha ideia de como explicar aquilo à mãe.

DEZENOVE



A porta se abriu com um estrondo.

Sobressaltada, Parvana levantou a vista e viu vários guardas, o major e a intérprete, na entrada da cela, olhando para ela.

O major se aproximou da cama onde ela estava sentada. Ele pegou o livro *Jane Eyre*, mantendo-o aberto na página em que ela estava lendo, deu uma olhada e devolveu-o.

— Você leu mais que eu — disse ele em inglês. A intérprete se manteve calada. — Minha mulher tentou fazer com que eu o lesse aqui na base para discutir sobre ele no clube do livro, quando voltar.

Ele parou de falar e olhou para ela.

— Você teve alguma coisa a ver com o ataque feito contra a base alguns dias atrás?

Parvana sentiu-se triste e abatida.

— Parece que o ataque foi feito para lhe dar a oportunidade de fugir. Um cara de bicicleta explodiu uma bomba no próprio corpo. Matou dois dos nossos e feriu muitos outros. O que você tem de tão valioso que os fez mandar um de seus homens para a morte para resgatá-la?

Naturalmente, Parvana não respondeu.

— Tudo está começando a se encaixar. Somos metódicos, estamos examinando tudo o que res-

tou da escola. Encontramos restos de fragmentos de munição. Estamos convencidos de que estavam sendo armazenados na escola materiais para a fabricação de bombas do tipo que são postas à margem de estradas. Nós sabemos que você morava lá. Temos de descobrir o que você sabe.

Ele fez uma pausa e disse:

— Divirta-se com o livro.

Ele estava de saída quando se voltou.

— Nossos investigadores descobriram o corpo de uma mulher nas adjacências da escola. Ao que parece, ela foi torturada até a morte. Você deve saber alguma coisa sobre isso, não? O estranho é que ela foi enterrada com respeito, na tradição islâmica, voltada para Meca. Encontramos o corpo sob o roseiral.

VINTE



— O senhor Fahir foi embora.

Foi no dia seguinte ao do festival. Parvana foi ao escritório da mãe para informar que ninguém da equipe da escola aparecera naquela manhã, e poucas alunas deram o ar da graça. Era o último dia de aula antes do fim de semana. Parvana imaginou que todos queriam apenas adiantar a folga depois de terem dado duro.

— Ele foi embora? — perguntou Parvana. — O que ele disse?

— Ele não disse nada. Enfiou um bilhete por baixo da porta do meu escritório e saiu de mansinho no meio da noite. Sem maiores explicações! E ele tinha duas semanas de pagamento para receber!

Parvana pegou o bilhete do sr. Fahir. A mensagem era clara. *Tenho de ir embora. Desculpem-me.*

— A gente consegue se virar — disse ela.

— Talvez uma das professoras tenha algum parente que possamos contratar — disse a mãe. Ela enfiou alguns papéis e fichas em sua pasta. — Estarei de volta esta noite. Peça a Asif para passar o dia no lugar do guarda. Na verdade, é melhor ele mudar para lá até conseguirmos alguém para substituir o senhor Fahir. Não queremos que as pessoas pensem que não temos ninguém para nos proteger.

— Mamãe, leve Asif com você.

Sua mãe estaria mais segura se não viajasse sozinha.

— E vou deixar você cuidando das coisas sozinha? Deus sabe o que você iria aprontar.

Parvana não respondeu. Desde a partida de Nooria, ela estava tentando evitar as réplicas ao máximo. Parecia uma coisa imatura.

— Então deixe que eu vá com você — disse ela. — Deixe Asif cuidando daqui.

— Você não vai se livrar dos estudos. Logo você vai ter uma prova de Física. Onde está meu telefone?

Parvana ajudou-a a procurá-lo. Ouviu-se a buzina de um carro.

— Aí está o táxi — disse a mãe. — Esqueça o telefone. É só uma reunião com a comissão de planejamento da faculdade.

Ela se apressou em sair do escritório. Parvana seguiu-a de perto.

— Você vai mesmo criar uma faculdade para mulheres por aqui? — perguntou Parvana.

— É para isso que estamos trabalhando — respondeu a mãe enquanto cruzavam o pátio. — Nós dizemos a nossas alunas que se apliquem nos estudos e concluam o curso secundário... e depois? Será que se espera que parem de aprender? Isso não é bom. Precisamos de uma faculdade.

A mãe destrancou a portinhola do portão de metal e passou por ela, seguida de Parvana, que a olhou entrar no táxi.

— Fique de olho na Maryam — disse a mãe, sentada no banco de trás. — Não a deixe fugir para Cabul para aparecer na TV.

Parvana fez um aceno de despedida quando o táxi partiu.

— A escola está por sua conta — disse a mãe.
— Cuide de todo mundo.

Então Parvana se deu conta de que Asif estava logo atrás dela, também acenando para sua mãe. A mãe poderia muito bem ter falado com ele.

Ela lhe contou sobre o sr. Fahir.

— Mamãe quer que você se instale no lugar dele até ela contratar um substituto.

— Vou levar comigo alguns projetos para trabalhar lá — disse Asif. — Já apareceu alguma professora?

— Estamos sozinhos.

— Não é a primeira vez — disse Asif, saindo em seguida para ir pegar suas coisas.

Parvana entrou na sala do guarda. Ela queria achar a chave para fechar o barracão que servia de depósito.

A sala do guarda era pequena. Tinha uma mesa e uma cadeira junto à janela, uma esteira estreita no chão e umas poucas prateleiras rústicas, totalmente vazias. Ela vasculhou cada centímetro da sala, chegando a levantar a esteira e examinar a parte de baixo das prateleiras.

Nada de chave.

Parvana não sabia ao certo se estava aliviada ou desapontada. Então começou o dia escolar, e ela ficou ocupada demais para pensar no assunto.

Para não perder ninguém de vista, Parvana fez com que todas as alunas ficassem no refeitório, cada uma em seu canto. Ela se sentou no centro, ouvindo as lições sendo recitadas em voz baixa. Um pouco receosa, ela se perguntava o que aconteceria se as alunas descobrissem que ela e Asif eram os únicos professores presentes na escola.

— Os professores estão em reunião — dizia Parvana sempre que lhe perguntavam, fazendo um

vago meneio de cabeça em direção ao escritório da mãe. — Estão discutindo os relatórios que vão escrever para os pais de vocês.

Até aquele momento, a explicação estava funcionando. Todo mundo estava fazendo o que devia fazer.

O padrão de comportamento era bem rígido na escola. As garotas tinham esperado muito para ir para lá. Além disso, elas sabiam que a vida sem escola seria muito chata e difícil.

Ava borboleteava de grupo em grupo, escutando as conversas, sem incomodar ninguém.

Parvana gostaria de saber o que fazer com Ava. Ela tentara mantê-la ocupada com pequenas tarefas fáceis como ajudar na cozinha e varrer o pátio. E ela adorava cavoucar na horta. Era uma vida melhor do que a que tivera antes, mas Parvana achava que eles poderiam torná-la ainda melhor para ela. Mas não sabia como.

Badria estava indo muito bem. Ela se recusara terminantemente a dizer quem era seu tio e onde ele estava.

— Ele agora tem uma esposa nova e não quer se incomodar comigo — disse ela. — Por isso vim aqui para ficar. E, se você continuar a me perguntar, eu simplesmente paro de falar.

E assim ela fez. Sempre que a pergunta aflorava, ela fechava os lábios e se recusava a falar.

— Acho que ela vai ficar conosco — disse a mãe.

— Acho que sim — concordou Parvana.

Para surpresa de Parvana, Maryam tomou Badria sob sua proteção e lhe mostrou a escola. Elas passaram a tarde e a noite juntas depois do festival, vagando de sala em sala. Badria aprendia rá-

pido. Na maior parte do tempo, Parvana esquecia que ela era cega.

Maryam era a aluna mais propensa a fazer travessuras, por isso Parvana fazia com que sua irmã e Badria se sentassem perto dela. Maryam devia decorar um poema. Badria repetia cada verso que ela recitava, de modo que ambas o estavam aprendendo.

Foi um alívio quando o dia escolar acabou e as alunas foram para casa. O fim de semana estava para começar. Parvana estava sonhando com uns dois dias de folga — embora ela nunca tivesse tido um dia totalmente livre. Sempre havia trabalho a fazer.

— Nós aprendemos o poema — disse Maryam, adivinhando os pensamentos de Parvana. — Quer ouvi-lo?

— Claro — respondeu Parvana, e em seguida ouviu encantada as duas garotas interpretarem o poema como uma dança, recitando e se movendo no ritmo das palavras.

— Maravilhoso! — aplaudiu Parvana. — Como vocês sabem que movimentos fazer? — perguntou a Badria.

— Nós os concebemos enquanto aprendemos o poema. Então tenho de confiar que Maryam não os mude quando formos recitar.

— Onde está mamãe? — perguntou Maryam. — Eu quero mostrar a ela. Se for para recitar poesia, ela vai me deixar ir à televisão.

— Mamãe ainda não voltou — disse Parvana, dando-se conta de como era tarde. — A reunião deve estar indo bem. Um dia talvez você possa ir à faculdade, Maryam.

— Eu preferia ir a Hollywood.

— Será que posso ir à faculdade? — perguntou Badria.

Parvana estava esperançosa.

— Claro — disse ela. — Por que não? O Afeganião foi capaz de realizar coisas maravilhosas. Mandar uma garota cega à faculdade pode ser apenas mais uma.

— O que você gostaria de ser? — perguntou ela a Badria.

— Piloto.

Parvana ficou de queixo caído. Seu cérebro ainda estava tentando imaginar uma resposta quando Badria e Maryam caíram na risada e escapuliram pelo corredor.

Parvana balançou a cabeça.

— Deus me livre de menininhas — disse ela, e voltou ao trabalho.

Resolveu limpar o escritório de sua mãe. Tirou a poeira das prateleiras. Quando estava varrendo sob a escrivaninha, o telefone celular veio junto com a poeira.

Parvana apertou botões ao acaso. Depois que Nooria partiu, sua mãe lhe prometeu ensinar como usá-lo, mas nunca chegou a fazer isso.

Ela quase deixou cair o telefone quando ouviu a voz da mãe.

— Olá, Parvana. Tem alguém aí?

— Sou eu, mamãe! Estou aqui! — gritou Parvana, e logo calou a boca porque percebeu que sua mãe continuava a falar.

— Claro que você não está aí. Todas vocês estão fazendo lições. Não sei o que está acontecendo aqui. Não está havendo reunião e parece que ninguém sabe nada sobre ela. Pedi este telefone emprestado do lojista. Provavelmente estou deixando essa mensagem para mim mesma.

O telefone silenciou.

Parvana o sacudiu, sem saber o que mais fazer.

Ela começou a vasculhar a escrivaninha, procurando informações sobre aonde sua mãe tinha ido — um endereço, o nome de uma organização, um número de telefone — qualquer coisa. Encontrou um catálogo telefônico, planos de aulas, guias de treinamento de professores e papel em branco.

Mas nenhuma pista sobre onde sua mãe estava.

— Por que não fiz mais perguntas? — exclamou Parvana. — Por que não prestei mais atenção no que ela estava fazendo?

A única gaveta ainda por explorar era a de baixo. Parvana a abriu. Nela só havia uma volumosa pasta de papéis. Ela pôs a pasta sobre a escrivaninha e olhou seu interior.

A pasta estava cheia de cartas.

Cada carta trazia uma ameaça.

Parvana contou dezessete cartas. Todas eram ofensivas.

Ela leu tantas quantas conseguiu suportar, depois fechou a pasta e recolocou-a no lugar onde a encontrara.

Na hora da ceia, Parvana e Asif mantiveram a conversa em torno da mesa, sabatinando as pequenas sobre suas lições e se esforçando muito para não olhar em direção à cadeira vazia da mãe.

Pelo resto da noite, Parvana apurou os ouvidos para ouvir o som do táxi voltando. Ela gostaria de abrir o portão e ficar na estrada atenta aos faróis, mas não queria que os outros ficassem preocupados.

Por fim, as crianças adormeceram. Parvana saiu da área da escola e ficou no meio da estreita estrada de terra.

Ela via as luzes de lanternas distantes e pequenas fogueiras ao ar livre para cozinhar alimentos. O

céu se iluminava com bilhões de estrelas. Mas nada de faróis nem da mãe.

— Isso me é familiar — disse Asif da janela aberta da sala do guarda. — Ver você esperando sua mãe.

Parvana se encostou na parede do posto do guarda.

— Eu estava pensando a mesma coisa — disse ela. — Vivo perdendo-a de vista.

— O que faremos se...

— A reunião dela está se prolongando, só isso.

— Se a reunião é demorada, com certeza é boa.

— Sim. Provavelmente estão planeando uma grande faculdade.

— Vá dormir — disse Asif. — Vou ficar esperando sua mãe chegar.

Mas Parvana não podia fazer isso. Ela se sentou na terra e se recostou na parede.

Ela ouviu Asif suspirar e se afastar da janela. Pouco depois ele lhe passou um cobertor e sentou-se ao lado dela, com outro cobertor em volta dos ombros.

Ele começou a cantar, e Parvana o acompanhou — uma das canções que eles já tinham cantado havia muitos anos, quando vagavam pelo deserto, procurando alguém que pudesse cuidar deles. Eles elevavam as vozes apenas o bastante para mantê-las ocupadas e para não sentirem medo.

Muito depois que Asif, encolhendo o corpo, se deitou de lado e caiu no sono, Parvana continuou acordada e atenta, enquanto as constelações cruzavam o céu, e depois foram se apagando e sumindo no cinza.

Ela não se lembrava de nenhuma época em que não tivesse se sentido à beira de um desastre.

Sua vida fora uma sucessão de lutas, e ela jamais teve certeza de que o futuro não seria aterrador.

E, quando as coisas começaram a parecer tranquilas e a entrar nos eixos, sua mãe tinha de ir a uma reunião e não voltar na hora prevista.

VINTE E UM



Amanheceu, e a mãe não tinha voltado.

— Você disse que agora ela já estaria aqui — disse Maryam em tom choroso quando Parvana e Asif entraram no refeitório depois de passarem a noite no chão frio.

Parvana olhou para as quatro crianças enfileiradas no banco, elas pareciam raivosas e assustadas. Até Badria, que não enxergava nada, e Ava, que amava Parvana do fundo do coração, acompanhavam o grupo com aquele olhar de censura.

Parvana procurou manter o domínio sobre sua expressão facial. Por mais difícil que a situação fosse, seria muito pior se todos ficassem apavorados.

— Por que vocês todas estão sentadas aqui? — perguntou ela. — Asif e eu estamos com frio. E com fome. Queremos um fogo aceso nesse fogão a lenha, chá quente em nossas canecas e o desjejum na mesa. Agora! Mexam-se!

Parvana bateu palmas para mantê-las ocupadas. Ela reteve Ava por um momento para abraçá-la. Não sabia ao certo quantas palavras Ava entendia e não queria que a menininha pensasse que ela estava furiosa com ela. Ava brindou Parvana com um de seus sorrisos luminosos, depois tratou de ir depressa à cozinha para ajudar as outras.

Pouco depois, todos estavam sentados num refeitório aquecido para tomar chá quente, comer ovos cozidos e sobras de *nan*.

— Onde mamãe está? — perguntou Maryam, mastigando *nan* regado com gotas de mel.

— Não fale de boca cheia — disse-lhe Parvana. Maryam engoliu.

— Aconteceu alguma coisa com ela?

— Mamãe não voltou na noite passada, e isso até foi bom — disse ela em tom severo. — Você não percebe a bagunça que está essa escola? Poeira por toda parte, roupas para lavar, cozinha imunda. Hoje vai ser dia de faxina!

Ela deu ordens aos gritos, e as crianças trataram de sair bem depressa.

— Você parece Nooria — zombou Asif.

Parvana jogou um pedaço de pão nele. Asif teve a delicadeza de não atirá-lo de volta.

Na verdade, a escola já estava limpa, e quando o sol tinha se posto Parvana deixou de lado aquelas tarefas inventadas. Mandou que as meninas fossem estudar, mas nenhuma estava estudando. Elas estavam em silêncio diante de seus livros, apurando os ouvidos para o barulho do táxi que traria a mãe.

Era uma noite sem vento, por isso qualquer som podia ser ouvido claramente por quem estivesse dentro da escola.

— Ela chegou! — exclamou Maryam, mas, quando todos correram ao portão, a “mãe” revelou ser um pequeno rebanho de ovelhas conduzido por um único pastor.

Quando eles tornaram a ouvir um barulho, tratava-se de uma caminhonete carregada de melões a caminho da aldeia vizinha. Quando Maryam disse pela terceira vez “Alguém está vindo”, Parvana

disse às meninas que ficassem onde estavam. Toda aquela correria para a porta não estava ajudando em nada.

Então ela ouviu um veículo parar junto ao portão e buzinar para que o deixassem entrar. Todos se levantaram de um salto.

Mas não era a mãe. Era a polícia.

Parvana puxou as meninas para trás do portão e ficou com elas ali. Ela ficou espiando Asif cumprir os dois policiais com um respeitoso *Salaam alaikum* enquanto eles desciam do veículo.

— Posso ajudá-los? — perguntou Asif.

— Esse homem informou que sua mulher desapareceu — disse o agente da polícia. — Ele acha que ela deve ter vindo para cá.

— Aqui só estamos nós, e mais ninguém — disse Asif. — Somos menores de idade. A diretora da escola está numa reunião e logo vai chegar. Talvez os senhores possam voltar amanhã.

— Ela só pode estar aqui — disse uma voz do banco traseiro. — Ela não está em casa e não conhece nenhum outro lugar aonde pudesse ir.

Do banco traseiro saiu um homem muito alto e muito velho.

Parvana perdeu o fôlego. Era o velho do mercado.

— Lamento saber que sua esposa está desaparecida — disse Asif. — Ela não está aqui. Juro a você. Passei o dia inteiro de vigia neste portão, e ninguém entrou aqui.

— Ela desapareceu há dois dias — disse o homem alto. — Seu nome é Kinnah.

— Ela não está aqui — repetiu Asif com firmeza.

— Vocês vão acreditar na palavra de um menino aleijado? — disse o homem. — Eu devia ter

procurado o Talibã. Eles sabem como lidar com mulheres que não conseguem se comportar.

— Já chega — disse o agente. — Podemos resolver isso — acrescentou ele, voltando-se para Asif. — Precisamos entrar e ver.

— Claro — disse Asif. — Sejam bem-vindos.

Asif se atrapalhou um pouco para desaferrolhar o portão, dando tempo a Parvana para conduzir todas as meninas a um lugar escuro.

Por fim, irritado, o velho derrubou Asif no chão — Parvana o ouviu cair — e abriu o portão com um gesto brusco.

— Virem isso aqui de pernas pro ar! — vociferou o velho.

A polícia e o velho alto entraram na escola e foram de sala em sala. Eles agiam rápido. Asif, usando muletas, tinha de se apressar para alcançá-los. Parvana temia pelo que o velho fosse fazer com Asif, por isso ela os seguiu a distância. Ela mantinha o rosto coberto com o xador, para que o velho não a reconhecesse.

— Isso aqui é o lugar onde tudo é permitido? — disse o homem quando eles saíram de outra sala vazia. — É onde as garotas podem fazer o que quiserem? Kinnah me pertence. O pai dela a deu a mim para pagar uma dívida. Se ela não voltar para mim, vou ao Talibã, e o pai dela vai me pagar, de um jeito ou de outro. — Ele se voltou para Asif novamente. — Você a escondeu? Agora ela é sua mulher? Vou matar vocês dois!

— Não há mais ninguém aqui além de nós — disse Parvana, adiantando um passo. Ela queria desviar a atenção do homem de Asif.

— Quem é essa? Outra namorada sua?

— Ela é minha irmã — disse Asif. — Nossa mãe é diretora desta escola.

— Você devia ensiná-la a calar o bico. Mulheres linguarudas. Foi a isso que o Afeganistão chegou. — Ele olhou para as crianças que estavam atrás de Parvana. Logo ele estava ao lado de Hassan e o tomou nos braços.

Hassan gritou.

— Minha mulher está com minha filha. Ou vocês me entregam minha mulher e minha filha, ou então vou voltar aqui e levar esse menino. Um menino vale bem mais que aquelas duas. Isto é, um menino saudável — acrescentou ele, zombando de Asif.

— Mas sua mulher não está aqui! — disse Asif, estendendo a mão para pegar Hassan. O velho ergueu o menino tão alto que Asif não conseguiu agarrá-lo.

— Estou falando com a polícia — disse o homem. — Estou dizendo a eles o que vou fazer. E os responsáveis serão eles, não eu.

Delicadamente, ele pôs Hassan no chão.

— Uma semana! Então voltarei aqui para encontrar vocês.

Hassan correu para Asif e enterrou o rosto na perna que lhe restava.

Um dos policiais dirigiu o foco da lanterna para o outro lado do pátio.

— O que há naquele barracão ali? — perguntou ele, iluminando o depósito com a lanterna.

— Nada — respondeu Parvana. — Suprimentos de escola. Quer dizer, material de limpeza. Vassouras. Nada.

Os homens já estavam andando em direção ao barracão.

— Abra-o — ordenaram eles a Parvana.

— Eu não sei onde está a chave — disse ela. — Quem a guardava era nosso vigia, mas ele foi embora e levou a chave com ele.

— Qual o nome dele? Onde ele mora?

— Eu... eu não sei — disse Parvana.

Um dos policiais tirou sua arma do coldre.

— Ei! — gritou Asif. Hassan e Maryam gritaram.

Mas o agente não atirou em Parvana, e sim no cadeado.

“Todos devíamos sair correndo”, pensou Parvana quando os homens entraram no barracão com as lanternas acesas.

— São só caixas de canetas e cadernos, e nada mais — Parvana os ouviu dizer.

Logo eles estavam de volta.

— Vamos ficar de olho — disse o policial. — Se descobrirmos que vocês a estão escondendo, a escola será fechada e vocês serão presos. Estão entendendo?

Eles entraram no carro da polícia.

— Vamos voltar — disse um dos agentes.

Então foram embora.

Parvana pegou uma lanterna na sala de jantar e se dirigiu ao depósito. A princípio ela só viu caixas bem empilhadas junto à parede. Ela abriu uma. Canetas. Ela pôs a caixa no chão e abriu outra.

Granadas.

— Parvana?

Asif a estava chamando.

— Acho que estamos com um problema — ela gritou para ele.

— Eu sei disso — respondeu ele.

Ela pôs a cabeça para fora.

— Meu problema está aqui.

— O meu, aqui — disse ele. — E garanto que o meu é mais sério.

E então Parvana ouviu o choro de um bebê.

Ela levantou a lanterna. De detrás da privada veio a garota com quem Parvana falara no mercado. Seu rosto trazia as marcas de uma surra cruel. Numa das mãos, ela segurava um bebê. Na outra, uma lata de querosene.

— Deixem-me ficar aqui, senão toco fogo em nós duas — disse a garota. — Não tenho medo de morrer. Prefiro morrer a voltar para ele.

Ninguém mexeu um músculo. Parvana respirou fundo e bem devagar.

— O que você achou no depósito? — perguntou Asif.

Parvana sacudiu a cabeça.

As granadas podiam esperar.

Ela sabia o que fazer com garotas e bebês assustados.

— Olá, Kinnah — disse ela em tom suave. — Meu nome é Parvana. Claro que você pode ficar conosco. Este lugar é seu. Não se preocupe. Tudo vai se ajustar.

Ela continuou falando calmamente até o medo desaparecer do rosto da garota.

Quando a jovem exausta largou o querosene e entregou o bebê, Parvana tornou a se perguntar quando sua mãe iria voltar.

VINTE E DOIS



A mãe voltou num carro que veio em alta velocidade, freou ruidosamente e jogou poeira através da janela da sala do guarda. A poeira foi parar nos olhos de Asif, que estava de vigia.

Ela voltara em companhia de homens de rosto encoberto e armas grandes.

Ela foi lançada do carro como se por uma catapulta e caiu na terra com um baque surdo. Asif a viu rolar três vezes antes de parar.

Asif estava assustado demais para se mexer. Deixou-se ficar no escuro da sala do guarda até que o carro foi embora, e ele já não ouvia o barulho do motor.

Só então ele manquejou para o lugar onde o corpo da mãe fora parar, entre as ervas daninhas.

A única coisa que ele pôde fazer foi olhar para o corpo e esperar que se mexesse sem ajuda de ninguém.

— Eu ouvi um carro — disse Parvana passando pelo portão. — Mamãe já...

Seus olhos seguiram os de Asif.

E ela também ficou paralisada.

Sem saber como, ela conseguiu se mover.

Parvana andou em direção ao corpo, afastou o pano que cobria a cabeça da mãe e viu o estrago que os homens tinham feito em seu rosto.

Havia um bilhete pregado nas roupas da mãe.

*Esta mulher dirigia uma escola para garotas más.
Agora ela está morta. Sua escola será fechada.*

VINTE E TRÊS



Cara Nooria:

Parvana estava sentada à escrivaninha de sua mãe. Já fazia muito tempo que não dormia.

Diante dela estava a carta mais recente de Nooria. Alguém na América se oferecera para pagar sua passagem de avião nas férias escolares, e ela escrevera pedindo a opinião da mãe.

Cara Nooria:

Escrevo esta carta no lugar de nossa mãe porque...

Parvana riscou essas palavras.

Ela tentou novamente.

Cara Nooria:

Por favor, volte para casa imediatamente. Quando chegar aqui, tenho notícias para você que eu não gostaria de dar.

Isso também não pareceu bom.

Cara Nooria:

Ontem, antes do pôr do sol, depositamos nossa mãe no mais belo recanto da área de nossa escola...

Ela riscou isso também.

As fotos da família estavam no escritório da mãe. A foto remendada do pai de Parvana, com alguns pedaços faltando, a foto de seu falecido irmão mais velho, morto por uma mina muito tempo atrás, a foto da mãe colando grau no curso superior de jornalismo. Não havia nenhuma foto do irmãozinho de Parvana, Ali, que morrera na época do Talibã.

Todas aquelas pessoas pertencentes a uma família, todas elas mortas.

“Eu não estou morta”, pensou Parvana. E então ela fez a coisa mais corajosa que pôde imaginar.

Cara Nooria:

Mamãe me pediu que escrevesse para você porque está muito ocupada tentando criar uma faculdade para mulheres. Ela diz que sente muita saudade de você e que você lhe dá muito orgulho, mas, por favor, passe as férias aí em Nova York. Ela quer saber se há alguma maneira de você cuidar de Maryam aí, caso possamos dar um jeito de enviá-la até você. Mamãe diz que ela vai lhe trazer ainda mais problemas que eu!

*Sua irmã,
Parvana.*

Ela começou a dobrar a carta, então tornou a pegar a caneta e acrescentou algumas palavras no final.

P.S. Eu também sinto orgulho de você.

Parvana selou a carta.

“Quando Maryam for embora, ficarei sozinha”, pensou ela. Asif escolheu aquela hora para entrar no escritório, equilibrando-se nas muletas.

— A polícia vai voltar — disse ele. — E vai dar uma olhada no barracão. Foi o senhor Fahir quem fez aquilo?

— Acho que ele foi obrigado — disse Parvana. Asif sentou-se diante dela.

— Você acha que aquelas armas pertencem ao Talibã?

Parvana deu de ombros. O Afeganistão agora tinha tantos exércitos... os estrangeiros, o Talibã, as pessoas que odiavam os talibãs e os estrangeiros, os traficantes de drogas e as pessoas que tinham seus próprios exércitos privados apenas porque tinham condições para isso.

— Vou enterrá-las — disse Asif. — Lá fora, junto das latrinas. E aí talvez seja a hora de ir embora. Podíamos partir hoje à noite e ir para o mais longe possível, antes do amanhecer.

— Mas ir para onde? Simplesmente nos por-
mos a andar? Poderíamos nos meter numa situação pior ainda.

— Que tal procurar o exército estrangeiro? Somos crianças. Talvez eles nos protejam.

Parvana refletiu sobre isso por um instante, depois balançou a cabeça.

— Eles poderiam ajudar ou não, mas acho que nem ao menos deixariam que nos aproximássemos o bastante para nos explicar ou pedir alguma coisa. E, mesmo que nos ajudassem, obrigariam Kinnah a voltar para o marido.

— Temos de fazer alguma coisa.

Parvana olhou para a Parede das Realizações que estava atrás de Asif.

Ela não tinha a menor ideia do que fazer.

— Vou ligar para uma pessoa mais poderosa que a polícia e mais poderosa que o exército — disse ela, pegando o celular da mãe.

— Quem é? — perguntou Asif.

— Vou ligar para a senhora Weera.

VINTE E QUATRO



— Leva algum tempo — disse o major.

Todos estavam de volta à cela de Parvana. Ela terminara de ler *Jane Eyre* e já relera cinquenta páginas. A linguagem era difícil, mas, quanto mais ela lia, mais fácil ficava.

O homem que a interrogava jogou seu *O jardineiro fiel* na cama, ao lado dela.

— Uma recompensa por ter salvado a vida do soldado — disse ele. Então retomou seu discurso.

— Leva um certo tempo. Nossas redes de comunicação não são tão confiáveis como deveriam ser. A energia elétrica vai e volta o tempo todo. É a guerra. Mas por fim conseguimos chegar ao fundo das coisas. Nesse caso, os explosivos e equipamentos para a fabricação de bombas enterrados dentro da área da escola. Você gostaria de nos dizer o que aquilo estava fazendo lá?

Parvana se concentrou no *Jardineiro fiel* e se perguntou se o homem gostara do livro.

— O que você fazia naquela escola? — gritou ele.

Parvana sentia que ele estava de pé ao seu lado, imóvel, a irritação emanando dele em ondas.

— Ótimo — disse ele finalmente. — Eu lhe dei todas as oportunidades para falar. Todas as chances de dizer quem você é e quais são seus objetivos.

Você entende que posso mantê-la na cadeia? Presa sem julgamento! E por muito tempo.

Ele se dirigiu à porta.

— Na verdade, já não posso dizer mais nada. O caminho em que você está foi escolhido por você.

A meio caminho da porta, ele voltou.

— Uma pergunta. E estou de fato muito curioso sobre esse assunto. É evidente que você tem instrução. Você teve oportunidades pelas quais meus conterrâneos e conterrâneas estão lutando e morrendo para oferecê-las a todos os seus compatriotas. Com tantas coisas que você poderia destruir, por que explodiu sua própria escola?

Parvana resolveu, apenas daquela vez, quebrar seu silêncio.

Ela voltou a cabeça, olhou nos olhos do homem e falou num inglês impecável.

— Eu não explodi minha escola — disse ela. — Vocês é que explodiram.

VINTE E CINCO



— Aí é do escritório da senhora Weera?

Parvana gritava no celular. A ligação estava ruim, e os aviões de guerra que zumbiam sobre a escola não ajudavam em nada.

— Preciso falar com ela agora mesmo. Meu nome é Parvana. Ela me conhece. Preciso de sua ajuda. Estou na Academia da Esperança – Leila. Minha mãe foi assassinada, os outros adultos fugiram, e o Talibã ou alguém mais virá nos procurar. Estou aqui com um monte de criancinhas e não sei o que fazer. Preciso da ajuda dela... bem, faça com que saia da reunião!

Depois de muitos telefonemas para finalmente conseguir o número do gabinete da sra. Weera, Parvana não tinha a mínima vontade de se mostrar educada.

Ela deu à mulher seu telefone, o endereço da escola, e desligou.

— Os adultos estão sempre em reuniões — disse ela, furiosa.

Asif enfiou a cabeça pela porta.

— Você falou com ela?

— Deixei um recado com uma pessoa — disse Parvana, afastando os cabelos do rosto.

Ele se sentou na cadeira diante da escrivaninha.

— Como está se sentindo?

— Velha — disse Parvana. — E cansada. Parece que isso nunca vai acabar.

Já tinham se passado três dias desde que eles haviam enterrado a mãe de Parvana. Aquele seria um dia de aula, mas nenhuma aluna apareceu. Com certeza a notícia tinha se espalhado.

“Finalmente, não teremos de fingir que tudo vai bem”, pensou Parvana.

— Não conseguimos manter a escola funcionando — disse ela. — Eles venceram.

Asif não disse nada.

— Mas foi muito bom enquanto durou, não foi? — disse Parvana. — Nós de fato começamos a construir alguma coisa aqui. Era como o Vale Verde, só que mil vezes melhor. O Vale Verde também foi destruído.

— O que você quer dizer com isso? Esta escola não está destruída.

— Está sim! Mamãe disse que, enquanto ela estivesse aberta, estaríamos ganhando. Os portões estavam fechados da última vez que olhei.

— Você é tão idiota — disse Asif, levantando-se da cadeira. — Você é a maior idiota que vi na vida — acrescentou ele, e saiu do escritório.

— O que você está dizendo? Não sou não! — disse Parvana, levantando-se e indo atrás dele.

Ela o encontrou no refeitório, encostado no batente da porta. Ela viu o que ele estava olhando.

Asif tinha razão.

Ela era uma idiota.

Sentadas em volta de uma mesa estavam Maryam, Badria, Ava, Hassan, Kinnah e seu bebê. Todos estavam debruçados sobre livros. Maryam estava lendo tranquilamente para Badria, e Badria repetia o que ouvia, palavra por palavra. O pequeno

Hassan estava mostrando a Ava e a Kinnah como se escreviam as letras que ele conhecia. Elas as escreviam em suas folhas de papel. O bebê de Kinnah, limpo e alimentado, olhava tudo atentamente com seus grandes olhos castanhos.

Todo mundo estava aprendendo.

A escola não estava fechada de modo algum.

VINTE E SEIS



Degrau por degrau, Parvana subia na escada levando numa das mãos uma lata de tinta que sobrara de quando a escola fora construída. Ela subia com muito cuidado, apoiando cada pé com firmeza antes de impulsionar o corpo para cima. A lua dava luz apenas suficiente para ela conseguir ver para onde estava indo.

O exército estrangeiro agora bombardeava uma zona cada vez mais perto da escola. Todo dia apareciam mais helicópteros, mais jatos fazendo voos rasantes sobre a escola e roncando tanto que os ouvidos de Parvana doíam. Além disso, intensificava-se a fuzilaria vinda das colinas. Vários mísseis foram cair na colina que ficava logo atrás da escola.

A fuzilaria era quase ininterrupta. Parvana não saberia dizer se estavam atirando contra a escola ou atirando em outro alvo, e a escola apenas se encontrava no caminho. Afinal, alguns dos atiradores ou eram muito ruins de pontaria ou estavam tentando assustar as crianças. Quando Parvana ou Maryam saíam para a horta para pegar cebolas, ou iam ao galinheiro para buscar ovos, as balas atingiam a terra perto delas. Cápsulas se chocavam contra as paredes atrás delas.

— Talvez eles não saibam que isto é uma escola
— disse Asif.

Foi então que Maryam interveio com sua voz aguda, dizendo que eles deviam pintar a palavra escola no telhado da escola, em inglês, com letras grandes, para que os estrangeiros, caso fossem eles os autores dos disparos, soubessem que ali era uma escola e não os atacassem.

Quando Parvana chegou ao telhado, teve um momento de pânico. Ela não conseguia se lembrar de como se escrevia “escola” em inglês! Tinha um agá ou não? Provavelmente não. O agá não faria o menor sentido, mas ela tinha certeza de que já vira o agá na palavra.

Ela começou pelo S de *school*, pintando-o grande e largo. Pintou o C porque sabia que ele vinha em seguida.

Então ela parou. Simplesmente não conseguia lembrar. “E se um dos atiradores fosse professor de inglês”, pensou ela. E se ele visse que ela escreveu errado uma palavra tão simples e concluísse que a escola não é boa e merece ser destruída? Ou ainda se achasse que na verdade ali era um reduto do Talibã, que procurava fingir que ali era uma escola?

Parvana puxava pela memória, mas nada.

Então ela ouviu um sussurro.

— S-c-h-o-o-l — Badria soletrou.

Badria estava no alto da escada.

— Você está louca? Desça!

— Asif achou que você devia estar tendo dificuldade com a grafia — disse Badria. — Então ele me falou o que dizer.

— Diga a ele que consigo vencê-lo em ortografia em qualquer dia do ano! — sussurrou Parvana para ela. — Agora desça e volte para dentro. E muito cuidado!

Badria disfarçou um riso e desceu a escada.

Já se tinham passado dois dias desde que ela deixara o recado no escritório da sra. Weera, e Parvana tinha certeza de que perdera seu tempo e a última carga de celular tentando localizá-la.

Eles não receberiam nenhuma ajuda. Ninguém iria resgatá-los. Eles estavam sozinhos, e o tempo estava se esgotando.

Eles calcularam o quanto restava de comida e concluíram que podiam viver por um bom tempo com o que tinham armazenado. Tinham um bom suprimento de água, graças à bomba que uma das instituições beneficentes estrangeiras tinha instalado, e tinham muros altos e grossos que lhes davam alguma proteção.

Mas Parvana sabia — todos sabiam — que bastaria um foguete, uma granada, uma bomba, um homem armado para que toda a comida, toda a água e todos os muros perdessem todo o significado.

E a polícia podia voltar a qualquer momento.

Eles tinham de ir embora.

Mas para onde iriam?

Parvana já vagara antes pelo deserto com crianças famintas. Ela não estava morta de vontade de repetir a experiência. Mas como eles poderiam esperar pela volta do marido de Kinnah — e sabe-se lá quem viesse junto? Vagar pelo deserto era melhor que isso.

Ela se concentrou na pintura e terminou o trabalho.

O vale estava em silêncio. Talvez os atiradores tivessem ido dormir. Lá no telhado, Parvana sentia-se perto das estrelas e resolveu deixar-se ficar ali por um instante antes de descer. Ela precisava de um pouco de tempo para si mesma. Precisava pensar na mãe.

Ela queria que sua mãe tivesse gostado mais dela. Ela queria não ter dado tantos problemas à mãe. Elas pareciam estar o tempo todo brigando. Elas brigavam quando as coisas iam bem, quando moravam numa bela casa e Parvana estava na escola, antes do Talibã. Elas brigavam quando as coisas iam mal, quando moravam num cômodo em Cabul, sua mãe presa lá pelo Talibã, enquanto Parvana saía para trabalhar. Elas brigavam no campo de refugiados, quando a mãe tentava obrigar Parvana a obedecer, sendo que Parvana vinha vivendo sua vida muito bem havia muito tempo. E elas brigavam na escola, quando finalmente estavam vivendo o sonho pelo qual tanto tinham lutado.

“Mas eu a amava”, pensou Parvana. “Será que ela me amava?”

Sua mãe cuidara dela no campo de refugiados, quando Parvana estava tristíssima por causa da morte da pequena Leila. E ela elogiou Parvana quando sua turma atuou bem no festival.

Sim, sua mãe a amava.

Mas nem sempre gostara dela.

E, quando Parvana pensava seriamente sobre isso, tinha de reconhecer que ela também não gostara de sua mãe. Pelo menos não o tempo todo. Mas ela a amara muitíssimo. E iria sentir saudades dela.

Ela estava tão absorta em seus pensamentos que quase não notou que alguém — ou alguma coisa — estava vindo devagar na estrada em direção à escola. No escuro, ela não podia distinguir o que era. Parecia um animal, e emitia som de sinos.

Ela encostou o corpo no telhado e viu a coisa surgir da escuridão da noite e parar no portão da frente da escola.

Era um vendedor ambulante. Parvana viu um homem magro, de barba comprida, numa carroça. Panelas e caçarolas pendiam da carroça — o barulho que elas faziam eram os sinos que ela ouvia. Parvana viu cadeiras, rodas, tábuas e outras coisas se erguendo em pilhas altas na carroça. Viu um cavalo velho e cansado farejando a terra.

O ambulante desceu da carroça e bateu no portão.

Parvana desceu cambaleante a escada e atravessou o pátio antes que Asif saísse da sala do guarda.

— É uma hora estranha da noite para estar vendendo coisas — sussurrou Parvana.

— Talvez ele esteja perdido e precise de abrigo para passar a noite.

— Pode ser que seja uma armadilha.

— O Talibã não precisa usar armadilhas contra nós — disse Asif. — Eles podem simplesmente nos fazer explodir. Os estrangeiros também podem.

Asif abriu um pouquinho o portão. Parvana ouviu o homem dizer que estava perdido e que pagaria se lhe dessem água para o cavalo e deixassem que ele e sua carroça passassem a noite dentro da área murada, a salvo de bandidos.

Asif nem olhou para Parvana para pedir permissão. Ele simplesmente abriu o portão e deixou o homem entrar.

Puxando as rédeas do cavalo, o homem e sua carroça adentraram o pátio. Ele parecia mais baixo no chão do que parecera a Parvana quando ela estava no alto do telhado. Ele tratou de desengatar a carroça. Ava trouxe um balde de água para o cavalo.

Só quando o cavalo estava bebendo o homem olhou para cada uma das crianças, passando de uma a outra.

Eu devia ter pegado uma arma, pensou Parvana. Ela voltou os olhos para um lado e para outro, procurando a vara ou pá que estivesse mais perto.

Por fim, o homem se aproximou e parou diante de Parvana. Ele olhou direto nos olhos dela.

Os dois eram exatamente da mesma altura.

— Bem — disse ele. — Não é exatamente a Torre Eiffel, não é?

Parvana não conseguiu entender o que ele estava dizendo.

Mas de repente entendeu.

Ela estendeu a mão, agarrou a barba do homem e puxou.

A barba se soltou.

Por trás da barba estava sua velha amiga Shauzia.

— A senhora Weera me mandou aqui — disse Shauzia. — Em que posso ajudar?

VINTE E SETE



Não havia muito o que falar nem tempo para isso.

— Há uma casa segura numa aldeia a trinta quilômetros daqui — disse Shauzia. — Vocês podem ficar lá por um ou dois dias, até eu conseguir arranjar outro lugar para vocês irem. Nós vamos levar algum tempo para retirar vocês destas paragens, mas não se preocupem.

— O que você quer dizer com “nós”? — perguntou Parvana.

— Os auxiliares da senhora Weera — disse Shauzia com um sorriso. — Você devia saber. Você trabalhou com ela em Cabul.

— Mas... — Parvana estava lutando para aceitar o que estava bem diante dela. — Você devia estar na França!

— França? — perguntou Asif. — Essa é a garota para quem você vivia escrevendo? — acrescentou ele, olhando para Shauzia. — Eu pensei que ela tinha inventado você!

— Você escreve para mim? — perguntou Shauzia.

— Não ligue para o que Asif diz. Ele não passa de um menino chato que encontrei numa caverna. Por que você não está na França?

— Só consegui chegar até o Paquistão. Fui cooptada para um dos trabalhos da senhora Weera. Você se lembra de como é?

Parvana se lembrava. A sra. Weera era uma interminável série de trabalhos.

— Agora faço parte de uma organização — disse Shauzia. — Nós resgatamos garotas de maridos e de pais ruins e conseguimos abrigos e lugares seguros para elas. Alguns homens têm altos cargos no exército ou na polícia. Se eles nos achassem, nos matariam. E os estrangeiros os apoiariam. Ninguém quer um bando de mulheres atrapalhando seus planos — disse ela, e fez uma pequena pausa. — Sinto muito por sua mãe — acrescentou. Depois ela olhou para Maryam. — Você cresceu. E esse é Ali?

— Esse é Hassan — respondeu Parvana. — Ele também foi achado por mim. Ali não resistiu.

— E seu pai?

Parvana sacudiu a cabeça.

— Oh. Isso é muito ruim. Você gostava muito dele — disse Shauzia, e mudou de assunto. — Vou tirar todos vocês daqui às escondidas.

— Às escondidas? — perguntou Maryam. — Isso parece muito perigoso.

— Viver é perigoso — disse Shauzia. — Mas todos somos corajosos, não?

Parvana olhou para sua velha amiga e tentou ver a menininha de quem ela se lembrava naquela jovem mulher confiante que se movia com tanta rapidez e força, como se não houvesse problema que ela não conseguisse resolver. Ao lado dela, Parvana sentia-se inepta e velha.

“Eu só estou cansada”, pensou ela quando Shauzia lhes contou que resgatara, em outra província, uma moça que era espancada pelo pai e pelo irmão.

O final de sua história foi cortado pelo barulho dos caças em voo rasante sobre o vale.

— Que grosseria — disse Shauzia quando o barulho diminuiu. — Não suporto esses estrangeiros. Estamos no meio da noite. Bebês estão tentando dormir.

Pouco depois, ouviu-se o barulho de uma explosão. Não muito perto nem muito longe também.

— Vamos tirar proveito desse absurdo — disse Shauzia. — Em quanto tempo vocês estarão prontos?

Era só o tempo de recolher um pouco de comida, água e cobertores. Então só sobraria tempo para uma breve oração no túmulo de sua mãe antes que todos subissem na carroça.

— Todos debaixo da lona — disse Shauzia. — Vocês vão ficar meio apertados por algum tempo, mas logo que sairmos desse vale e ficarmos fora do alcance dos olhos de quem quer que esteja nas colinas, será mais fácil.

Pouco depois, em meio ao barulho de ainda mais aviões, e sob a escuridão do céu da madrugada, o ambulante, o cavalo e a carroça passaram devagar pelo portão, tomaram a estrada e se afastaram da aldeia. As panelas e caçarolas estavam amarradas e já não faziam barulho. O animal puxava a carroça noite adentro, as rodas deslizavam na terra, e os cascos do cavalo, envoltos em panos e estofos, faziam pouco ruído.

Parvana estava na parte da frente da carroça, coberta com uma manta, mas podendo dar uma espiada na estrada. Atrás dela, sob trouxas falsas, as outras crianças permaneciam caladas e quietas. O ritmo da marcha do cavalo embalava os pequenos, fazendo-os dormir em meio ao som dos aviões, e

eles conseguiram sair do vale sem ser atingidos por disparos.

— Vocês querem dar uma última olhada em sua escola? — perguntou Shauzia. Ela fez a carroça dar meia-volta para que pudessem olhar através de uma abertura entre as colinas. Agora o céu estava mais luminoso. Eles se encontravam num leve aclave. Podia-se ver claramente a palavra ESCOLA pintada no telhado com tinta branca brilhante no papel alcatroado preto.

As crianças afastaram seus cobertores para dar uma olhada.

O barulho de um jato em voo rasante veio do vale atrás deles.

Parvana teve a impressão de que as coisas aconteciam em câmara lenta: o avião voando sobre a escola, a bomba caindo como cocô da barriga do avião, a explosão que abriu um rombo na parede da escola semelhante a uma flor gigante.

Shauzia não esperou que a poeira baixasse. Ela tornou a girar a carroça e eles seguiram caminho.

Parvana se deitou sob a lona, segurou a mão de Maryam e pôs o braço em torno de Ava. Ela olhou para Asif à fraca luz da manhã e não conseguiu pensar em nada para dizer.

As crianças viajaram o dia inteiro. A noite caía quando Shauzia aproximou a carroça de uma porta indistinguível de qualquer outra, aberta numa parede sem que pudesse ser facilmente vista.

Ela desceu da carroça, bateu à porta e disse:

— A senhora Weera me mandou aqui.

O portão se abriu e lhes deram passagem.

Todos desceram da carroça e cruzaram uma área com jardins e um balanço de crianças. Shauzia os levou para dentro da casa.

As mulheres que cuidavam da casa receberam-nos com abraços e sorrisos. Era uma casa quentinha, iluminada e com cheiro de comida boa.

Parvana pegou o chá que lhe passaram e se deixou cair num *toshak*. Em toda a sua volta só havia gentileza e sossego, mulheres adultas cuidando umas das outras e de crianças. Ela ouviu risos e conversas de mulheres sobre arrumação de camas.

Asif encostou as muletas na parede e se deitou no *toshak* ao lado de Parvana.

— Gosto de sua amiga — disse ele.

— Eu lhe disse que ela existia de verdade.

Shauzia não parava quieta. Ela ficava andando de um lado para outro, falando com as mulheres que ajeitavam as coisas, ajudando as jovens. Ela parecia radiante, animada e à vontade.

A única coisa que Parvana sentia era a sensação de perda. Perda de sua mãe, perda de seu trabalho, perda de sua escola. Até a perda de sua amiga, porque, embora Shauzia estivesse ali no quarto com ela, a Shauzia com quem ela conversara mentalmente e por meio de seu caderno era a Shauzia que estava num campo de alfazemas, planejando uma visita à Torre Eiffel.

Aquela não existia, e agora Parvana sentia como se não tivesse com quem conversar.

Então ela se sentou de repente, derramando o resto do chá de sua xícara na perna de Asif.

— Ei!

Parvana se aproximou de Shauzia, afastou-a das mulheres com quem ela estava conversando e conduziu-a para o sossego do pátio.

— Eu me esqueci de uma coisa — disse ela. — Preciso voltar.

— Do que é que você está falando?

— Tenho de voltar.
— Por quê?
— Deixei meu pai para trás.
— Seu pai?
— A mochila dele. Eu não trouxe a mochila. É só o que me restou dele. Tenho de voltar.

Shauzia lhe agarrou o braço.

— Você não pode fazer isso! Não há nada lá. Eles bombardearam a escola, lembra-se?

— A mochila talvez ainda esteja lá — disse Parvana. — Já me aconteceu de revirar ruínas antes e encontrar coisas em bom estado. Encontrei Hassan nas ruínas de uma aldeia bombardeada. — Ela se desvencilhou de Shauzia.

— Os estrangeiros a destruíram — disse Shauzia. — Talvez eles tenham cometido um engano ou quem sabe quiseram mesmo bombardear a escola. De toda forma, eles estarão vasculhando tudo. E, se os estrangeiros não estiverem lá, o Talibã estará, ou algum outro exército estúpido. Quem quer que esteja lá, não gostará de você!

— Eu vivo no Afeganistão tanto tempo quanto você — disse-lhe Parvana. — Sei cuidar de mim.

— Espere para ver como se sente amanhã de manhã — disse Shauzia.

— Não. Preciso sair agora — disse Parvana. Ela sabia que, se esperasse até de manhã, iria desistir. Era uma viagem estúpida, mas ela tinha de fazê-la.

Shauzia parecia querer fazer Parvana desistir. Em vez disso, porém, ela disse:

— Dê-me um minuto.

Parvana ficou no pátio. Ela olhou pela janela. Hassan subira no colo de Asif e caíra no sono. Kin-nah embalava seu bebê. Maryam e Badria estavam

praticando uma de suas danças. Uma das mulheres escovava os cabelos de Ava. Todos estavam bem.

Se lhe acontecesse alguma coisa, pelo menos ela cumprira sua tarefa. Todos estavam em segurança.

Então Shauzia voltou com um cobertor e um embrulho com comida.

— Não é difícil encontrar o caminho de volta — disse ela. Shauzia explicou a Parvana como achar o caminho. — É melhor não ter um mapa desenhado. Quanto menos coisas escrevermos, melhor. Não queremos nenhum exército aparecendo por aqui.

Ela entregou a comida a Parvana.

— Não posso ir com você — disse ela. — Tenho de levar os outros para a outra casa segura. Não fale com ninguém. Você não saberá em quem confiar. E se você for capturada pela polícia ou por seja lá quem for, fique calada o mais que puder. Não diga uma palavra. Seu silêncio a ajudará a manter a calma. Seja lá o que você diga, eles vão se agarrar a isso, distorcer e fazer você enlouquecer. Dê-me uma oportunidade de transferir todo mundo daqui. Melhor ainda — acrescentou ela —, não se deixe pegar. Faça o que precisa fazer e volte para cá. Alguém aqui saberá para onde levei todo mundo.

Parvana abraçou a amiga apressadamente e se pôs a andar. Ela não tornou a olhar pela janela nem se despediu de ninguém.

Ela andou durante toda a noite, escondeu-se entre rochedos durante o dia, depois se pôs a andar de novo.

Ao amanhecer do segundo dia de caminhada, Parvana chegou à escola. Ela sabia que fora bombardeada, mas ainda assim ficou chocada quando a viu.

Não havia mais ninguém lá. Ela examinou o que antes havia sido uma parede.

Parvana apanhou xícaras quebradas e jogou-as fora, levantou cadeiras e pedaços de quadro-negro caídos. Os restos de um cadeado estavam não muito longe de onde ficava o depósito. Ela foi andando em meio às ruínas, fuçando até encontrar a mochila do pai sob os destroços de uma mesa.

A mochila estava intacta.

Ela a abriu e pegou um velho exemplar de *O sol é para todos*. Era um dos últimos livros de seu pai. Ela, Asif e Hassan tentaram comer suas páginas quando estavam vagando sozinhos e famintos.

— Acho que podemos te comer de novo se for preciso — disse Parvana.

Ela pendurou a mochila nos ombros e se voltou para ir embora.

Parvana esbarrou o pé numa tabuleta quebrada da escola. Todas as palavras tinham sido destruídas. Das palavras *Academia Leila* não ficara nada. Restara apenas a palavra *Esperança*. Parvana a apanhou, ajeitou-a no alto de um monte de escombros e tirou a poeira.

Ela tinha tirado quase toda a poeira dos interstícios e escaninhos da palavra quando os caminhos do exército americano apareceram.

Os soldados desceram, e Parvana deixou sua escola pela última vez.

VINTE E OITO



— Quer dizer alguma coisa antes de partir? — perguntou o major.

Eles estavam fora da prisão, sob um sol luminoso. Parvana tinha grilhões nos tornozelos e algemas nos punhos. Dois soldados fortes a seguravam, um de cada lado.

— Você está sendo transferida para a prisão a norte de Cabul — disse ele. — Tentei te proteger, mas você não me deu escolha. Poderia ter falado conosco, mas decidiu não falar. Espero que o que está escondendo, seja lá o que for, valha o sacrifício.

Parvana pensou em Kinnah, que não sofreria mais abusos do velho com quem fora obrigada a se casar. Pensou em Ava, que agora estaria com pessoas que gostavam dela. Pensou em Badria, e teve certeza de que os amigos de Shauzia encontrariam um professor que percebesse o quanto ela era inteligente. Pensou em Maryam, que daria um jeito de cantar fosse lá o que quisesse cantar; em Hassan, que iria crescer para ser gentil com as mulheres em sua vida, e em Asif, que estava agindo de forma mais madura do que aqueles homens que jogavam bombas, atiravam, gritavam, atacavam e causavam tanta dor a todo mundo.

E pensou em Shauzia, que poderia continuar a mostrar o gostinho da verdadeira liberdade a garotas que queriam apenas uma chance para viver.

— Sim — respondeu ela com um sorriso. — Vale o sacrifício.

Parvana não queria chorar.

E então ela ouviu outra coisa.

Era o som da buzina de um carro. Ele se aproximou e parou bem perto de Parvana. Ela sentia o calor do motor na parte de trás de suas pernas.

— Soltem-na imediatamente!

Uma voz alta e autoritária de mulher soou aos ouvidos de Parvana como um canto de passarinho.

— Afastem essas armas de meu rosto. O que é que vocês querem, tratando dessa maneira uma criança afegã em seu próprio país? Com ordens de quem vocês ousam fazer isso? Tirem esses grilhões dela!

Ali, diante de Parvana, estava o rosto belo e furioso da sra. Weera, Membro do Parlamento.

— Eu represento o Parlamento do Afeganistão. Tenho em mãos uma carta do presidente do país pedindo que libertem essa criança e a ponham sob minha custódia imediatamente, e se vocês hesitarem nem que seja um segundo, se vocês se permitirem piscar ou respirar antes de obedecer a essa ordem, vou fazer com que a Anistia Internacional, a Human Rights Watch, o Fundo das Nações Unidas para a Infância, a União Americana pelas Liberdades Civis e todos os canais de televisão do mundo caiam em cima de vocês como uma tonelada de tijolos!

O major ia discutir, mas a sra. Weera se postou diante dele e ficou gritando até que ele deu a ordem, e Parvana foi libertada.

A sra. Weera a agarrou com uma firmeza tal que era igual à de qualquer grilhão. Ninguém poderia tirar Parvana dela.

— Entre na van — ordenou a sra. Weera.

Parvana entrou na van do governo, e a sra. Weera sentou-se ao lado dela. A porta bateu e o veículo partiu.

Elas estavam passando pelas latas de lixo.

— Pare! — gritou Parvana.

A van parou. Parvana saltou da van, tirou a mochila do pai de cima de um monte de lixo e tornou a entrar na van. Elas se afastaram rapidamente da base e se embrenharam no mundo.

— Estou vendo que ficar mais velha não fez com que você se metesse em menos encrencas — disse a sra. Weera.

— Eu não revelei nada a eles — disse-lhe Parvana.

— Claro que não. Você é muito mais dura que eles. Que tal se livrar desses trajes militares? Acho que se você olhar debaixo daquele cobertor, no banco aí atrás, vai achar o que precisa.

Parvana se voltou, levantou o cobertor, e lá estava o rosto sorridente de Shauzia.

— Acho que ainda precisamos pôr nossa conversa em dia. Você está bem?

— Estou ótima — disse Parvana.

Ela não sabia como eles a tinham localizado. E naquele momento ela não precisava saber.

— E agora? — perguntou a sra. Weera.

— Estou pronta para ir à França — disse Shauzia. — Já estou farta de aventuras. E você, Parvana? Quer ir para a França? Subir na Torre Eiffel?

— Sim — respondeu Parvana. — É exatamente o que quero fazer.

— Então vamos — disse Shauzia. — Já é hora.

Parvana se recostou no banco e, pela janela, viu pedras, poeira, pobreza, terra desértica e o povo de sua terra trabalhando duro. Pessoas que apenas queriam viver, rir e não sofrer tanto.

A França seria calma, limpa e tranquila. Ela poderia aprender a falar francês, andar por onde quisesse e construir seu próprio futuro.

Haveria de ser uma vida boa. Uma vida que qualquer um gostaria de ter.

Ela se perguntava se aquilo bastaria.

— Por outro lado — disse ela —, talvez a gente pudesse resgatar mais algumas garotas antes. Afinal de contas, agora já sabemos fazer isso.

— Acho que podíamos salvar mais algumas — concordou Shauzia. — A França não vai sair do lugar.

— Numa das caixas no chão ali atrás, há alguns folhetos que precisam ser dobrados — disse a sra. Weera. — Vocês não vão se importar de fazer um trabalhinho enquanto seguimos viagem.

Shauzia pegou os folhetos e passou uma pilha a Parvana.

— Então — disse Parvana —, é mais do mesmo. Mais fome, mais medo e mais trabalho.

— Isso é o Afeganistão — disse Shauzia. — O que é que você quer? Um final feliz?

NOTA DA AUTORA

Quando eu soube que o Talibã tinha tomado o poder no Afeganistão em 1996, e dos crimes que eles estavam cometendo contra mulheres e garotas, resolvi me envolver no problema. Isso me levou a uma viagem que resultou no livro sobre Parvana e Shauzia.

Desde então, os leitores ficaram se perguntando o que acontecera com Parvana depois que se reuniu a sua mãe e irmãs e passou a morar num campo de refugiados, continuando a escrever cartas a sua amiga Shauzia. Parvana e Shauzia são personagens de ficção, mas em minha cabeça elas são pessoas reais, e eu me perguntava como elas estavam se saindo num Afeganistão em guerra há mais de três décadas.

Em fins de 1979, a União Soviética invadiu o país, mas, mesmo depois de ter sido derrotada em 1989, a guerra continuou, pois vários grupos disputavam o controle do Afeganistão. A milícia Talibã, um dos grupos que a certa altura os Estados Unidos e o Paquistão financiaram, treinaram e armaram, assumiu o controle de Cabul, a capital do país, em 1996. Eles impuseram leis brutais e repressivas a mulheres e meninas. As escolas para meninas foram fechadas, as mulheres já não tinham permissão para trabalhar fora de casa, e impuseram-se normas severas sobre os trajes que deveriam usar.

O Talibã também apoiou a Al-Qaeda, organização terrorista responsável pelos ataques nos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001. Em resposta, os Estados Unidos levaram uma coalizão de nações a participar de uma guerra no Afeganistão. O Talibã

foi derrotado, e em fins de 2005 aprovou-se uma nova constituição, elegeu-se um novo presidente e um novo parlamento.

Mas a luta continuou. O Talibã voltou a lutar contra o governo do Afeganistão, e várias forças militares estrangeiras permaneceram no país. Outros líderes regionais, conhecidos como senhores da guerra, dividiram-se em vários grupos e continuaram a lutar pelo poder. Muito dinheiro foi enviado para o Afeganistão para o trabalho de reconstrução. Infelizmente, grande parte desse dinheiro foi desviada para a guerra ou para a corrupção em todos os níveis.

O povo afegão está tentando reconstruir suas vidas e seu país em meio a esse cenário. Os anos de guerra e repressão deixaram o Afeganistão carente de muitas coisas básicas de que outros países dispõem. Escolas, livros, giz e professores habilitados são recursos ainda muito raros. Metade das crianças do Afeganistão ainda não tem acesso a nenhum tipo de instrução escolar. Muitos afegãos ainda vivem em campos de refugiados improvisados, sem água, sem saneamento básico nem eletricidade.

E a situação continua difícil, principalmente para as mulheres e para as crianças. Seu cotidiano ainda é ameaçado por homens-bomba, conflitos armados e outras formas de violência.

A violência contra mulheres no Afeganistão continua devido à pobreza, à progressiva instabilidade causada por décadas de guerra e à adesão de muitos a um sistema de valores segundo os quais as mulheres são propriedade e devem calar-se e obedecer. Embora existam leis escritas contra o casamento forçado — e contra o casamento de crianças —, essas leis raramente são aplicadas. As lutas pelos direi-

tos das mulheres continuam, escolas femininas são queimadas e mulheres ativistas são assassinadas.

Atualmente, alguns países estrangeiros, inclusive os Estados Unidos, estão se preparando para retirar suas tropas do Afeganistão. Mas a guerra continua, e não se sabe ao certo quem terminará por vencer.

Para o povo afegão, a vida deve continuar. E indivíduos como Parvana, Shauzia e a sra. Weera estão trabalhando para tornar a vida melhor. Elas e muitíssimas mulheres afegãs, além de homens e crianças, são aqueles que o mundo precisa apoiar. Temos essa dívida com eles.

SOBRE A AUTORA E A OBRA

Deborah Ellis nasceu no Canadá em 1960. Ela é uma escritora e ativista política, da paz e do feminismo, e ficou conhecida por escrever histórias ambientadas no Afeganistão. A venda de seus livros de mais de 1 milhão de dólares em *royalties* foi destinada à organização Canadian Women for Women in Afghanistan. Por meio de seus livros, já se consagrou ao receber diversos prêmios literários, tais como o Governor General's Award, o Jane Addams Children's Book, o sueco Peter Pan, o University of California's Middle East Book, o Vicky Metcalf pelo conjunto de sua obra, o Ontario Library Association's President for Exceptional Achievement e, em 2006, foi nomeada para a Order of Ontario.

Ao pensar no tema tratado neste livro é possível perceber que um dos propósitos de vida da autora é olhar para a situação dos desprivilegiados. Portanto, o tema de **Meu nome é Parvana** se encaixa em “Encontros com a diferença”, o que sugere uma infinidade de observações, visto que os alunos de 8ª e 9ª anos do Ensino Fundamental – Anos Finais estão em momentos tão singulares de suas vidas. Os estudantes estão numa faixa etária que suscita frequentemente inúmeros questionamentos sobre si mesmos e, por meio desta obra, terão a possibilidade de relacioná-la à reflexão sobre o que é ser/estar diferente – já que os jovens dessa idade passam por transformações físicas, psicológicas, por momentos que estão vivenciando em casa, na escola, com amigos e que serão parte de sua história de vida, até social.

O gênero literário desta obra é o romance que, com origem no século XVII, formou-se da combinação de outros estilos, como as narrativas orais, as cartas, o romance medieval, etc. Por se tratar de um romance, é importante deixar claro que ele não necessariamente aborda apenas temáticas como o amor. O gênero pode abordar assuntos como a guerra, a aventura, fatos históricos ficcionalizados, como no caso das questões abordadas nesta obra.

*Parvana vai ter sempre um lugar em minha memória,
junto a personagens que eu nunca vou esquecer.*
Ana Maria Machado

Após a queda do Talibã, depois de ter perdido o pai e ter ido parar em um campo de refugiados, Parvana recomeça a vida junto com a mãe e os irmãos. Eles constroem uma escola para moças, mas acabam sendo vítimas do preconceito dos aldeões que não aceitam que mulheres estudem. A valente garota continua enfrentando desafios para tentar sobreviver em uma cidade caótica e para manter a família unida.

Escrito pela premiada autora canadense Deborah Ellis,
com base em relatos ouvidos no Afeganistão,
Meu nome é Parvana traz a comovente história
de uma menina afegã.

ISBN 978-850819088-1



9 788508 190881